



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR

*Vice-Reitoria de Pós-Graduação – VRPPG*

*Centro de Ciências Humanas – CCH*

Mestrado em Psicologia

**A EXPERIÊNCIA DE LAZER PARA ADOLESCENTES INSERIDOS  
EM CONTEXTOS VIOLENTOS.**

**THE LEISURE EXPERIENCE FOR ADOLESCENTS THAT ARE  
INSERTED IN VIOLENT CONTEXTS.**

Lisieux D'Jesus Luzia de Araújo Rocha

Fortaleza – Ceará

2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**LISIEUX D'JESUS LUZIA DE ARAÚJO ROCHA**

**A EXPERIÊNCIA DE LAZER PARA ADOLESCENTES INSERIDOS  
EM CONTEXTOS VIOLENTOS.**

**THE LEISURE EXPERIENCE FOR ADOLESCENTS THAT ARE  
INSERTED IN VIOLENT CONTEXTS.**

**Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de  
Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza –  
UNIFOR, como requisito para a obtenção do título de  
Mestre em Psicologia.**

**Área de concentração: Psicologia, Sociedade e Cultura**

**Linha de Pesquisa: Ambiente, Trabalho e Cultura nas  
Organizações.**

**Orientador: Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins**

Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Fortaleza – CE, 2009

---

R672e Rocha, Lisieux D'Jesus Luzia de Araújo.  
A experiência de lazer para adolescentes inseridos em contextos violentos /  
Lisieux D'Jesus Luzia de Araújo Rocha. - 2009.  
139 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2009.  
“Orientação: Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins.”

1. Lazer – Aspectos psicológicos. 2. Psicologia do adolescente. 3.  
Violência.  
I. Título.

CDU 159.9:379.8

---



Universidade de Fortaleza – UNIFOR  
Mestrado em Psicologia  
Sujeito, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade

Dissertação intitulada "A experiência de lazer para adolescentes inseridos em contextos violentos", de autoria da mestranda Lisieux D'Jesus Luzia de Araújo Rocha, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins – UNIFOR – Orientador

Prof. Dr. Jorge Castella Sarriera – (UFRS)

Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro – (UNIFOR)

Fortaleza, 16 de setembro de 2009

Visto: Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
UNIFOR

Av. Washington Soares, 1321, Edson Queiroz - Fortaleza, CE - 60.811-905 - Brasil - tel: 55 (0<sup>xx</sup> 55) 3477-3000

GRATIDÃO,

À PROVIDÊNCIA DIVINA QUE SEMPRE ME ACOMPANHA;

À MINHA FAMÍLIA POR TUDO E POR CADA DETALHE;

À COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM PELA MINHA VOCAÇÃO E  
FORMAÇÃO;

AOS MEUS AMIGOS PELA PRESENÇA E APOIO CONSTANTES;

AO MEU ORIENTADOR PROF. DR. JOSÉ CLERTON DE OLIVEIRA  
MARTINS PELOS RICOS E VALOROSOS ENSINAMENTOS;

AO LABORATÓRIO OTIUM E AO MESTRADO EM PSICOLOGIA DA  
UNIFOR QUE COLABORARAM E CONTEMPLARAM MEU DESENVOLVIMENTO  
NESSES ÚLTIMOS ANOS.

LISIEUX DE ARAÚJO ROCHA

## RESUMO

Diante da problemática sociocultural da violência urbana observa-se que há práticas adolescentes consideradas como lazer que acarretam danos e prejuízos para o indivíduo que as exerce e para a sociedade. Já que na contemporaneidade encontram-se relacionamentos superficiais e efêmeros, enquanto características específicas da conjuntura consumista que perpassa a constituição dos laços sociais da atual sociedade capitalista. Assim, explana-se aqui inferências teóricas e de pesquisa de campo referentes à adolescência e suas práticas de lazer, fruto desta investigação qualitativa de enfoque social realizada através de trabalho grupal com proposta de tratamento dos dados amparado nas noções da técnica da análise de conteúdo. Sendo, pois, o trabalho de campo desenvolvido através dos referidos encontros grupais em torno da temática da violência nos quais buscou-se mediante a ludicidade e discursividade recolher expressões de sentidos atribuídos às experiências de lazer de adolescentes inseridos em âmbitos violentos da cidade de Fortaleza-Ceará-Brasil. A partir deste trabalho de pesquisa emergiram, mediante a discussão dos resultados, temas centrais: divisão relacional intra-comunitária, realidade escolar deficitária, espetáculo violento, espaço vital ameaçado, família como âmbito de conflito, precariedade comunicacional, práticas diversas de lazer elegidas, posturas de significação do vivido. Na verdade, o sujeito adolescente encontra-se necessitado de descobrir e desvelar o sentido presente nas experiências que é capaz de gerar autoconhecimento e desenvolvimento pessoal e social. Até porque a perspectiva sociocultural atual apresenta-se permeada de estímulos, próprios da sociedade de consumo, que favorecem a manutenção de posturas imaturas as quais deveriam ser progressivamente ultrapassadas ao longo do percurso da fase adolescente.

**Palavras-chave:** lazer, adolescência, contemporaneidade, violência.

## ABSTRACT

In the face of the socio-cultural problems of urban violence, it is observed that there are teenage practices considered leisure that lead to damage and harm to individuals who participate in them and to society. Since contemporaneity is pervaded by superficial and volatile relationships, characteristics that are very particular of the consumerist condition that comes across the building and establishment of social ties in the current capitalist society. Therefore, this is an explanation of theoretical inferences and of field research pertaining adolescence and its leisure practices, a result of this qualitative investigation of social emphasis achieved through group work with data management proposal sustained by technical concepts of content analysis. Accordingly, the field work was developed by the mentioned group meetings over the violence theme in which it was sought through playfulness and debates to collect expressions of meanings attributed to leisure experiences of teenagers located in violent environments of the city of Fortaleza-Ceará-Brazil. As a result of this investigation, through the discussion of outcomes, central themes emerged: inter community relational division, deficient school reality, violent spectacle, threatened vital space, family as a conflicting surrounding, poor communication, varied leisure practices chosen, the individual's purposes posture. In fact, the adolescent finds itself in need to discover and unveil the existent meaning in the experiences that can bring self-knowledge and personal and social development. After all, the current socio-cultural perspective is presented replete with incentives, very particular of the consumerist condition, that encourage the maintenance of immature behaviors which should be progressively surpassed in the course of the adolescent phase.

**Keywords:** leisure, adolescence, contemporaneity, violence.



## **LISTA DE SIGLAS**

ALATIR – Associação Latino-Americana de Lazer e Recreação

CELAR – Centro de Estudos de Lazer e Recreação

CELAZER – Centro de Estudos do Lazer

CNPU – Comissão Nacional de Regiões Metropolitanas e Política Urbana

COÉTICA – Comitê de Ética em Pesquisa / Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade de Fortaleza

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente Brasileiro

EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo

FUNCAP – Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico

LABIO – Laboratório de Estudos sobre as Novas Formas de Inscrição do Objeto

NAMI – Núcleo de Assistência Médica Integrada da Universidade de Fortaleza

PIBIC / CNPQ – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

PUC-RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

SPA – Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade de Fortaleza

OMS – Organização Mundial de Saúde

OTIUM – Laboratório de Estudos sobre Ócio, Trabalho e Tempo Livre

SESC – Serviço Social do Comércio

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SESI – Serviço Social da Indústria

UNB – Universidade de Brasília

UNIFOR – Universidade de Fortaleza

WLRA – *World Leisure Recreation Association* / Associação Mundial de

Lazer e Recreação

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1.A TEMPORALIDADE SOCIAL E A CONTEMPORANEIDADE..</b>	<b>22</b>
<b>2.ALGUMAS COMPREENSÕES ACERCA DO LAZER.....</b>	<b>32</b>
2.1. Sutilezas do lazer e do ócio.....	39
2.2. Breve histórico do lazer no Brasil.....	50
<b>3.OS ASPECTOS URBANOS EM CONTEXTOS VIOLENTOS.....</b>	<b>62</b>
3.1 Conceituação e meandros da violência urbana.....	75
<b>4.A ADOLESCÊNCIA E SUA CONFIGURAÇÃO.....</b>	<b>84</b>
4.1. Os vínculos adolescentes e a constituição contemporânea.....	85
<b>5.O PROCESSO INVESTIGATIVO.....</b>	<b>93</b>
5.1. Aporte metodológico.....	93
5.2. Aspectos éticos da pesquisa.....	100
5.3. Percurso da pesquisa.....	101

<b>6.RESULTADOS E DISCUSSÕES ACERCA DA INVESTIGAÇÃO REALIZADA.....</b>	<b>109</b>
<b>7.CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>127</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>135</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>139</b>

## INTRODUÇÃO

Noticiários televisivos e mídia impressa (jornais e revistas) cotidianamente expõem fatos concernentes a aspectos relevantes, quer sejam engrandecedores ou preocupantes, para a atual constituição sociocultural. Dentre estes aspectos, diariamente há informes ou notícias que se reportam à exacerbada incidência de violência nos diversos contextos espaciais e relacionais, de tipos e amplitudes variadas, com meandros e repercussões diversificadas.

O disseminado desencadeamento de atos violentos pode levar o homem a repensar acerca do valor da vida, das escolhas realizadas, dos sentidos contidos nas experiências e, assim, mensurar a aplicabilidade que os sujeitos fazem na contemporaneidade de preceitos ou características exclusivamente humanas e imprescindíveis para a preservação e resgate da dignidade humana e de um convívio social possível, quais sejam: a liberdade e a responsabilidade.

Segundo Viktor Frankl (1990b), o homem possui instintos, contudo os instintos não possuem o homem. Tendo em vista que além de impulsos, o homem possui liberdade e é propriamente isso que o distingue dos demais animais. Pois, o animal identifica-se e constitui-se, simplesmente, pelos seus próprios impulsos. Logo, assim como o animal é seus impulsos, o homem é a sua liberdade. A liberdade, com isso, é característica permanente e definitiva do homem. Mesmo que a ela renuncie, o próprio ato dessa voluntária renúncia acontece na liberdade, sendo esta sempre atrelada à responsabilidade.

Há exceções psíquicas em que o homem se tem por não-livre, por exemplo, em situações excepcionais como ocorrem nos quadros de perturbações mentais,

mas também pode ocorrer em casos de pessoas consideradas normais através da ingestão, aplicação ou consumo de substâncias alucinógenas concernentes às drogas em geral (Frankl, 1990b).

Condição essa, de ingestão ou consumo de drogas eminentemente exacerbada na sociedade atual, denominada de pós-moderna ou contemporânea, em que a prevalência da lógica consumista permeia, inclusive, as relações interpessoais. Dispondo-se do outro como uma fonte potencial de experiência prazerosa e agradável, ao construir-se os laços sociais como passíveis de sucessivas alterações e tendenciosos ao descompromisso, indiferença e livre competição geradores de violência social.

Com isso, a sociedade de consumo implantou uma conotação de liberdade relacionada com a probabilidade de escolha em meio a uma gama de possibilidades a serem adquiridas e descartadas para dar sempre margem às novas aquisições. Onde essa liberdade de consumo ilusoriamente mune o homem de poder, prestígio e reconhecimento ao estruturar a potencialidade de consumo como diretamente relacionada com a própria possibilidade de liberdade.

Na verdade, o sujeito encontra-se necessitado de descobrir e desvelar o sentido presente nas experiências, contudo a sensação de falta de sentido tão presente na sociedade contemporânea desencadeia, às vezes, desvios ou fugas na procura do sentido autêntico e originário possibilitador de autorrealização; e essas fugas apresentam-se atualmente através do consumo de drogas e alcoolismo, bem como da ampliação e até recorrência de posturas sociais violentas (Frankl, 1990a).

Assim, o consumismo instala uma organização de mercado voltada para a procura do consumidor e interessada na manutenção dessa procura como

permanentemente insatisfeita. Isso desencadeia uma mudança posicional dos indivíduos mediante a passagem desses de produtores para consumidores, ocasião em que se afrouxa o vigor das ações coletivas, desperta-se o interesse pelas práticas de consumo e alarga-se o poder de sedução do mercado (Bauman,1998).

À eficácia da sedução mercadológica corresponde à prosperidade da sociedade consumidora (Bauman, 1998). Concomitantemente, a discrepância entre os que desejam e/ou foram seduzidos e os que têm condições de satisfazerem seus desejos ou satisfações torna-se mais acentuada. Mostra-se o consumo abundante como um distintivo de sucesso e caminho para a valoração social ao externar que possuir e consumir, até mesmo ao aderir a estilos de vida específicos, é condição imprescindível para pretensa felicidade e ilusória dignidade humana.

Esta lógica é permeada pelo mundo contemporâneo desregulamentado em que os excluídos e marginalizados, enquanto produção social, são tidos como carentes de liberdade, definida aqui em função do poder de escolha do consumidor, por serem taxados de consumidores falhos e incapazes de corresponderem aos imperativos mercadológicos e midiáticos. Já que a sociedade no intento de promover o mercado como sinal da chance, dita genérica, de enriquecimento individual em detrimento da defesa do direito à vida decente e digna aumenta o sofrimento dos marginalizados com o insulto, a interpretação da pobreza como humilhação e a negação da liberdade do consumidor.

O impressionante é que esses excluídos são subprodutos e meios de produção no incessante e interminável processo de construção da identidade social (Bauman, 1998). Identidade que, no lugar de construir-se paulatinamente, compõe-

se por uma sucessão de instantes experimentados como constantes começos agrupados, facilmente demolidos e desconstruídos.

Esta noção identitária apresenta-se congruente com uma realidade mundana em que esquecer é uma virtude talvez tão importante quanto memorizar, esquecer trás a condição de permanente abertura às contínuas adaptações e em que a memória coloca-se disponível a ser apagada ou alterada em vista da assimilação de novos conteúdos fluidos, superficiais e substituíveis. Estipula-se até que ter uma identidade fundamentada e resistente às oscilações expressa uma desvantagem ao controle e manutenção da vida, segundo a lógica pós-moderna ou contemporânea, por dificultar a mobilidade pautada por essa mesma lógica.

Propaga-se um estado de constante insegurança e incerteza, já que os componentes da rotina cotidiana dos homens tendem a uma mutabilidade, maleabilidade e flexibilidade sem precedentes; atinge-se, inclusive, a construção identitária com a instauração da exigente aquisição de novos modelos e habilidades pessoais ou materiais ao almejar a aceleração mercadológica. A instabilidade contemporânea pauta uma hostilidade em relação à constância, como característica peculiar a uma ordem segura diante do enfrentamento dos desafios atuais e futuros, o que torna o homem perdido ou confuso em meio a sentimentos de indeterminação e desconfiança.

Nesse contexto, ser pobre é pertencer ao âmbito da marginalização e da exclusão encarado como um crime e o empobrecimento como um subproduto de predisposições ou intenções criminosas, dentre elas: abuso de álcool, drogas, jogos de azar, vadiagem, vagabundagem (Bauman, 1998). Enraíza-se, por vezes, um estereótipo discriminatório, acirramento das desigualdades, falsa tolerância e,



consequentemente, desrespeita-se o direito inviolável da dignidade humana e contribui para a exacerbação da criminalidade.

A junção desta conotação de exclusão específica da contemporaneidade com a fase da adolescência, a qual é caracteristicamente permeada pela constituição identitária, por um estado de certa vulnerabilidade psicológica e social, por escolhas substanciais e relevantes que repercutem por toda a vida; pode gerar como principais problemas a violência social, bem como o uso e abuso de drogas e de bebidas alcoólicas entre estes indivíduos. Sendo a adolescência uma etapa decisiva na formação da conduta e de padrões de socialização, em que possivelmente ocorre o estabelecimento de modelos estáveis de comportamento, o que pode também ocasionar vícios referentes ao consumo de drogas e bebidas alcoólicas, assim como a eclosão de problemas de saúde e ajuste social (Pratta & Santos, 2007).

Dessa forma, os adolescentes, em constante transformação física e psíquica, podem estar susceptíveis a atravessarem sofrimentos psíquicos que os enquadram potencialmente em risco de consumo de drogas e bebidas alcoólicas, e de implicação em condutas violentas, sendo isso grave problema social e de saúde pública na sociedade atual.

Segundo os estudos de Pratta e Santos (2007) os adolescentes, enquanto possível grupo de risco ao consumo de substâncias psicoativas, apresentam variados fatores como influentes determinantes desse consumo, dentre eles destacam-se a relação com a sociedade em geral, a família e o grupo de pares ou de iguais.

Concernente aos fatores de risco e proteção relacionados ao consumo de drogas, bem como à incidência da violência verbal e/ou física, existe a variável do lazer desempenhado por esses indivíduos em questão. Onde, neste momento da pesquisa, lazer será definido de forma geral como um fenômeno que, a partir de Pratta e Santos (2007), implica um conjunto de atividades que o indivíduo realiza prazerosamente pretendendo satisfação pessoal, descanso, divertimento, participação social voluntária, desenvolvimento da capacidade criadora e formação desinteressada, o que pode denotar a cultura de um grupo ou sociedade.

Ressalta-se a relevância do lazer, em meio a outros fatores, por sua interligação com o âmbito da saúde e por acontecer em um tempo caracterizado pela ausência de certas obrigações e deveres como, por exemplo, profissionais, familiares, escolares, dentre outros. Ou seja, o lazer pode ser caracterizado como atividade que, prioritariamente, realiza-se no tempo livre.

Nesta fase específica da vida, que é a adolescência, notam-se alterações nas atividades e nos interesses referentes ao lazer. Ultimamente, têm-se conferido maior atenção às atividades adolescentes em decorrência das repercussões detectadas no desenvolvimento de doenças, comportamentos de risco e comportamentos tidos como nocivos à saúde do indivíduo e de outrem (Pratta & Santos, 2007).

O que torna relevante, como norteador desta pesquisa, averiguar o que é lazer para adolescentes, inseridos em comunidade considerada violenta na cidade de Fortaleza – Ceará – Brasil. Almeja-se, assim, detectar o que é lazer para jovens em situação de risco e se os mesmos atribuem sentido a estas suas experiências. Ciente de que ter clareza do sentido atribuído à determinada experiência pode

propiciar ao indivíduo a eleição de escolhas mais conscientes e saudáveis para si e para os demais. Logo, visa-se constatar se o fato de atribuir sentido às experiências de lazer pode evitar que jovens, em situação de risco, escolham lazeres de caráter nocivo ou prejudicial como, por exemplo, o uso de drogas e posturas violentas, atentando para o conceito de ócio nocivo, termo desenvolvido por Cuenca (2000) e que será abordado mais adiante.

Com isso, diante do que até o presente momento foi exposto, em vista de viabilizar a aplicabilidade e realização eficaz desta pesquisa desenvolvida e defendida enquanto Dissertação do Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), período 2007-2009, e com bolsa de estudo da FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pontua-se a seguir os objetivos, geral e específicos. Assim, precisamente, o objetivo geral consistiu em investigar o sentido de lazer para adolescentes, inseridos em contexto violento na cidade de Fortaleza – Ceará – Brasil. Já os objetivos específicos constaram em realizar estudos, considerados pertinentes para empreender a pesquisa aqui proposta, acerca dos conceitos de sentido da vida, lazer, ócio, tempo livre; investigar como os adolescentes, em questão, compreendem o que é lazer; relacionar o sentido atribuído ao lazer e sua implicação ou relação com a construção subjetiva do adolescente.

Já que segundo Viktor Frankl (1990b) o homem é considerado como um ser que, propriamente e em última instância, se encontra à procura de sentido. Constituído e ordenado para algo que não é simplesmente ele próprio direciona-se para um sentido a ser realizado, ou para outro ser humano, que encontra. Ser

homem necessariamente implica uma ultrapassagem, pois transcender a si próprio é a essência mesma do existir humano.

Diante da argumentação de que o homem aspira à felicidade, esse mesmo autor relata que o homem realmente anseia, em última instância, não a felicidade em si mesma, mas antes um motivo ou sentido para ser feliz. Tão logo o ser humano sintasse motivado para ser feliz, a felicidade e o prazer por si mesmos presentificam-se. Dessa forma, realização e encontro constituem para o homem um motivo para a felicidade e o prazer (Frankl, 1990b).

Contudo, na sociedade atual constata-se um desvio desse motivo de ser feliz, radicado em uma busca forçada do prazer pelo prazer, do prazer em si mesmo. Prazer, na verdade, é um efeito colateral de um sentido e de um encontro. Quanto mais se é voltado ao prazer, ou ao poder, como fim em si mesmo tanto mais este se esvai ou não emergirá (Frankl, 1990a).

No transcurso histórico da humanidade, o homem tem apresentado a necessidade de empenhar-se na realização de atividades que despertem seu interesse, gere certa satisfação, propicie convivência e integração, alegria e autorrealização. Principalmente junto ao advento da industrialização e a imprescindibilidade de dedicar-se com maior prontidão, regulação e especialização às atividades laborativas, sejam essas de estudo ou de trabalho em geral, eminentemente produtivas e funcionais em vista da geração e circulação de capital; a sociedade instaurou um tempo constituído em referência ao tempo de labor e, ao mesmo tempo oposto a este último, denominado de tempo livre.

A estrutura sociocultural ao disponibilizar este 'tempo livre', enquanto possibilidade de ser aplicado em tarefas diversas, incumbiu-se da institucionalização

de práticas de lazer. Práticas essas, geradoras de provável divertimento, descanso, desenvolvimento (Dumazedier, 1980) e, em alguns casos, o grau de satisfação é mensurado em relação direta com o poder aquisitivo disponível para ser aplicado ou investido nestas atividades. Contudo, não se pode deixar de considerar que diversas práticas de lazer contribuem para o bem-estar como, por exemplo, as concernentes às atividades esportivas ao possibilitar maior qualidade de vida com o auxílio dado à saúde física e psíquica, bem como às relações sociais.

Assim, diante da problemática exposta, pretende-se aferir os objetivos desta pesquisa mediante a realização de grupo com adolescentes, moradores de comunidade de risco por ser considerada violenta, no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade de Fortaleza (SPA) localizado no Núcleo de Assistência Médica Integrada da Universidade de Fortaleza (NAMI), servindo-se de instrumentos lúdicos (escrita, desenhos, pinturas, dentre outros) que serão melhor especificados na metodologia e ao longo do transcurso da pesquisa. Ciente das vantagens e limitações próprias referentes à escolha de realizar atividades grupais, por abranger poucos indivíduos e com a coleta dos dados de conteúdo qualitativo, enquanto representação social explicitada através de discurso e laço social, ao privilegiar o sentido atribuído para análise dos dados.

Vale mencionar que este processo conta com a interlocução de dois Laboratórios de Pesquisa vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR, sendo os mesmos: o Laboratório de Estudos sobre Ócio, Trabalho e Tempo Livre (OTIUM) e o Laboratório sobre as Novas Formas de Inscrição do Objeto (LABIO).

Diante da possibilidade de ingresso no Mestrado em Psicologia da UNIFOR, interessou-me a proposta do Laboratório OTIUM, ao desenvolver pesquisa intitulada: “Ócio, representações, práticas e funções, na sociedade que centraliza o trabalho”. O interesse foi despertado pelo fato da temática do ócio ser polêmica, porque na sociedade brasileira comumente atrela-se ócio à negatividade do termo ociosidade. Também pela relevância que acarreta para a constituição subjetiva considerar a vivência de ócio, quando escolhida e implicada de sentido; ao procurar estipular a devida diferença entre o ócio e os conceitos e vivências de lazer e de tempo livre; bem como pelo caráter peculiarmente inovador desses estudos no Brasil.

Juntamente aos diálogos com meu orientador e em meio às reuniões do Laboratório OTIUM, inteirei-me sobre pesquisa desenvolvida por um outro Laboratório do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR, o Laboratório LABIO, denominada: “Violência, Culpa e Ato: causas e efeitos subjetivos em adolescentes e jovens”. Pesquisa esta que tem como um de seus objetivos específicos: investigar o sentido de lazer na construção subjetiva do adolescente. A investigação desta temática contou com a colaboração do Laboratório OTIUM, em decorrência da temática do lazer e pelo engrandecimento e crescimento acadêmico que a interligação de laboratórios de pesquisa acarreta por meio da realização de trabalhos conjuntos.

Logo, acatei a respectiva proposta de investigação de ambos laboratórios a qual atrelou-se à demanda pessoal de pesquisa relativa à atribuição de sentido à vida e às experiências cotidianas ancorada nos estudos de Viktor Frankl (1990a, 1990b, 2005) e ao meu interesse particular pela temática, já que fiz Estágio

Curricular em Psicologia Escolar com atuação em escola pública que demandava trabalho acerca da violência adolescente.

Esta pesquisa visa, dentre outras coisas, externar a relevância dos estudos do ócio, compreendido como uma vivência propiciadora de uma elaboração subjetiva carregada de sentido original e genuíno ao possibilitar que o sujeito disponibilize de seu tempo e capacidades para o engrandecimento próprio, conseqüentemente, do outro e da sociedade em geral (Cuenca, 2000).

Considera-se que fornecer sentido autêntico à vida e, em consequência, às experiências cotidianas preenche a existência de valor e engrandece a vida do indivíduo, pois ser cômico de suas escolhas gera realização por possibilitar ao homem apropriar-se da capacidade de lidar com sua liberdade e responsabilidade diante do mundo (Frankl, 1990b).

Com isso, mediante o desenrolar desta pesquisa, desenvolveu-se um processo de troca e aprendizagem através da realização de encontros grupais junto aos adolescentes colaboradores da referida pesquisa, bem como a efetivação de publicações acadêmicas e participações em eventos científicos. Finda-se, enfim, por almejar favorecer e ampliar o conhecimento social acerca do assunto, aqui proposto, para que esse seja tratado e caracterizado com a suma relevância que originariamente possui.

A seguir, serão apresentados capítulos em que constam aspectos preponderantes para o desdobramento desta pesquisa. Inicialmente será discorrido sobre a temporalidade diante da contemporaneidade em vista de contextualizar os meandros que perpassam a realidade atual, já que a própria temática do lazer encontra-se envolta na noção espaço-temporal. Em seguida, há uma explanação

acerca do lazer quanto a pontuações referentes a sua conceituação, sua constituição histórica no Brasil e prováveis interlocuções com o ócio. Prossegue-se na caracterização de cidades e comunidades urbanas em geral imersas em posturas violentas. Faz-se, ainda, um resgate de aspectos constitutivos da adolescência, bem como relaciona-se esta fase da vida com a constituição dos vínculos na atualidade. Após as exposições de cunho teórico, discorre-se acerca do processo investigativo desenrolado com seus aportes metodológicos, aspectos éticos e percurso da referida pesquisa. Posteriormente, expõem-se resultados e discussões acerca dos dados colhidos por meio do trabalho de campo da pesquisa permeados por traços dos pressupostos conceituais. Para, enfim, apresentar considerações formuladas, até o presente momento, acerca do transcurso da pesquisa desenvolvida.



# 1. A TEMPORALIDADE SOCIAL E A CONTEMPORANEIDADE

O homem, enquanto ser eminentemente histórico, constitui-se perpassado pelas noções de espaço e tempo que permeiam as atividades e experiências humanas em meio às condições sócio-culturais do vivido. Assim, o tempo e o espaço são dimensões substancialmente culturais e precisam ser consideradas com toda a riqueza de significações que as especificam.

Mesmo que a noção de tempo e, conseqüentemente, a de espaço permeiem as relações interpessoais em todas as sociedades faz-se relevante mencionar que cada sociedade apresenta particularidades em sua configuração temporal. Para Gómez (1992), mesmo que em determinada sociedade possa haver elementos do ritmo de tempo de momentos históricos anteriores, necessariamente certos aspectos temporais novos passam a fazer parte de sua natureza própria e a imprimir-lhe suas cadências características.

Logo, como o ser humano inscreve-se nas dimensões espaço-temporais, conseqüentemente as sociedades e organizações envolvidas na sua cotidianidade também implicam-se nestes âmbitos. As organizações, em geral, constituem-se como espaços privilegiados de inserção e interação humana, ao congregar a maior e melhor parte do tempo dos indivíduos. Configura-se, assim, o espaço organizacional, quer seja laborativo, escolar, dentre outros, como repartido e imposto à apropriação das pessoas envolvidas neste contexto, ao fornecer simbolicamente identidade pessoal e social, bem como explicitar os níveis relacionais e comunicacionais empreendidos pelo homem (Chanlat, 1996).

Enquanto lugar social de estruturação das interações, os espaços organizacionais abrangem espaços individuais e coletivos, submetendo-se aos imperativos dos espaços mais amplos (espaços sociais e mundiais) nos quais está circunscrito. Estas interligações de incorporação e envolvimento do espaço organizacional com os demais espaços implicam interação imprescindível com a dimensão temporal, pelo fato das organizações serem produções e construções humanas não encontram-se eximidas da temporalidade própria do humano (Chanlat, 1996).

Assim, as formas capitalistas de produção implicam uma aceleração temporal da atividade cotidiana e uma série de modificações em torno da concepção do tempo, seu uso e medição. Diante das transformações capitalistas com o surgimento de novas máquinas e novas relações de produção, foi-se aprimorando o relógio, um instrumento antigo que atravessou um processo de aperfeiçoamento e massificação em conformidade com uma nova concepção de tempo, a qual foi sendo introjetada culturalmente como produto da industrialização a perpetuar as necessidades econômicas e sociais de medição e manipulação do tempo. Cabe ratificar que esta necessidade de precisão e medição tornou-se indispensável com o advento do capitalismo devido às novas relações de produção que marcaram um rumo diferente na interação do homem com o tempo.

O relógio deixou de ser um objeto de luxo para ser um instrumento indispensável da vida diária, para ser uma importante base material da nova ideologia da vida, do trabalho, da produção e do progresso. Assim, o relógio se converteu em um ponto de apoio de uma nova

temporalidade, de uma consciência e concepção do tempo radicalmente diferente no transcurso cotidiano do homem. (Gómez, 1992, p. 86).<sup>1</sup>

O capitalismo instaurou uma transformação temporal substancial com a precipitação de uma veiculação exorbitante concebida aos processos de produção industrial o que desencadeou uma desvinculação do homem diante do tempo e desenvolvimento da natureza. Tendo em vista que o progresso socioeconômico capitalista não pode aguardar o desenrolar do tempo da natureza para realizar as coisas, mas exige uma dinâmica de rapidez e precisão que passa a assumir o papel do tempo (Gómez, 1992).

Contudo, o tempo institui-se nas dimensões subjetiva e qualitativa, e não somente, como frequentemente estipula-se, pela objetividade e mensurabilidade. Assim, as experiências nos meios organizacionais não podem ser desvinculadas da formação e estruturação do tempo pessoal e social dos indivíduos. Quando o indivíduo adentra uma organização, o mesmo vê-se no imperativo de enquadrar-se e moldar-se ao tempo e espaço especificamente e objetivamente organizacionais. Porém, este enquadramento será permeado pela composição subjetiva de temporalidade e espacialidade deste mesmo indivíduo. Até porque o próprio tempo organizacional, assim como o espaço, encontra-se em relação com os diferentes e

---

<sup>1</sup> El reloj pasó de ser un objeto de lujo a ser un instrumento indispensable de la vida diaria, a ser una importante *base material* de la nueva ideología de la vida, del trabajo, de la producción y del progreso. Así, el reloj se convirtió en punto de apoyo de una nueva temporalidad, de una conciencia y concepción del tiempo radicalmente diferente en el transcurrir cotidiano del hombre. (Gómez, 1992, p. 86).

diversos tempos que o circundam e permeiam. Já que o tempo social não flui uniformemente, pois sua constituição encontra-se condensada em tempos “cheios” de sentido e tempos “vazios” de sentido (Beriaín, 1999).

Esta clareza da inscrição das atitudes humanas, nos níveis mais diversos, nas dimensões espaciais e temporais, o que gera implicações mútuas, alerta para o fato de que a busca, atualmente imperiosa, da qualidade de vida para os indivíduos em todos os âmbitos relacionais, não pode desconsiderar os aspectos psicológicos e sociais que integram estas duas dimensões aqui abordadas.

Mas, sabemos que na atualidade vive-se, em meio à evolução técnica e socioeconômica das sociedades de inspiração ocidental, um verdadeiro predomínio da urgência temporal na lógica do imediatismo e do efêmero (Bauman,1998). Onde estamos passíveis de vivermos, ou melhor, de sobrevivermos em espaços vazios e historicamente descontextualizados, esquecidos e perdidos em meio às obrigações, exclusivamente e estritamente governados pela lógica inescrupulosa do consumismo.

Lógica essa que cria indivíduos despersonalizados e iludidos de que são únicos e exclusivos se tiverem à disposição uma gama de produtos e serviços que atendam às necessidades de construção identitária, mediante a aquisição de determinada mercadoria. Cabe destacar que, esta mercadoria evolui e aprimora-se a cada instante, o que impele os sujeitos a permanentemente buscarem novos meios de atualizarem-se segundo as imposições mercadológicas e midiáticas. Sem este aprimoramento constante, o sujeito passa a ser excluído e marginalizado da sociedade de consumo que subjuga a cultura ocidental.

A cultura como a estrutura ou dimensão fundante da célula social (Hall, 1977) e, conseqüentemente, comunitária foi criada pelo homem para dar suporte e continência às interações e relações interpessoais, a fim de permitir e favorecer a vida em sociedade. Já que o homem é um ser de interação, transmissão, ou seja, um ser de comunicação.

Esta comunicação, na contemporaneidade das sociedades apressadas, tem se constituído por meio de uma eclosão ou explosão de conteúdos mediante uma superexcitação de estímulos. Em que a aceleração do processo evolucionário cria extensões do organismo humano através da tecnologização, dos apelos midiáticos, das exigências mercadológicas que colonizam a cultura e a própria vida em sociedade, inclusive, no âmbito das relações interpessoais.

Mais do que nunca a educação há de ser educação para a responsabilidade. Ser responsável é ser seletivo, possuir capacidade para escolher. Vivemos numa sociedade afluyente, estamos superexcitados pelos meios de comunicação de massa e vivemos na idade da pílula. Se não quisermos sucumbir na total promiscuidade desta avalanche de sensações, devemos aprender a distinguir o que é essencial do que não o é, o que tem sentido do que não o tem. (Frankl, 1990b, p. 19).

Por visar o consumo e a geração de lucro foi que se reduziu a carga de trabalho, entretanto o tempo livre disponível passou a ser institucionalizado e comercializado, inclusive no que concerne às atividades consideradas como lazer e

supostamente como ócio. Porém, o tempo livre não pode substituir ou compensar a inexistência de ócio, pois esse possui um caráter qualitativo, vivencial, livremente escolhido e não submete-se à regulamentação de um tempo preciso e estipulado como é o tempo livre, o qual está em oposição e intimamente implicado com o tempo de trabalho ou de atividade considerada obrigatória (Cuenca, 2000).

O aumento do tempo livre tem conduzido o homem ao tédio, tendo em vista que o indivíduo, ao deparar-se com a possibilidade de ter tempo desobrigado ou desocupado para gastar, não sabe o que fazer com o mesmo. Então, o homem desemboca na busca do entretenimento propagado pela indústria do tempo livre por não saber como conduzir seu tempo desocupado, dessa maneira, dá o direito a outros de o preencher.

Na atualidade, o homem ocidental contemporâneo e urbano depara-se com inúmeras relações que lhe proporciona um estado de vazio e desamparo subjetivo. Dentre as quais, pode-se citar o avanço do consumismo exagerado, a busca da imediatez a partir do desenvolvimento das tecnociências e o tempo acelerado (Berriain, 2008). Até porque a interrelação do individualismo, ou sociabilidade utilitária, juntamente ao consumo simbólico e o imediatismo são características fundantes das novas cotidianidades (Pires & Antunes, 2007).

O consumo revela-se, então, como parceiro e reforçador do individualismo: ter, ainda que simbolicamente, é percebido como o diferencial que enaltece o indivíduo, garante sua inclusão neste mundo e o faz crer nas suas possibilidades de felicidade. A nova palavra de ordem que se associa ao individualismo e ao consumo,

portanto, é o imediatismo. Nada que requeira tempo para reflexão passa impune; tudo que não tenha sua utilidade imediata claramente demonstrada perde seu valor; é o tempo da descartabilidade, do consumo imediato e da substituição de tudo aquilo que já não serve ao tempo-máquina. (Pires & Antunes, 2007, p. 106 e 107).

A percepção do tempo que se gasta como dinheiro, velocidade e precisão perpetuou a ideia de progresso e expansão. Nesta incansável e infinita busca do progresso econômico e social em detrimento da valoração e respeito à dignidade e temporalidade humana, o homem geralmente depara-se com um imperativo de aprimoramento e capacitação interminável que o amedronta pela probabilidade iminente de ser extirpado da sociedade de consumo em constante mutação. Lógica esta que perpetua a efemeridade e a fugacidade dos produtos, das aquisições e das relações na contemporaneidade.

Gómez (1992), ao tratar da configuração atual do trabalho, quando este produz pobreza generalizada e miséria, menciona que: se o indivíduo não tem sequer pode ser, e se não chegar a possuir dificilmente se capacitará a ser. Segundo Frankl (1990b), as pessoas vivem, na atualidade, num vazio existencial e esse vazio manifesta-se, sobretudo, através do tédio. “Quem não sabe de pessoas em seu redor a se queixarem de tédio, apesar de que lhes basta estender a mão para tudo possuir (. . .)?” (p. 14).

O ritmo atual das relações dá ensejo ao homem para narcotizar a frustração, o descontentamento, a não-realização de sua vontade para o sentido. A aceleração do ritmo vital pode ser concebida como um entorpecimento, em que o homem se

põe em fuga de seu interior deserto e vazio, gerando o vazio existencial como um sentimento de falta de objetivo e de conteúdo da existência. Nesta problemática da falta de realização existencial, o homem encontra-se em fuga da solidão, porquanto solidão significa “dever estar só consigo mesmo” (Frankl, 1990a).

Essa sensação de abissal ausência de sentido em sua existência, dentre outros fatores, pode ter como causa a perda da capacidade instintiva e da tradição. Pois, contrariamente ao que acontece com os demais seres animais, nenhum instinto revela ao homem o que ele precisa fazer. E ao homem de hoje nenhuma tradição diz o que deve fazer, bem como frequentemente parece desconhecer o que efetivamente quer (Frankl, 1990b).

Homem este despossuído da sua condição própria de sujeito tendo em vista que é eximido da sua dignidade, iludido de que tem muitas escolhas a fazer, mas simplesmente todas estas escolhas oferecidas o desembocam na mesma conjuntura de vazio existencial. Vazio que é permeado pela ausência de sentido autêntico de vida, sentido esse que só pode construir-se mediante escolhas pautadas em valores substanciais e denotadoras da liberdade e responsabilidade humanas diante do mundo que o circunda e das pessoas que o envolvem (Frankl, 1990b).

O prosseguimento acelerado desta sociedade governada pelas leis do mercado consumista pode desembocar o ser humano em uma esperança vaga, mas a notória percepção destes fatos constitui uma possibilidade de encaminhamento do homem para uma atitude mais autenticamente livre e respeitosa em relação aos valores vitais.

Já que a expansão das novas tecnologias de informação e da mídia passou a influenciar diferentes formas e relações na sociedade de trabalho atual e isso



reflete-se, inclusive, no chamado tempo livre/disponível, em conformidade com as afirmações de Dumazedier (1980) acerca das relações entre atividades laborativas e lazer (Pires & Antunes, 2007).

Nessa direção, é forçoso reconhecer que a imensidão de informações que são disponibilizadas nesse mundo virtual, cuja capacidade de armazenamento e circulação tem aumentado de forma muito mais acelerada do que as nossas possibilidades de acesso, apropriação e reflexão crítica, interpela o cotidiano social pós-industrial, determinando novas demandas e exigências, tanto para o trabalho quanto para o lazer. (Pires & Antunes, 2007, p. 100).

As solicitações, exigências e imperativos apresentados pela economia de mercado fazem vigorar e perpetuar a lógica consumista, ao apresentarem ao homem necessidades por meio da criação de demandas veiculadas através dos meios de comunicação. Contudo, os processos comunicacionais são susceptíveis a distorções pelo fato de serem pautados, em grande parte, pela compreensão do receptor da informação (ouvinte), já que o ocupante da condição de transmissor externaliza apenas uma porção do que pretende explicitar (Hall, 1977). Logo, a responsabilidade do receptor em absorver e digerir, ou não, o conteúdo detectado e compreendido é também de substancial relevância.

Assim, observa-se claramente a dimensão cultural e social dos indivíduos ao alertar para o risco da distorção comunicacional e a necessidade de seletividade que precisa haver diante do teor comunicado. Uma educação, prioritariamente nas

escolas e destinada aos adolescentes, que privilegie a liberdade, imprescindivelmente, atrelada à responsabilidade fornece parâmetros para escolhas e eleições mais substanciais e autênticas do uso dos tempos e dos espaços.

Já que é incontestável que a distração, recreação, o ócio e a diversão ajudam na recuperação das energias e na reconquista do equilíbrio psicológico muitas vezes desfavorecido pelo estresse da vida moderna. Por isso, faz-se necessário estes momentos de ruptura do cotidiano, assim como o reconforto alegre de um recreio, enquanto aliado na conservação da saúde e do bem-estar físico e mental (Serviço nacional de aprendizagem comercial, 1998).

Logo, o homem enquanto interlocutor de seu ambiente, pode almejar e buscar alternativas para disponibilizar seus espaços vitais em prol de uma qualidade vincular, diante dos vínculos estipulados, e ambiental, enquanto âmbitos interacionais; o que possivelmente aboliria ou, pelo menos, minimizaria o uso de posturas violentas na tentativa de resolução dos problemas relacionais e sociais em geral.

## **2. ALGUMAS COMPREENSÕES ACERCA DO LAZER**

Atualmente considera-se como importante a participação ativa do indivíduo, do grupo e da comunidade nas atividades de lazer. Em publicação do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC (1998), coloca-se a indispensabilidade do lazer ser ligado à criatividade, ao despertar da sensibilidade do homem para a vida, para o belo, para a arte. Esta concepção respalda uma forma mais adequada de lazer para os países em desenvolvimento, como alternativa frente ao que é oferecido por nações desenvolvidas, cujo lazer é majoritariamente estruturado em torno do consumo.

Na busca e engajamento em experiências de lazer pode-se, dentre tantas outras coisas, descobrir qualidades e habilidades que até então eram ignoradas pelo sujeito e isto pode ser desenvolvido e usufruído em prol de si, dos outros, do grupo. Além do que, empregar uma parcela do tempo livre em atividades geradoras de contentamento, desempenho, descanso, desenvolvimento e etc., é possibilitar manutenção e/ou restauração do equilíbrio físico e psíquico (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, 1998).

A partir dos estudos de Dumazedier (1980), o lazer pode ser definido como um tempo criativo ou não, no qual um indivíduo escolhe uma atividade através de critério prioritário, de seu interesse pessoal, institui-se assim como um tempo de liberação e de prazer. Este conceito configura-se, sobretudo, como uma oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana, logo pauta-se o lazer em função da liberação das atividades laborativas em geral.

Considerando o lazer um dos elementos que compõem a síntese dialética do trabalho como atividade humana e caracterizando-o como a busca do homem pela recomposição dos espaços criativos, do mundo objetivo, que ainda não fora assimilado, e do mundo subjetivo, que ainda não fora vivido, nada mais justo do que apontá-lo como um fenômeno que emerge do ato humano de desejar “tocar” pela sua capacidade de apreendê-lo e, também, pela sua necessidade e desejo de brincá-lo. (Pires & Antunes, 2007, p. 92).

O lazer pode ser tido como atividades que ocorrem no tempo livre, depois de realizadas as necessidades vitais e as obrigações laborais. Comporta uma ideia de aproveitamento do tempo; figura-se como um estado de permissão e de certa liberdade; engloba a noção de repouso ou ocupação voluntária, bem como de disponibilidade para engajar-se em atividades produtoras de satisfação (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, 1998).

No entanto, segundo Dumazedier (1980), o lazer não pode ser simplesmente denominado como tempo liberado, o qual inclui atividades de engajamento social nos âmbitos religiosos e políticos, bem como atividades orientadas preferencialmente para a satisfação pessoal, só ou em grupo, isto é, para o lazer no tempo livre em geral, mas também não pode confundir-se com o tempo extraprofissional, o qual comporta o trabalho doméstico-familiar. Além disso, segundo esse autor,

O lazer, uma vez que se supõe, previamente, a presença do trabalho profissional, não pode ser confundido com a ociosidade que, por princípio, é a própria negação do trabalho (. . .) O lazer não é a ociosidade, não suprime, supõe o trabalho. Corresponde a uma liberação periódica do trabalho ao fim do dia, da semana, do ano ou da vida funcional. (p. 108).

Assim sendo, o lazer existe vinculado e em relação às atividades laborativas, contudo é preciso salientar a diferença gritante entre ociosidade e ócio, ciente da contaminação negativa exercida junto ao termo ócio pelo vício da ociosidade, enquanto sinônimo de preguiça e de não querer trabalhar. Entendendo ócio, ancorado nas colocações de Cuenca (2000), como necessário, gratuito, escolhido livremente, intrinsecamente motivado e enriquecedor. Forma assim um âmbito de desenvolvimento humano que oferece possibilidades para transformação, recriação e projeção, ao conceder a oportunidade de expressão pessoal e de desenvolvimento criativo. O ócio estrutura-se como uma experiência completa e com sentido, processualmente tendo começo, desenvolvimento e final, constitui-se em um atributo da vida da pessoa, um espaço vital que a ajuda a realizar-se.

Ainda mediante Dumazedier (1980), a partir do advento da sociedade industrial, os estudiosos e pensadores sociais do século XIX presumiram a relevância do lazer, ou melhor, do tempo liberado na constituição social pela redução do trabalho industrial. Assim, considera-se que o desenvolvimento das sociedades pós-industriais no que concerne à dinamicidade temporal, atitudinal e valorativa do lazer não reside apenas na redução da temporalidade laboral decorrente do

progresso tecnológico. Tendo em vista que essa redução simplesmente explica o aumento do tempo fora do trabalho e não a ascensão geral do lazer, nesse tempo em que o trabalho supostamente não intervém. Esta ascensão encontra sua justificativa na regressão progressiva da extensão do controle imposto ao indivíduo pelas instituições sociais, bem como na nova aspiração histórica da pessoa humana à expressão de si mesma, de sua própria personalidade. Acredita-se ainda que estes fenômenos são resultado de conquistas dos movimentos sociais onde os indivíduos têm um papel ativo.

Em ressalva ao acima exposto, pontua-se que a sociedade pós-industrial não configura-se simplesmente como uma benéfica gestora que propicia abrandamento do controle institucional e dá vazão à aspiração humana de expressão pessoal mediante as atividades de lazer. Até porque, segundo o próprio Dumazedier (1980), as leis do mercado na sociedade atual tendem a padronizar os bens e serviços do lazer.

Considera-se então que, atualmente, ocorre um aprimoramento desse controle ou autoridade social, pelo viés da indústria mercadológica e midiática, ao instaurar uma sutileza e acoplamento do indivíduo e de sua estrutura identitária com as ofertas propagadas comercialmente, inclusive no âmbito do lazer.

Ora, o lazer não é um oásis a que todos têm acesso. Deixar o âmbito tão íntimo das pessoas falar, por si só, sem interferência de políticas públicas, corresponderia a deixar uma grande parcela da população calada no que se refere ao lazer, ou, pelo menos, a não colocar em prática seu desejo, a não ser para quem tivesse como pagar por isso,

no cada vez mais rentável e sofisticado mercado do entretenimento.  
(Marcellino, 2007, p.17 e 18).

A ocupação do tempo livre, na sociedade atual, com posturas e vivências ou atitudes e atividades que favoreçam o divertimento, descanso e desenvolvimento pessoal e social, opõe-se à noção de lazer-mercadoria ou à visão funcionalista do lazer, pois estabelece contradição com a lógica contemporânea do consumismo desenfreado (Marcellino, 2007).

Esta oposição com a lógica consumista existe já que, segundo (Marcellino, 2007), almeja-se que “o lazer não constitua apenas a oportunidade de recuperação da força de trabalho, ou instância de consumo alienado, ou 'válvula de escape' que ajude a manter o quadro social injusto” (p.18).

Nesta lógica contemporânea, o trabalho aparece para alguns como o objetivo das atividades humanas, já para outros, se o trabalho não é reduzido à função de simples instrumento, será um “dogma desastroso”, como coloca Dumazedier (1980). O trabalho e as demais atividades obrigatórias impelidas ao sujeito podem ser vivenciadas como agregadoras e constitutivas da subjetividade, para isso é requerido implicação e atuação consciente, ou seja, livre e responsável diante do seu entorno vital.

Para tanto, não pode-se esquecer da imprescindibilidade de atribuir sentido à vida e às experiências ao considerar a vivência do ócio como não dependente da atividade em si mesma, nem do tempo, nível econômico ou, em certas ocasiões, da formação que se possa ter o sujeito que o vivencia, mas tem a ver com o sentido de quem o experimenta (Cuenca, 2000).

Por isso que Frankl (1990b) afirma que pode-se dizer com veracidade plena que a vida tem um sentido. E mais, que este sentido se preserva intacto sob todas as condições e em todas as circunstâncias, graças à possibilidade de se encontrar sentido também no sofrimento. Trata-se da capacidade de transfigurar em realização o sofrimento experimentado em nível humano. Em suma, de dar testemunho do que o homem é capaz até mesmo nos momentos de fracasso. Quem conhece um sentido para sua vida encontra, na consciência desse fato mais do que em outra fonte, ajuda para a superação das dificuldades externas e dos desconfortos internos desencadeados, por exemplo, pela marginalidade, exclusão e pobreza social.

Ao recapitular o pensamento de Dumazedier (1980), acima mencionado, de que se o trabalho não restringir-se a um instrumento ou ferramenta para a constituição subjetiva e cotidiana do sujeito será elevado ao patamar de “dogma desastroso”, desemboca-se na realidade contemporânea onde o trabalho é algo cada vez mais escasso. Escassez decorrente prioritariamente do permanente advento tecnológico e da gama populacional desencadeada, principalmente, pela benéfica melhora em geral na qualidade de vida dos indivíduos com a diminuição dos índices de mortalidade infantil e o aumento da expectativa de vida. Em meio a esta realidade eclode um verdadeiro desespero diante da árdua tarefa de conquistar e manter um emprego formal e, mais difícil ainda, é de que este contenha algum conteúdo de realização ou gratificação pessoal, preocupação esta que também emerge e influencia desde bem cedo a vida de muitos adolescentes.

Diante deste fato surgem diversas e variadas respostas dos sujeitos, dentre elas: o emprego informal, a clandestinidade, a pirataria, a violência, o uso de drogas; respostas estas que estão imbuídas de substanciais consequências, desafios e



riscos pessoais e sociais. Mas, é relevante pontuar que o desespero tem seu alicerce em uma idolatria, na absolutização de um único valor e, de um modo geral, na aceitação e valorização de uma única perspectiva de sentido. Neste caso, a única perspectiva de sentido vislumbrada pode ser a pretensa capacidade de adquirir e conservar um trabalho formal. Trata-se, portanto, de um valor evidentemente relativo e de maneira alguma da única possibilidade de conferir um sentido à existência (Frankl, 1990a).

O sentido pode ser tido como uma autêntica realização a ser solicitada de alguém, onde o sentido da vida é algo individual que cada um deve assumir por si mesmo, que cada um deve encontrar. Logo, para evitar ou abolir uma atitude de desespero é preciso renunciar à absolutização ou divinização de um valor relativo.

Frankl (1990b), ao argumentar acerca deste assunto, cita o conhecido provérbio chinês, o qual diz que todo homem deve, durante a sua vida, ter plantado uma árvore, escrito um livro e gerado um filho. Ora sem deixar de reconhecer a nobreza e grandeza destes feitos, o autor pondera sobre que vida seria esta, cujo sentido estivesse a depender da geração de filhos, do plantio de árvores, ou da autoria de livros?

Certamente tais realizações configuram valores. Porém são relativos. Absoluto, ao invés, somente pode ser o preceito da nossa consciência. E a consciência nos ordena que sob quaisquer condições e em quaisquer circunstâncias afrontemos o nosso destino, seja qual for. E nossa consciência exige que nos posicionemos frente a esse destino, de modo a dirigi-lo, sempre que tal for possível. Mas

também devemos estar permanentemente em prontidão para assumi-lo e, se for o caso, realizar o sofrimento reto e correto de um destino autêntico. (Frankl, 1990b, p. 55).

Essa capacidade de afrontar o destino e o estipulado socialmente consiste em ser cômico da realidade que o circunda e buscar alternativas originais, criativas, enriquecedoras, autorrealizadoras e livremente escolhidas de construir-se e significar-se pessoalmente, ou seja: viver o ócio.

### **2.1. Sutilezas do lazer e do ócio**

Mediante o avanço do século XX, o acesso ao tempo livre, propriamente dito, e seu desenvolvimento como âmbito de ócio conquistou-se, progressivamente, com a alteração de seu significado. Segundo Cuenca (2004), a incidência de ócio se faz patente ao analisar o mundo do consumo, mas humanamente falando de ócio autotélico, tido como o ócio verdadeiro, este autor considera como indicador mais significativo a importância que o mesmo adquire como valor e como vivência ao longo da vida.

Ressalta-se que, a sociedade de consumo disponibiliza e, ao mesmo tempo, priva os desfavorecidos financeiramente de maiores possibilidades de diversão, ao alargar novas chances de desenvolvimento pessoal ou de alienação. Segundo Frankl (1990a), constata-se que

(. . .) a sociedade industrial satisfaz quase todas as necessidades do homem, sim, algumas necessidades são criadas principalmente pela sociedade de consumo. Só uma necessidade nada recebe, e esta é a necessidade de sentido do homem – isto é, sua vontade de sentido. Sob as condições sociais atuais ele só pode estar frustrado. (p. 26).

Assim, a verdadeira acessibilidade ao ócio não se alcança por meio de probabilidades de fazer ou adquirir, mas sim convoca a um desfrute ou fruição pessoal que só é provável a partir de um processo formativo. Chegou-se até a buscar uma identificação entre ócio e tempo livre, ao interligar o ócio com a realização de determinadas atividades recreativas, lúdicas ou culturais. No entanto, esta identificação é falsa, pois não há tempo ou atividade que definam claramente ou estritamente uma conotação quantitativa ou qualitativa da experiência de ócio. Tendo em vista que, tempo livre reporta-se a uma forma precisa de calcular e mensurar um tempo específico, enquanto o ócio é uma maneira de ser (Cuenca, 2004).

Quanto ao lazer, pelo fato deste termo proceder do latim *licere*, o qual significa o que é permitido e liberado, implica-se com a possibilidade de executar livremente tarefas tidas como não obrigatórias. Já que o lazer pode ser conceitualizado, segundo Marcellino (2007), como uma cultura vivenciada ou exercitada no tempo disponível e, assim, para além das obrigações profissionais, escolares, familiares, sociais, ao combinar aspectos temporais e atitudinais, considera-se pois o lazer como uma manifestação humana, como componente cultural. Cabe ponderar que, mediante colocações da produção do SENAC (Serviço

Nacional de Aprendizagem Comercial, 1998), pode-se inferir que a ideia de lazer se reporta a certos aspectos do conceito de ócio.

Isso é corroborado a partir das colocações de Marcellino (2007), nas quais o lazer é cabível de ser entendido

como a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída), no “tempo disponível”. É fundamental como traço definidor, o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa. (p.11).

Ainda segundo Marcellino (2007), a realização de qualquer atividade de lazer envolve a satisfação de aspirações do sujeito, ou seja, representa escolhas subjetivas ao evidenciar a opção como uma das características das atividades de lazer. Dessa forma, há semelhanças e divergências no que diz respeito às razões motivadoras, as quais são de caráter subjetivo, que levam os indivíduos a elegerem suas práticas de lazer.

Assim, esta perspectiva faz com que seja imprescindível, para que o indivíduo realize escolhas no âmbito do lazer que lhe satisfaçam, ter conhecimento (educação) e propriedade das possibilidades e abrangências que o lazer comporta.

Não há dúvidas de que as atividades de lazer devem procurar atender as pessoas no seu todo. Mas, para tanto, é necessário que essas mesmas pessoas conheçam as atividades que satisfaçam os vários interesses, sejam estimuladas a participar e recebam um mínimo de orientação que lhes permita a opção. Em outras palavras, a escolha, a opção, em termos de conteúdo, está diretamente ligada ao conhecimento das alternativas que o lazer oferece. Por esse motivo, é importante a distinção das áreas abrangidas pelo conteúdo do lazer. (Marcellino, 2007, p.14).

Ora, as características de livre escolha e necessidade de processo educativo para uma experiência originária e autêntica são alguns dos preceitos que regem a conceituação do ócio humanista, termo desenvolvido por Cuenca (2000, 2004, 2006). Realmente quando entra-se em contato com publicações da área do lazer, tempo livre e ócio, constata-se confusões e distorções conceituais. Na verdade, a palavra ócio que vem do termo latino *otium*, que significa o resultado de horas vagas, descanso, sossego, comporta a noção de tempo ou lugar de repouso, pode remeter a pausa ou certa suspensão de atividades, entretanto o termo ócio possui enraizadamente o sentido de trabalho mental, contemplação ou ocupação prazerosa (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, 1998).

As peculiaridades de cada idioma creio que facilitam a confusão reinante em meio a estes termos (ócio, tempo livre e lazer), já que, por exemplo, em espanhol não há o termo lazer e em inglês não existe o termo ócio, propriamente dito, mas em compensação tem mais de um termo que pode designar lazer. No português, da

nossa língua brasileira, existem os dois termos, contudo o ócio é tido com um caráter negativo de ociosidade carregado de conotações pejorativas de preguiça, vagabundagem, vadiagem, vícios, dentre outras negatividades mais. Com isso, como no idioma espanhol não há a palavra lazer, então, o que considera-se como lazer, na língua portuguesa, encontra-se enquadrado também no termo ócio, segundo o que é construído ou pautado pelos espanhóis.

Assim sendo, o espanhol Cuenca (2000) pautou quatro coordenadas para o ócio: autotélico, exotélico, nocivo e ausente. Segundo esse autor, as duas primeiras coordenadas possuem uma direcionalidade positiva e as duas últimas negativa. Simplificadamente, o ócio autotélico seria o chamado ócio verdadeiro; o exotélico não possui um fim em si mesmo, mas almeja uma outra coisa diferente da pura experiência de ócio; o nocivo tem caráter prejudicial para a constituição subjetiva do indivíduo bem como para a sociedade, pois pode manifestar-se através do consumo de drogas, vandalismo, alcoolismo, ou seja, violências em geral que afetam a si e aos demais indivíduos; já o ausente é a expressão do tédio, da falta de sentido de vida, da inexistência de uma meta a percorrer, é uma paralisação que aprisiona o indivíduo no fazer e perde de vista o ser, impede o sujeito de alargar-se e transcender.

Diante disso, o que Cuenca (2000) concebe como ócio autotélico pode ser considerado como o conceito mesmo de ócio; o exotélico tem características mais aproximadas do que considera-se como lazer; o nocivo são vivências danosas e prejudiciais nas quais os indivíduos podem enveredar, inclusive experimentando-as como prazer em si mesmo, fugaz, efêmero, desagregador da dignidade humana e respeito pelos demais seres humanos, incluso neste ócio nocivo podem estar

determinadas experiências prejudiciais, mas que são consideradas pelos indivíduos até mesmo como uma atividade de lazer; o ausente é o próprio tédio e pode-se até dizer que está permeado pelo caráter de negatividade presente no termo ociosidade.

O ócio pode ser concebido a partir de uma percepção pessoal e subjetiva de quem o realiza, já que o indivíduo apresenta-se com uma capacidade livre de escolha e participação em determinadas ações, eximidas de caráter utilitarista e que encaminham o sujeito à distração, satisfação e desenvolvimento. A partir de Cuenca (2000), a experiência de ócio possui como características substanciais a livre escolha e a motivação intrínseca, sendo uma experiência gratuita, necessária e enriquecedora da natureza humana.

Em vista de deter-se mais detalhadamente no assunto em questão, a partir de então serão melhor esmiuçadas, com embasamento nos estudos de Cuenca (2000; 2004; 2006), as coordenadas do ócio já pontuadas. Com isso recapitula-se que as coordenadas de direcionalidade positiva são: a autotélica e a exotélica.

Em que a coordenada autotélica pode ser tida como vivência gratificante em si mesma em nível pessoal e social, sem finalidade propriamente utilitarista, ou seja, o ócio verdadeiro como uma experiência estruturada e com finalidade intrínseca manifestando-se nas dimensões: lúdica, festiva, solidária, ambiental-ecológica e criativa. Dimensões essas que não serão abordadas aqui em profundidade. A exotélica, tida como a coordenada útil, diz respeito a uma prática de ócio como meio ou mediação para alcançar um outro objetivo, assim não é a experiência de ócio com um fim em si mesma (Cuenca, 2004).

Cuenca (2000) coloca que a dimensão produtiva é um exemplo adequado de uma experiência de ócio exotélico, que apesar de possibilitar desenvolvimento

econômico e social não constitui uma experiência de ócio do ponto de vista subjetivo. Esse mesmo autor, prossegue argumentando que os *hobbies*, enquanto entretenimento, encontram-se na posição intermediária entre a experiência de ócio autotélica e a exotélica.

Faz-se relevante mencionar que um *hobby* é tido como uma atividade na qual o indivíduo implica-se por escolha da vontade e que poderia até ser visto como um trabalho minucioso e munido de significado, à semelhança dos trabalhos artesanais, contudo a sociedade consumista contemporânea o abrangeu através do comércio com a disseminada indústria do entretenimento (Cuenca, 2000).

Já a direcionalidade negativa do ócio, como anteriormente pontuado, comporta as coordenadas ausente e nociva. A coordenada do ócio ausente apresenta-se quando o sujeito percebe o tempo eximido de obrigações como vazio e pleno de tédio (Cuenca, 2000). O sujeito desconhece uma experiência realizadora e desenvolvimentista, na qual o mesmo possa implicar-se e ser capaz de fazer escolhas firmadas em preceitos valorativamente essenciais em detrimento da superficialidade e efemeridade dos constructos consumistas.

Constructos esses que dizem e prometem oferecer muitas, variadas e felizes escolhas, contudo são ilusórias e findam por desembocar o sujeito em um vazio existencial pelo fato do mesmo desconhecer o cerne de sua realidade ontológica, ou seja, pelo sujeito encontrar-se sem sentido autêntico de vida por não ter sido educado ou mobilizado para tal fato. Assim, o ócio ausente pode ser tido como negativo mais a partir de um ponto de vista pessoal e não propriamente social.

Enfim, a coordenada de ócio nociva de direcionalidade negativa acontece quando a experiência configura-se como prejudicial para a sociedade onde esta



referida experiência realiza-se, bem como para o sujeito mesmo que a vivencia. Neste âmbito enquadram-se, principalmente, o consumo de drogas das mais diversas e a violência social em todas as suas facetas.

Com isso, pode-se perceber socialmente que esta realidade é danosa e que deve ser corrigida, prevenida e retificada, inclusive por meio de uma política de educação para o ócio. É importante pontuar que os indivíduos que envolvem-se nestas determinadas experiências consideram-se livres ao praticarem atos, como estes, de fuga da realidade (Cuenca, 2000).

Todavia, as colocações de Csikszentmihalyi, citadas inclusive por Cuenca (2006), pautam que a experiência ótima, estado ótimo da experiência humana ou experiência autotélica, enquanto vivência subjetiva, apresenta-se por demais limitada se for considerada caracteristicamente apenas por liberdade percebida e motivação intrínseca. Um dos aspectos a ser considerado ao definir o ócio exclusivamente a partir de liberdade percebida e da motivação intrínseca é que há atividades nocivas, como o consumo de drogas, o vandalismo, a violência em geral, dentre outras, que são elegidas livremente e que podem ser reforçantes, mas seus resultados dificilmente podem ser concebidos como constitutivos de experiência autêntica de ócio verdadeiro (autotélico).

Logo, conceber o ócio através estritamente das duas características acima mencionadas (liberdade percebida e motivação intrínseca) dá vazão para a experiência de ócio poder ser desencadeadora de conotação entediante, depressiva, criminosa e etc. Diante disso, pontua-se ainda a imprescindibilidade de compreender o ócio como uma experiência que agrega estas duas características, mas além disso

comportam experiências positivas e culturalmente aceitas, as quais conduzem à autorrealização e desenvolvimento.

Dentro desse contexto, emerge a relevância de atentar para as questões pertinentes a uma educação para o ócio ao atestar que a transformação do tempo livre ou, ousadamente, até do tempo considerado ocupado de trabalho, estudo ou atividades outras, em ócio não é uma tarefa espontânea. Logo, ao ponderar que as ações realizadas, por exemplo, no tempo livre são resultado de processos de aprendizagem ao longo da vida, torna-se apropriado pensar o ócio como necessitado de educação para poder ser originariamente vivido. Assim, a educação para o ócio radica seu sentido na busca de um desenvolvimento pessoal e social mediante o ócio e a vivência de seus valores (Martins, 2008).

Daí a importância da criação de um ambiente de liberdade e autonomia que, sem descuidar-se da idade do indivíduo e de sua responsabilidade agregada a seus atos, propicia independência, espontaneidade, originalidade e autonomia. A vivência de ócio madura e autônoma é fruto de um desenvolvimento humano que necessita de apoio e orientação educativa. Entretanto, o sentido do ócio não é algo que pode-se organizar, dispor, dirigir ou dar-se de antemão, mas o mesmo cresce e progredi à medida que se cultiva como resultado de um aperfeiçoamento.

Corroborando com estas colocações, Frankl (1990b) pontua que o sentido não pode ser dado, senão resultaria em moralização, o sentido deve ser encontrado. Pois na vida o sentido não se oferece como outorga, mas antes é uma invenção, um verdadeiro encontro. Logo, “será considerado bom aquilo que nos leva à realização do sentido oferecido e reclamado pela nossa realidade ontológica e mau aquilo que obstaculiza a realização do sentido” (p. 18).

Por isso, a necessidade de uma educação para a responsabilidade ao despertar no sujeito a seletividade e a capacidade de escolha. Diante disso, faz-se então imperioso identificar as atividades de ócio prejudiciais para as pessoas e para a sociedade, bem como conhecer o que poderia ser evitado e que ocorre em consequência do uso e vivência inadequada de experiências de fugacidade prazerosa e de caráter danoso. Para tanto, é preciso empreender uma atitude de alerta para os perigos e ameaças dessas experiências de ócio nocivo ao favorecer respostas criativas de cunho positivo que venham a substituir as costumeiramente apresentadas.

O conhecimento dos processos de desenvolvimento comunitário devem ser incorporados à educação para o ócio mediante a investigação dos entretenimentos de massa que refletem as tendências comportamentais positivas e negativas. Tendo em vista que uma educação comunitária ou grupal de ócio utiliza-se de estratégias de conhecimento, conscientização e ação em vista de promover sensibilização e informação aos indivíduos acerca do ócio, o que pode potencializá-los a um exercício de ócio inclusivo e de qualidade (Cuenca, 2004).

Educação essa que objetiva-se e propõe-se a auxiliar na orientação e resolução de problemáticas sociais como, por exemplo, a reabilitação de jovens em situação de risco imbuídos em comunidades violentas e geralmente carentes estruturalmente e financeiramente de condições básicas de sobrevivência, susceptíveis a engajarem-se no consumo e tráfico de drogas, o que pode disseminar a violência e o descompasso social.

Nesta contemporaneidade acelerada que gera uma redução considerável do tempo pessoalmente elegido e espontâneo, observa-se um crescente arsenal de

meios para ocupar e preencher o tempo. Até mesmo o período cotidiano que deveria ser reservado ao ócio, por respeito à dignidade e ao adequado desenvolvimento humano, tem frequentemente feito o indivíduo mais dependente e mais propício ao tédio (a entediar-se). Porque a ausência de ócio, segundo Cuenca (2004), pode ser percebida no entediamento, na falta de integração, criatividade, iniciativa e, conseqüentemente, na tristeza, na falta de sentido ou, até mesmo, na violência e no uso de drogas.

Uma série de sintomas são reveladores do mal-estar da época. E o mais curioso é que a materialidade que aparece pela via do consumo forma um discurso relacionado a uma cultura extremamente material (. . .) Nesse sentido, a falta, a dimensão do nada e a deflagração dos espaços vazios que se apresentam no cotidiano do cidadão devem ser repensados em função das conseqüências que estão trazendo para a formulação de respostas indesejáveis para o respeito e a responsabilidade cidadã. (Carneiro, 2006, p. 28).

Cuenca (2004) afirma que a realidade atual tem aumentado as possibilidades de eleição espontânea, quando sabe-se que a satisfação não está em gastar mais ou ter mais, porém está em optar pelo que gera congruência entre valores e escolhas pessoais e o entorno vital.

Almeja-se que essa ainda pretensa realidade, pelo menos no âmbito brasileiro, se faça verdadeiramente real a partir da redefinição dos hábitos, dos usos do tempo, bem como do alargamento com notoriedade da liberdade e

responsabilidade implicadas nas atitudes e comportamentos humanos. Até porque conscientizar-se da constituição temporal atual e dos mecanismos que a regem, assim como empreender um caminho de autoconhecimento, possibilita ao homem contemporâneo uma vivência pessoal e social autenticamente enriquecedora.

A fim de melhor conhecer e compreender o impacto do social e da história nas práticas de lazer brasileiras têm-se em seguida um sucinto histórico do princípio das questões referentes ao lazer no cenário brasileiro. Para tanto, recorre-se aos entornos sociais em meio à contextualização temporal e espacial dos primórdios do reconhecimento da relevância e do surgimento das preocupações iniciais em relação às práticas de lazer no Brasil. Assim como, pontuar quem foram alguns dos estudiosos expoentes e as instituições que primeiramente apoiaram e disseminaram as discussões acerca da temática do lazer no território nacional.

## **2.2. Breve histórico do lazer no Brasil**

Na segunda metade do século XIX, no âmbito internacional, originou-se o interesse pelo lazer e desenvolveram-se investigações iniciais acerca do assunto. Segundo Melo e Werneck (2004), o lazer neste período era tido simplesmente como um tempo disponível depois das ocupações. Acredita-se que, somente por volta de 1930 é que se concebeu o termo lazer como distrações ou ocupações nas quais o indivíduo se engajaria espontaneamente, por ato da vontade, no tempo não ocupado pelo trabalho ou demais atividades obrigatórias.

Segundo uma colocação trazida por Gomes (2008), considera-se o lazer como além de ser adequado e salutar em vista da reposição das forças após uma

cansativa e intensa temporada de trabalho, como um dia, uma semana ou um ano, na perspectiva do senso comum, também é bom para a reflexão acerca dos valores e das dinâmicas da sociedade. Pois através das atividades e práticas de lazer sociais pode-se detectar a configuração e os pilares onde pauta-se determinada conjuntura sociocultural.

Diante disso, com o auxílio dos estudos de Gomes (2008) e de Melo e Werneck (2004) buscar-se-á ponderar alguns aspectos do lazer no contexto brasileiro que possam auxiliar e contribuir para a presente pesquisa de mestrado aqui desenvolvida. Assim, sabe-se que desde o século XIX engenheiros e sanitaristas brasileiros envolvidos nas reformas urbanas da época da modernidade já preocupavam-se, de certa forma, com as práticas de lazer da população, contudo há indícios de que realmente a necessidade de estudar as questões do lazer aparece no princípio do século XX .

Melo e Werneck (2004) discorrem que, na década de 1930, Frederico Guilherme Gaelzer já atestava que as conquistas do proletariado, no que diz respeito a diminuição das horas de trabalho, apresentavam um problema a ser estudado e resolvido em prol dos interesses do futuro do país diante do uso adequado das horas de lazer. Inclusive estratégias públicas foram empreendidas pelo Departamento de Cultura e Recreação da Prefeitura de São Paulo, nesta mesma época, a fim de desvencilhar as questões do lazer, já que este departamento acreditava que as questões em torno da temática seriam solucionadas mediante ações pautadas em pesquisas e estudos na referida área, criou-se até o Ato n. 767 (9/1/1935), o qual abordava esse assunto.

Quanto à formação do profissional do lazer no Brasil, alertou-se mais eficazmente para isto nas décadas de 1940 e 1950 com a inclusão de disciplinas em cursos de graduação na área da Educação Física, realização de cursos de especialização e publicação de livros. Para tanto contou-se, por exemplo, com Inezil Penna Marinho e Acácio Ferreira (Melo & Werneck, 2004).

Grande contribuição, para os primórdios e subsequentes estudos e atuações junto ao âmbito do lazer brasileiro, foi fornecida pelo SESC (Serviço Social do Comércio) ao dar preponderância para o lazer como instrumento de ação sociocultural, colaborando em processos de inclusão comunitária embasados na interação propiciada por atividades livremente escolhidas e prazerosas, proporcionadoras de melhoria na qualidade de vida (Serviço Social do Comércio / World Leisure Recreation Association, 2000).

Contudo, pondera-se que no Brasil a partir de 1970 é que existiu uma sistematização e emergência de produções científicas em torno do lazer, mediante o desenrolar de pesquisas e projetos nesta área. Houve influência internacional, sobretudo pelo comparecimento de Jofre Dumazedier, a partir da década de 1960, em seminários realizados pelo SESC de São Paulo, bem como por outras instituições e em demais localidades do País, dentre elas a convite da Universidade de Brasília (UnB), do Movimento de Cultura Popular de Recife e de Autoridades Eclesiásticas de Pernambuco, contribuindo consideravelmente na literatura científica nacional (Gomes, 2008).

Gomes (2008) comenta que, até a década de 1960, a bibliografia brasileira acerca do lazer era ainda escassa, com exceção de trabalhos desenvolvidos principalmente no Estado do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo. Esta

mesma autora menciona ainda que a exiguidade de produção literária no âmbito do lazer é possível de ser compreendida ao considerar-se as características dos centros urbanos brasileiros da época.

Assim, algumas colocações resgatadas por Gomes (2008) ratificam este fato, dentre elas pode-se citar que: mesmo nas cidades caracterizadas como os grandes centros urbanos, da época em questão, o questionamento sobre a boa ocupação das horas de lazer não havia sido despertado na consciência dos estudiosos e nem na dos governantes, era como se houvesse uma certa indiferença em relação ao destino que os brasileiros davam ao seu tempo livre. Isso pode ter ocorrido, em grande parte, devido à inexistência de grandes metrópoles e ausência de certos aspectos constitutivos das sociedades de massa presentes nos países industrializados.

Cabe mencionar que o lazer era vislumbrado inicialmente no cenário brasileiro como uma alternativa de uso adequado do tempo livre. Já que os países desenvolvidos enfrentavam problemas nesta esfera pela elevação do grau de industrialização com a substituição de serviços manuais ou mesmo artesanais por máquinas o que, concomitantemente, desencadeou aumento do tempo livre. Então, os países que almejavam este patamar de desenvolvimento e, conseqüentemente, de industrialização, inclusive com a importação dos modelos culturais vigentes nos países capitalistas industrializados da época, precisavam alertarem-se para a relevância deste assunto. Ressaltando que, os estudiosos e defensores desta atividade na época acreditavam que os benefícios do lazer eram de natureza pessoal e de importante contribuição coletiva pelo viés compensatório atrelado à



atividade de lazer, por gerar alívio de tensões sociais específicas da modernidade (Gomes, 2008).

O tempo livre, na verdade, pode ser considerado como um tempo em oposição e intimamente ligado ao tempo de trabalho ou de obrigações, por ser tido com um tempo em que o indivíduo encontra-se livre ou liberado de algo e que, por isso, segundo Munné (1980), deveria ser um tempo em que prevalecesse um autocondicionamento do indivíduo em detrimento do heterocondicionamento. Ou seja, onde predominasse uma determinada autonomia do indivíduo nas escolhas e eleições das atividades nas quais se engajaria neste dado tempo.

Melo e Werneck (2004) apontam algumas razões que podem explicitar ou nortear o que desencadeou tamanho interesse e, conseqüentemente, crescimento em relação à temática do lazer no âmbito brasileiro:

- a) a compreensão de que o âmbito da cultura é um foco central de interesse, tanto no que se refere à manutenção quanto à busca da construção de uma nova ordem social, já que se entende que o avanço tecnológico acabou por fortalecer o poder e o alcance da cultura de massas e a difusão de uma compreensão de cultura inserida na lógica da sociedade de consumo, como um espetáculo a ser engolido de forma rápida e superficial, o que trouxe impactos diretos nas formas de organização social;
- b) o aumento das iniciativas governamentais relacionadas à temática, embora ainda sejam muitos os problemas quando a isso nos referimos;
- c) o desenvolvimento de uma forte e crescente “indústria do lazer e do entretenimento”, que já

está sendo apontada como uma das mais promissoras fontes de negócios; d) os questionamentos acerca da assepsia da sociedade moderna, construída a partir da centralidade e valorização extrema do trabalho enquanto dimensão fundamental para os seres humanos. (p. 01 e 02).

Aqui faz-se relevante ponderar que as atividades de trabalho ou mesmo de obrigações outras são preponderantes para a estruturação social e cultural, formação e constituição dos sujeitos, fazem parte de sua historicidade e revelam escolhas, preferências, preterências, valores, vocações, dons e habilidades, limites e potencialidades, dentre tantas outras coisas. É com pesar que algo tão importante para a construção subjetiva tenha sido denegrado e desmerecido, como aconteceu em alguns âmbitos e segmentos com as atividades laborais e com as obrigatoriedades em geral. Vale ratificar que o próprio trabalho, o estudo e a leitura, ao serem realizados com interesse e entusiasmo também são fontes de satisfação e contentamento, enquanto realização e alegria (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, 1998).

Neste âmbito do lazer, a área de pesquisa da Sociologia do Lazer surgiu nos Estados Unidos, no princípio do século XX, devido a imperiosidade de conhecer e controlar socialmente o denominado tempo livre dos trabalhadores nas sociedades industrializadas, instigou-se inclusive a realização de pesquisas em torno do tema. Assim, o lazer passou a ser visto como possibilidade temporal e espacial de vivenciar experiências que não enquadraram-se como pertencentes ao âmbito do trabalho (Melo & Werneck, 2004).

Sabe-se, então, que o aumento do tempo livre foi instituído, a princípio, nas sociedades industriais com o intuito de gerar consumo e, com isso, possibilitar a circulação da produção para o esvaziamento dos estoques em vista da lucratividade que libera circulação de capital no mercado para a produção de novos produtos e serviços, aquecidos pela competitividade empresarial, ao fazer vigorar a variação dos preços mediante a lei da oferta e da procura.

Logo, para que a lógica do consumo no tempo livre vigorasse, foi instaurada a indústria mercadológica e midiática com geração e mobilização de demandas e necessidades, as quais os sujeitos nem sabiam que possuíam e com uma emergente velocidade, que tornou-se cada vez mais presente na realidade sociocultural. Estas mesmas necessidades, a princípio alheias aos indivíduos, são introjetadas pelos sujeitos que rapidamente são impelidos a aderirem a estas e a novas necessidades fugazmente criadas e descartadas, em vista de outras e mais outras. Desemboca-se, então, na contemporaneidade onde até as identidades são descartáveis e submetidas a agregações de valores diversos mediante a aquisição de produtos ou serviços.

Desaprendeu-se o que significa lazer. Hoje, fala-se em “tempo livre”. Mas, muitas vezes, não somos nada livres. Existe toda uma indústria do tempo livre, que submete nosso tempo livre à ditadura da utilidade. São pouquíssimos os que sabem desfrutar um tempo livre. Tem-se de preenchê-lo com toda espécie de atividades; então, o tempo livre não leva à liberdade, mas sim a uma nova coação para utilizar o tempo livre da forma mais efetiva possível para cada um se gabar, diante

dos colegas de trabalho, de tudo que realizou naquele momento. (Grün, 2007, p.188).

Assim, observa-se que o lazer, considerado como atividade prioritariamente realizável no tempo livre e, por isso, também ligado de alguma forma às atividades laborativas, mesmo que em oposição a essas, foi agregado à lógica consumista e enveredou consideravelmente pela indústria do entretenimento.

Ao retomar pontos do percurso histórico do lazer no Brasil, entre as décadas de 1960 e 1970, detecta-se alguns fatos substanciais que marcaram o desenrolar dos estudos e da visibilidade do tema lazer, a partir das contribuições de José Vicente de Freitas Marcondes, João Camilo de Oliveira, Renato Requixa, Luiz Octávio de Lima Camargo, dentre outros, por meio de palestra, publicação de livro, realização do *Seminário sobre o lazer: perspectivas para uma cidade que trabalha* promovido pelo SESC de São Paulo e a Secretaria do Bem-Estar do Município. Neste evento discutiu-se a temática do lazer no contexto brasileiro com a participação de pesquisadores e estudiosos da área, onde confirmou-se a visão do lazer como processo do desenvolvimento industrial. Houve, ainda, a criação do curso de Pós-Graduação sobre *Sociologia do Lazer e do Trabalho*, na Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Gomes, 2008).

No presente momento histórico, havia duas correntes opositoras em relação à existência de estudos e pesquisas em torno da temática do lazer, uma a favor e outra contra. Divergências estas que, sociologicamente, explicitam o processo de urbanização e industrialização das sociedades capitalistas, ao expressar estágios em relação à temática do lazer, sendo os mesmos: negação da questão concernente

ao lazer; percepção da relevância do lazer em decorrência de seu potencial terapêutico frente a problemáticas urbanas, o que ressalta a instrumentalidade do lazer; reconhecimento da importância do lazer por si mesmo (Gomes, 2008).

O fato é que, a partir de 1969 e 1970, intensificou-se e deslançou seminários, palestras, publicação de artigos, desenvolvimento de estudos e pesquisas por figuras expoentes do país concernentes ao tema do lazer no Brasil centralizados, principalmente, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

Foi inclusive organizado pelo SESC um grupo de estudos e pesquisas responsável pela publicação de várias obras referentes à área em questão, as quais contribuíram para o registro do conhecimento pertinente ao lazer na literatura nacional, sendo este grupo o Centro de Estudos do Lazer (CELAZER). Um outro conglomerado de estudiosos e pensadores da área foi criado – Centro de Estudos de Lazer e Recreação (CELAR) - , em 1973, na cidade de Porto Alegre na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) estabelecendo parceria com a Prefeitura Municipal em vista de, a princípio, atender a demanda de recursos humanos especializados em lazer e recreação para atuação nos centros comunitários do município. A Universidade, logo acima mencionada, almejava a criação de uma Faculdade ou Escola de Lazer, com isso, nomeou-se um determinado grupo de trabalho, o qual desenvolveu o já denominado centro de estudos. Assim como esta, outras parcerias foram estabelecidas entre o CELAR e a Prefeitura Municipal de Porto Alegre ao objetivar a promoção da educação para o lazer. Já, em 1974, realizou-se pela PUC – RS o primeiro Curso de Especialização em Lazer, enquanto pós-graduação *lato sensu* (Gomes, 2008).

No que diz respeito às ações do Governo Federal nesta área do lazer, Gomes (2008) coloca que inicialmente houve a criação da Comissão Nacional de Regiões Metropolitanas e Política Urbana (CNPUR), em 1974. Onde privilegiou-se, dentre outras coisas, zelar pelo disciplinamento e ordenação da urbanização da orla marítima, das áreas litorâneas e interiorizadas; alertou-se para a preservação do patrimônio paisagístico e das cidades históricas em decorrência das atividades voltadas para o turismo e o lazer, inclusive, ao visar uma eficaz e adequada manutenção destas mesmas atividades.

Em relação a alguns eventos de suma importância que foram realizados em torno da temática, pode-se citar o I Encontro Nacional sobre o Lazer ocorrido no Rio de Janeiro em 1975. Este encontro contou com a colaboração do Ministério do Trabalho juntamente com o SESC e o SESI (Serviço Social da Indústria) e teve a presença de personalidades renomadas na área, dentre eles: Jofre Dumazedier e Roger Lecoutre; o SESC publicou os anais deste evento em 1977 (Gomes, 2008).

Vale mencionar que, a partir do encontro, acima citado, foi proposta por Roberto Ferreira do Amaral (EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo), mediante a articulação entre lazer e turismo, a criação de uma comissão permanente que seria encarregada de: implementar estudo e elaboração das diretrizes para uma política de lazer, ao visar constituir uma assessoria técnica multidisciplinar para apoiar a comissão coordenadora; sistematizar um sistema de consultas com a participação de órgãos e entidades, quer fossem governamentais ou não, interessados na Política do Lazer, através de encontros, reuniões, pesquisas, dentre outros meios (Gomes, 2008).

Um dado fundamental a ser mencionado é que, em 1988, a Constituição Brasileira agrega o lazer como direito básico do cidadão. Este acontecimento amenizou o movimento até então contrário ao fenômeno do lazer e consolidaram-se as pesquisas na área. Logo, a década de 1980 foi marcada pelo desenvolvimento no campo científico da temática com a intensificação e ampliação de eventos, pesquisas, publicações, estudos e criação de núcleos e laboratórios de pesquisa filiados às universidades brasileiras em torno do tema do lazer.

Para a consolidação do percurso aqui destrinchado, cabe mencionar que em 1998 foi realizado no Brasil o 5º Congresso Mundial de Lazer e Recreação, por iniciativa do SESC e da Associação Mundial de Lazer e Recreação (WLRA - *World Leisure Recreation Association*) com a colaboração da Associação Latino-Americana de Lazer e Recreação (ALATIR). A partir do evento foi publicado: *Lazer numa sociedade globalizada / Leisure in a globalized society*, publicação essa que visou averiguar as diversas perspectivas do lazer e do tempo livre, bem como as influências da globalização na sociedade contemporânea (Gomes, 2008).

Logo, constata-se um crescimento considerável da visibilidade da temática do lazer no contexto brasileiro ao longo dos últimos anos. Após termos no país um longo período com poucas, mas importantes contribuições, ultimamente este assunto conquista posições em periódicos gerais e publicações específicas, em jornais, abrangendo diversas áreas do conhecimento (Educação Física, Antropologia, Psicologia, Comunicação Social, Economia, Turismo, Estudos Culturais, entre outras) mediante a criação e sistematização de grupos de pesquisa e eventos científicos interligados com o tema. Assim sendo, as perspectivas

apontam para uma maior amplitude e variedade de estudos e pesquisas acadêmicas em torno da área (Melo & Werneck, 2004).

As pontuações realizadas neste trecho da dissertação acerca de alguns aspectos a respeito da constituição histórica inicial do lazer no Brasil visaram traçar um panorama geral dos desafios e conquistas em relação à temática no contexto nacional, em meados do período em que foi despertado o interesse e notoriedade do tema nacionalmente.

Certamente há outros fatos e curiosidades que foram suprimidos deste relato, mas podem ser encontrados de forma esmiuçada em pesquisas destinadas especificamente para o fim da contextualização histórica do lazer no cenário brasileiro, à semelhança das de Gomes (2008) e Melo e Werneck (2004).

Ciente de que perscrutar o percurso histórico do lazer configura-se como de suma proeminência para a conceituação do referido termo de forma implicada na realidade vivida. Assim como acercar-se à própria formação e estruturação do conceito em uma certa delimitação espacial e às suas práticas sociais indica e explicita propriedades das estruturas socioculturais em determinada temporalidade, o que denota traços característicos dos laços sociais e das escolhas atitudinais que perpassam o cotidiano sócio-histórico.



### **3. OS ASPECTOS URBANOS EM MEIO A CONTEXTOS VIOLENTOS**

Sabe-se que com o advento da modernidade acarretou-se a convergência urbana como aspecto preponderante da vida humana, a partir deste período histórico, em que o âmbito urbano influi demasiadamente na formação do sujeito contemporâneo. Essa influência citadina na vida social do homem extrapola e ultrapassa o simples fato de haver atualmente elevada proporção populacional nas cidades. Já que a cidade, através de seus ritmos e estilos propagados, torna-se designadora e até mesmo controladora dos contextos econômico, político e cultural (Teixeira, 2004).

Um dos custos que o homem tem que arcar pela cidade, com seus benefícios de organização urbana, é a dinâmica interpenetração de modelos subculturais produzidos pela própria massificação urbana. Com isso, acelera-se o devir histórico da espécie humana e transpõe os horizontes para além dos limites, até então, impossíveis na estrutura estagnada das sociedades tradicionais (Soczka, 2005).

Nesse contexto citadino atual as vinculações afetivas são desestabilizadas e o isolamento, algumas vezes, torna-se uma marca da vida urbana. Assim, a formalização das relações sociais apresenta-se como opção ao estabelecimento de redes socioafetivas lacunares no meio urbano. Dessa forma, os laços comunitários, que eram comuns no meio campestre, encontram-se no âmbito da cidade quase desagregados e os processos apressados de competição e divisão do trabalho,

extensivos aos demais âmbitos relacionais, conduzem à decomposição e enfraquecimento das coesões grupais e dos valores sociais (Soczka, 2005).

Logo, a cidade como um espaço interacional é onde o indivíduo defende-se ao selecionar adaptativamente as suas próprias interações e escolhas, ao enveredar na apatia emocional e cognitiva, por um lado, e na economia interativa, por outro (Soczka, 2005). Por isso, a educação cidadina precisa dedicar-se, além da transmissão e aquisição de conhecimento, aos cuidados no refinamento da consciência a fim de que o homem adquira perspicácia suficiente para perceber em cada situação concreta o desafio da exigência nela presente (Frankl, 1990b).

A cidade, em meio ao anonimato dos grandes centros urbanos e desencadeamento de diversidades subculturas, precisa proporcionar uma rede de relações sociais que forneça suporte comunicacional com um número limitado de pessoas (parentes, amigos, vizinhos) selecionados como significantes entre os inúmeros indivíduos coexistentes no mesmo espaço. Embora a espécie humana seja estruturada para a interação significativa com seus pares, faz-se incapaz de processar a hiperestimulação das condições atuais dos espaços urbanos (Soczka, 2005).

Ratifica-se que o que a cidade impõe não é só uma hiperestimulação, mas uma enorme profusão e variedade de estímulos com valor informativo (percepção de apinhamento) que implicam emissão e decodificação de variados sinais verbais e não-verbais, sendo este o maior desafio: a grande quantidade de informação provinda do meio urbano e, mais propriamente, do contato de cada pessoa com inúmeras outras. Sendo a sobrecarga de informação, fornecida ao indivíduo urbano, resultado da massificação populacional a que a cidade obriga. Entretanto, os efeitos

da sobrecarga populacional são relativamente independentes da densidade populacional considerada em si mesma, mas dependentes dos ajustamentos cognitivos e emocionais a essas situações e da aprendizagem de respostas adaptativas (Soczka, 2005).

Por isso que mesmo a sobredensidade populacional sendo um elemento importante para a compreensão dos comportamentos urbanos, ela não é suficiente para conduzir ao anonimato (ausência de denominação) e à quebra de vínculos sociais no espaço urbano. Necessita-se atentar para a influência das estruturas basilares das sociedades de cunho capitalista, imersas na lógica de mercado, ao propagar o consumismo e a lucratividade desenfreada na constituição dos vínculos sociais.

Assim, como resposta a estes imperativos, surgem as subculturas como formações sociais que constituem-se em comunidades de permeabilidade variável, que partilham de traços distintivos e que tendem a interagir entre si ao manifestar um conjunto específico de crenças, comportamentos, hábitos e interesses (Soczka, 2005). Onde essas subculturas fornecem certa estabilidade aos sujeitos imersos nas atuais sociedades apressadas, contudo o custo desta estabilidade pode ser elevado justamente pelo fato da busca por seguridade pessoal e social estar cada vez mais onerosa, o que pode até mesmo desencadear posturas violentas de amplitudes variadas.

A configuração atual da vida urbana, com seus ritmos acelerados, implica os indivíduos em respostas ao estresse desencadeado. Respostas estas até mesmo extremadas do ponto de vista fisiológico e psicológico, já que a urbanização, nas condições hodiernas, constitui fator de risco psicopatológico. Considera-se, pois, que

o ser humano não possui aparato adequado para adaptar-se aos padrões agitados desta vida urbana, então, procura corresponder às exigências sociais através das mediações cognitivas e emocionais, as quais são capazes de favorecer ou agravar as respostas às vicissitudes da vida cidadina.

Logo, é notório que essa aceleração dos ritmos vitais desencadeia uma série de patologias e mal-estares atrelados às recorrentes desvinculações e desagregações pelas quais os indivíduos passam em seu entorno social. Entorno esse permeado pela efemeridade, alta velocidade, fugacidade, impetuosidade, dentre outras características atuais, pelo menos da maioria, das relações interpessoais em diversos âmbitos de convivência (Bauman, 1998).

Assim, dentre os variados aspectos componentes dos estilos de vida urbanos e considerados desenvolvidos, por corresponderem aos preceitos capitalistas de evolução e progresso, está a escassez de tempo. A urgência das obrigações laborais, as responsabilidades sociais e pessoais, o cuidado do lar e da família, dentre outras coisas, provocam a sensação de não haver cumprido todos os objetivos e de ter muitos assuntos pendentes a resolver (Marúgan & Santamaría, 2000).

Essa sensação deve-se fundamentalmente ao fato dos sujeitos desconhecerem ou não privilegiarem os objetivos e missão constituintes do sentido ontológico de suas vidas, o qual comporta conformidade com a dignidade da pessoa humana. Visto que o homem contemporâneo comumente experiencia o que Goethe disse em *Egmont* acerca do desconhecimento do homem de onde ele mesmo procede e, mais notório ainda, para onde vai. Considera-se que a proporção que o homem não é cômico deste fato menos conhece algo como um sentido da

existência e uma meta para o seu caminho, e assim, tanto mais acelera ele o ritmo em que percorre esse caminho (Frankl, 1990b).

Portanto, a falta de tempo tornou-se uma problemática sociocultural como um dos maiores paradoxos do desenvolvimento econômico e social. Pode-se dizer que um dos grandes provocadores dessa falta de tempo nas sociedades atuais, principalmente as de cunho capitalista e ocidental, é o círculo vicioso que se estabelece na economia de mercado entre o tempo de produção e o tempo de consumo.

O crescimento vertiginoso da produção necessita de um correspondente crescimento do consumo. Daí explica-se porque os segmentos sociais com maior poder aquisitivo, e por isso considerados mais desenvolvidos, tenham que investir uma considerável parcela de seu tempo livre em consumo e esta é a razão principal para a aceleração dos ritmos vitais (Marúgan & Santamaría, 2000).

Faz-se relevante inferir acerca do uso do tempo e da percepção subjetiva que as pessoas têm sobre ele. Sendo primordial considerar que o tempo encontra-se repartido de forma desigual entre os diversos grupos e coletivos sociais e que a escassez de tempo afeta de forma diferente as pessoas e seus contextos relacionais. O motivo desta ocorrência encontra-se na dimensão cultural do tempo, por mais que nela insiram-se os pressupostos temporais universais. Acredita-se ainda que o conceito de tempo possua elementos filosóficos, religiosos e culturais. Assim, na percepção temporal interagem os distintos conceitos históricos do tempo e as diferenças culturais. Visto isso, constata-se que no transcorrer histórico a temporalidade passou a ser valorada como um fenômeno social, o qual agrega as normas e valores próprios de cada sociedade (Marúgan & Santamaría, 2000).

Não se diz apenas de cada sociedade, mas considera-se a vivência e percepção temporal específicas de cada comunidade como tendo preponderante implicação nas experiências pessoais e grupais concernentes a determinado espaço ou contexto. Concebe-se, para tanto, o termo comunidade munido de uma conotação de lugar “cálido”, confortável e aconchegante (Bauman, 2003).

Tendo a comunidade como sinônimo de segurança, relaxamento, compreensão, reconhecimento mútuo, auxílio dos pares, possibilidade de identificação, dentre outras características. Constitui-se, por conseguinte, como um aglomerado de indivíduos que contém pelo menos um ponto de interseção, semelhança ou interação entre os respectivos membros ao formar uma certa classe minoritária.

Vale pontuar que os imperativos da revolução industrial retiraram os indivíduos, impregnados de hábitos comunitariamente sustentados, da rotina até então permeada por uma rede de interação comunitária governada pelo hábito para uma rotina diversa, composta pelo chão da fábrica e governada pelo desempenho das tarefas.

A separação entre o meio de vida e o lar, (. . .), não pretendia e nem era percebida como uma emancipação: como um desatar das mãos e uma libertação do indivíduo. Pretendia ser e era percebida como um ato de expropriação, um desenraizamento e evicção de um lar defensável. Os homens e mulheres deviam primeiro ser separados da teia de laços comunitários que tolhia seus movimentos, para que

pudessem ser mais tarde redistribuídos como equipes de fábrica.  
(Bauman, 2003, p. 33).

A concepção de que a vida comunitária era retrógrada acarretou transformações substanciais nas relações laborativas e interpessoais, como um todo. Na verdade, o chamado progresso tecnológico não é algo prejudicial, não obstante a impetuosidade e desconsideração da subjetividade - enquanto constituída por escolhas livres e responsáveis - banaliza e desmerece a dignidade humana, inclusive dos desfavorecidos economicamente por, costumeiramente, portarem menos recursos e suportes socioculturais. “Destruídos os laços comunitários que a mantinham em seu lugar, essa maioria viria a ser submetida a uma rotina inteiramente diferente, ostensivamente artificial, sustentada pela coação nua e sem sentido em termos de dignidade, mérito ou honra” (Bauman, 2003, p. 34).

É pertinente clarificar que ao conceito de lugar, enquanto dimensão da relação entre a pessoa e o ambiente físico ao evocar sentimentos de pertença, foi agregado à conotação temporal que possibilita a instauração da ligação do indivíduo com seu passado, presente e futuro coletivos. Logo, o lugar inscreve-se no âmbito dos sentimentos acerca do ambiente e do seu significado (Bauman, 2003).

A relevância de o indivíduo poder vincular-se a um lugar está, dentre outras coisas, no fato de que este conceito comporta: familiaridade adicionada aos conceitos de cuidado e preocupação; reflete a força do laço afetivo do indivíduo em relação a determinado local implicando cognições de satisfação e expectativas de estabilidade; gera, ainda, estado de bem-estar psicológico experimentado pelo sujeito como resultado da presença, proximidade ou acessibilidade (Bauman, 2003).

Um lugar pode, além disso, ser conceituado em termos de dimensões temporais individuais e coletivas, até porque estas relações estão imbuídas de aspectos espaciais, culturais e temporais. Ao compreender que a concepção e o histórico que a pessoa constrói dos lugares desenrolam-se no tempo e caracterizam-se por continuidade, descontinuidade e transições, rupturas, ganhos e perdas, de significados e sentidos vários para o sujeito (Speller, 2005).

Sabe-se que, segundo Bauman (2003),

duas tendências acompanharam o capitalismo moderno ao longo de toda a sua história, embora sua força e importância tenham variado no tempo. Uma delas já foi assinalada: um esforço consistente de substituir o “entendimento natural” da comunidade de outrora, o ritmo, regulado pela natureza, da lavoura, e a rotina, regulada pela tradição, da vida do artesão, por uma outra rotina artificialmente projetada e coercitivamente imposta e monitorada. A segunda tendência foi uma tentativa muito menos consistente (e adotada tardiamente) de ressuscitar ou criar um “sentido de comunidade”, desta vez dentro do quadro da nova estrutura de poder. (p. 36).

Já que, segundo Speller (2005), pode-se inferir que o anonimato da vida urbana é sinônimo de uma perda da identidade individual e comunitária. Assim, nesta contemporaneidade quando perpassada pelos valores da fugacidade, fluidez, desregulamentação, dominação introjetada coercitivamente diante da incerteza do futuro, aceleração vertiginosa, dentre outras características inclusive já



mencionadas; o homem convoca âmbitos interrelacionais que possibilitem seguridade social frente a este cotidiano desvinculador e desagregador; como já foi pontuado. Ratifica-se o fato de que essa seguridade pode comportar conteúdo nocivo e prejudicial aos indivíduos e à sociedade. Seguridade essa, por vezes, somente alcançada a muito custo, esforço pessoal e grupal, podendo até privar outros indivíduos de sua segurança pessoal, por denotar inclusive a formação da atual e emergente violência social.

Segundo Carneiro (2008) um dos grandes desafios que a atualidade impõe aos estudos, reflexões e intervenções no âmbito do ócio é a transformação do ócio nocivo, termo elaborado por Cuenca (2004) e que denota aquelas experiências tidas supostamente como ócio por deterem um caráter de realização para determinado sujeito que assim a vivencia e denomina, mas que na verdade são perigosas ou negativas por serem capazes de ocasionar danos individuais ou sociais, o qual é isento de representação e sentido em um ócio autêntico e substancial por ser subjetivo e representado.

Torna-se inegável a emergência atual da violência, apesar da mesma ser um fenômeno antigo no percurso histórico da humanidade. Em meio ao cotidiano repleto pela representação violenta através de informações midiáticas, dispositivos de segurança que sugerem a possibilidade de agressão, delinquência perceptível pela via pública, imaginário nutrido por imagens inspiradas pelas representações da cidade apresentada como ameaçadora, dentre outras ocorrências (Teixeira, 2004).

O próprio processo de urbanização social pode ser analisado mediante a consideração da história, da higiene, da medicina preventiva, da pedagogia e do direito. A partir das pontuações resgatadas por Teixeira (2004) constata-se que

houve, desde o início do século XIX, uma preocupação moderna da civilização em conter ou extirpar os bárbaros, enquanto homens violentos, que ameaçavam a estruturação social.

O narcisismo eclodiu, então, como um dos traços ou uma das características possíveis do laço social e da composição subjetiva diante da ameaça à formação social, onde na contemporaneidade desemboca-se frequentemente na exacerbação narcísica. Teixeira (2004) fala de um império da egolatria orientado pelo consumismo categoricamente volátil, instável e sem consistência ao negar o reconhecimento do outro.

A cidade é um mosaico cultural, com a sua justaposição de estratos sociais e de funções diferenciadas, conotadas com específicas formas de viver o cotidiano, nos matizes das suas crenças, ideologias, valores, costumes e representações sociais. Na cidade estamos longe da relativa homogeneidade cultural e funcional que é apanágio das comunidades rurais, onde a mobilidade social é muito menor e as estratificações tradicionais mais acentuadas. Não existe consenso cultural na cidade. (Soczka, 2005, p. 95).

Logo, a elevação do medo e da insegurança instalados nas esferas públicas e privadas possibilita o fortalecimento de estratégias individualistas de defesa e de ataque a fim de combater o presente panorama violento. Recorre-se até a comportamentos violentos análogos aos sofridos ao mesmo tempo em que busca-se extirpá-los do meio social ou, ao menos, minorá-los. Imaginariamente desloca-se o

caráter violento como pertencente aos outros indivíduos, grupos ou comunidades e o tem, dessa forma, como alheio a si ou a seu grupo por desconsiderar a implicação que todos detêm diante da conjuntura do vivido. Isso ocasiona indiferença e intolerância com o outro, o que evidencia uma posição exacerbadamente narcisista (Teixeira, 2004).

Segundo Soczka (2005), a vida na moderna cidade tornou-se um símbolo de que, infelizmente, o homem pode adaptar-se a uma vida sem referência ao passado, sem amor pelo presente e sem esperança no futuro. Isso é corroborado por Teixeira (2004) ao colocar que pelo fato dos investimentos dos indivíduos narcisicamente estruturados estarem voltados exclusivamente para eles próprios colocam-se em uma posição de auto-idolatria. Portanto, rejeitam o passado, caracterizado por sua ancestralidade e filiação, bem como renegam investimento e compromisso com o que pode ser construído futuramente. E ao presente relegam uma vivência apática e desinvestida dos valores e preceitos fundantes para a organização subjetiva. Assim, constitui-se o espaço da cidade contemporânea, em meio a outros aspectos, como gerador de conflitos e de gestão de equilíbrio.

O mosaico urbano surge-nos, cada vez mais, como uma complicada rede de subculturas, em que uma subcultura dominante, mormente a que detém os privilégios dos acessos aos lugares decisórios da administração municipal, encara subculturas minoritárias (. . .) numa ótica distorcida pelas suas próprias relações e identidades subculturais, não raras vezes gerando-se conflitos a médio, curto ou

longo prazos, por uma mera questão de incomunicabilidade entre esses “mundos próprios” subculturais. (Soczka, 2005, p. 114 e 115).

Sabe-se que são os meios urbanos os grandes centros mobilizadores de crimes e violência, onde a delinquência pode se desenvolver inclusive em bairros pobres e degradados, o que possibilita a geração de danos à integridade física e psíquica das pessoas. Contudo, a cidade é mais do que isso, ela é também feita de laços sociais, de relações familiares e de amizade.

Cabe aqui mencionar que a marginalidade não pode ser vista estritamente por meio de um determinismo que a atrela à pobreza e às classes desfavorecidas como sinal de criminalidade. A marginalidade designa a presença de uma certa desigualdade no sistema social e econômico, assim como ela representa os indivíduos desprovidos de condições esperadas e necessárias de vida, o que não é necessariamente o mesmo que delinquência e criminalidade (Teixeira, 2004).

Soczka (2005) cita um inquérito que foi realizado em um subúrbio de Toronto - Canadá onde, dentre outros dados, a grande maioria dos sujeitos, colaboradores da referida pesquisa, declararam que em caso de urgência ou emergência tinham a quem recorrer e que se tivessem necessidade súbita de serem sustentados cotidianamente, também teriam apoio de membros da comunidade em que estão inseridos.

O mesmo autor prossegue argumentando que, apesar de tudo, este fato não é novidade na evolução da espécie humana, pois até o século XX as pessoas não contavam com nenhuma assistência social ou estatal para essas emergências e,

como únicos suportes econômicos e efetivos em caso de necessidade, só podiam contar com as pequenas redes sociais compostas por familiares, amigos ou vizinhos.

Ainda segundo Soczka (2005), os primeiros estudos feitos sobre a influência das proximidades espaciais no estabelecimento de vinculações afetivas e laços funcionais demonstravam que a vizinhança é um elemento preponderante na constituição das redes sociais urbanas. Pode-se inferir que há residentes de zonas pobres que são muito ligados ao seu bairro que é deficitário do ponto de vista residencial e cultural, mas rico e complexo do ponto de vista dos afetos e dos laços vinculativos. Constata-se até mesmo a preferência de indivíduos detentores de laços de parentescos, no que concerne à escolha de proximidade residencial, uma vez que, frequentemente em bairros suburbanos, a rede familiar é um dos mais relevantes suportes da sobrevivência humana.

Diante destas colocações, pode-se explicar que há, majoritariamente, uma estreita relação entre proximidade residencial e o estabelecimento de conexões afetivas em redes locais. Ressaltando que as proximidades de vizinhança não são poderosas, eficazes e fortes apenas no que diz respeito às afiliações positivas, mas também nas rejeições afetivas entre vizinhos essas proximidades influenciam na incrementação dos conflitos.

Sendo um sistema facilitador da hipersociabilidade, o espaço urbano pode também ser promotor de isolamentos afetivos, marginalizações e solidões. A cidade pode ser tanto promotora de desenvolvimentos sociais harmoniosos como ser um cruel fermento de desorganizações sociais e emocionais. Parafraseando um dito célebre: a cidade faz-

nos, sendo simultaneamente o que fazemos dela. (Soczka, 2005, p. 126).

Dessa forma, o homem é capaz de modificar a conjuntura social ou pelo menos contribuir para tanto, quer seja agindo em vista da superação pessoal e social ou, quando o agir não for possível, elaborando-se em uma postura consciente e responsável frente às realidades sociais. O indivíduo contribui, assim, ao fornecer a sua autenticidade e ao interagir com espontaneidade e criatividade na busca de verdadeiros encontros pessoais. E se torna mais importante ainda ao dar testemunho de uma vivência plena de sentido que valora o essencial, sendo capaz, se for o caso, de assumir uma situação difícil (Frankl, 1990b).

Aí está a grande responsabilidade que todos os sujeitos possuem, como direito e como dever. Quando se diz “todos” entenda-se literalmente todos, resguardando-se as devidas proporções (como função social, idade, maturidade, atuação profissional). Pois ninguém pode sentir-se excluído ou eximido de arcar com a liberdade de escolha e atuação que lhe é devida, enquanto cidadão urbanita, de gerir, administrar, preservar e conscientizar, dentre outros atributos, o espaço do vivido.

### **3.1. Conceituação e meandros da violência urbana**

A violência, apesar de perpassar a história da humanidade, encontra-se atualmente muito visada devido à alta incidência social e à falta de recursos

apropriados para lidar com tal problemática, já que a criminalidade atormenta a sociedade atual.

Vale reforçar que a violência e o medo, apesar de enfrentarem um processo de generalização na contemporaneidade, não são fenômenos que pertencem exclusivamente à época atual, bem como os demais mecanismos desenvolvidos para tentar dar conta das situações emergentes não são recentes (Teixeira, 2004).

O problema da violência tem sido objeto de estudo desde a origem da Psicologia. Contudo, até o século XX não se converteu em um tema da investigação científica, houve um curto período de tempo de estudo e ainda há muito o que percorrer para alcançar as respostas almejadas (Romero, 2002).

É necessário considerar no estudo psicológico da violência as interconexões entre todas as esferas de influências sobre o indivíduo. Com isso, faz-se importante atentar para os mediadores psicológicos ou cognitivos que são importantes tanto na hora de dar significado a estas experiências, como na hora de atuar sobre estas e transformá-las ou reproduzi-las em ações violentas ou não violentas (Romero, 2002).

Ao se buscar a procedência da palavra violência detecta-se que seu fundamento encontra-se no latim *violentia* como ato violento ou de violentar, tirania, ímpeto ofensivo, veemência, abuso da força, opressão, coação (exigência; imposição), irascibilidade (irritabilidade). Já violento radica-se no latim *violentus* como um estado irascível (propenso à ira), arrebatado, colérico, tumultuoso, intenso, contrário à justiça ou à razão (Bucher-Maluschke, 2004).

De acordo com Romero (2002), as ações acima denominadas podem portar distintos objetivos, tais quais: ocasionar à vítima sofrimento ou gerar dano físico ou

psicológico, alcançar outros propósitos ou um determinado resultado, como meio para obter recompensas (por exemplo: poder, domínio, causar boa impressão, manter a autoestima), e como efeito culminante tem-se a destruição ou a possibilidade de colocar a vítima em eminente risco de sofrer dano.

Sabe-se que a conceitualização da violência varia em função do contexto sociocultural, do momento histórico e do enfoque que se adote. Assim, ela tem sido definida de maneira teórica e empírica em uma ampla variedade de caminhos, muitos dos quais são ambíguos (Romero, 2002).

Mesmo que existam controvérsias concernentes às alternativas de definição da violência, segundo Romero (2002), muitos cientistas sociais têm aceito que a agressão inclui uma intenção e uma deliberação de dano ou dor a outros. Sabe-se então que a violência é uma categoria heterogênea, mas que constitui multifatorialmente uma entidade, a partir de certas condições: a potência dos atos agressivos ocasionarem dano ou dor, ainda que nem todos os atos que têm a capacidade de causar danos possam ser considerados agressivos; o fato da agressão dever ser intencional, ainda que este juízo não possa ser sempre seguro posto que um juiz imparcial pode variá-lo em vista do agressor e/ou da vítima; a agressão que para muitos biólogos inclui ativação, juízo que também pode ser difícil de medir; finalmente, o ato deve ser aversivo para a vítima. Outros estudos diferenciam entre a atitude de hostilidade e o comportamento de agressão, ainda que este nem sempre se leve a cabo, já que os estudos motivacionais não são diretamente observáveis. Por outro lado, há os que sugerem que tanto os atos como os estados motivacionais e as intenções de ferir são considerados uma agressão.



Ainda que não haja uma definição universalmente aceita pode-se afirmar que a mais adotada, pela maioria dos investigadores e a qual refere-se mais propriamente ao termo agressão, é a que atesta que a agressão é qualquer forma de comportamento dirigido com a meta de ferir ou causar dano a outro ser humano, o qual está motivado a evitar dito dano (Romero, 2002).

A violência pode ser classificada em função de suas manifestações, para tanto pode-se definir os atos violentos através de três dimensões: física-verbal, ativa-passiva e direta-indireta. As combinações dessas dimensões produzem oito possíveis categorias nas quais podem-se incluir diversas ações agressivas (Romero, 2002).

Diante disso, alguns aspectos são relevantes de serem mencionados: a violência física abrange atos ou ações que implicam dano ou dor física às vítimas e a violência verbal comporta afirmações verbais que visam ferir a outras pessoas. A partir da explicitação destas características considera-se que estas condutas são de fácil observação. Já a violência indireta definiu-se como a manipulação social atingindo o objetivo almejado por caminhos tortuosos.

Assim, em Romero (2002), a violência indireta é um tipo de comportamento no qual o agressor intenta infligir dano, de maneira que pareça que não há intenção de ferir, pois o agressor evita demonstrar agressão explicitamente e se for possível busca não ser identificado. Este tipo de agressor, o qual recorre à violência indireta, usa os outros indivíduos como veículo para ocasionar dano (físico ou psíquico) na pessoa visada (objeto), como um caminho para obter seu objetivo, por exemplo: não deixar que a determinada pessoa se una ao grupo, fofocar, falar mal ou contar

mentiras, fazer planejamentos escondidos em vista de alcançar suas metas, ignorar, contar segredos dessa pessoa, criticar, dentre outras práticas.

Cabe esclarecer, a partir dos estudos de Romero (2002), questões conceituais ao distinguir o termo agressão de outros, como: ira, hostilidade e agressividade. O estado ou condição interna que impulsiona ou desencadeia o comportamento agressivo e a ação propriamente dita é a ira. Este estado ou condição denominado de ira também se refere, às vezes, à experiência emocional de sensações peculiares, quer dizer, relaciona-se a determinadas respostas corporais envolvendo expressão e motricidade, particularmente reações psicológicas e, inclusive, arrebatamentos físicos e/ou verbais.

Enquanto o termo violência suscita um comportamento que visa uma meta específica, ao contrário, a terminologia ira não possui necessariamente uma meta particular e diz respeito a um grupo restrito de sensações que comumente são classificadas como ira. Estas sensações são fruto, na maioria das vezes, de reações psicológicas internas e expressões emocionais involuntárias produzidas por um acontecimento desagradável e que provavelmente também estão permeadas por pensamentos e memórias que surgem no tempo (Romero, 2002).

Quanto à hostilidade, é um termo que designa o indivíduo que não gosta de outrem, de forma mais precisa é considerado hostil quem continuamente faz avaliações negativas de alguém, demonstrando geralmente antipatia por muita gente. Com isso, a hostilidade pode ser denominada como atitude negativa frente outra pessoa, atrelada normalmente por um desejo de ver o objeto, ou seja, a pessoa alvo da hostilidade sofrer de alguma forma (Romero, 2002).

Enfim, ainda segundo as explicações de Romero (2002), a agressividade refere-se a uma certa predisposição para ser agressivo em uma variedade de situações. A pessoa que está agressivamente predisposta e frequentemente depara-se com ameaças e desafios sendo rápida para atacar aqueles que lhe enfadaram ou desagradam pode ter uma atitude hostil frente outros, enquanto que nem toda pessoa hostil necessariamente agride. Pode-se, assim, pensar a agressividade como uma disposição para tornar-se agressivo. Considera-se separadamente, enquanto conceitos, a agressão e a agressividade, já que um é o ato e o outro é um traço da personalidade.

Assim, para fins deste estudo, considera-se que a violência pode ser tida como qualquer estado, intenção ou ação destrutiva de natureza física, verbal ou psicológica dirigida direta ou indiretamente contra uma pessoa, várias pessoas (a si mesmo, a outra pessoa ou a um grupo ou comunidade), ou contra seres vivos (Romero, 2002). Logo, o termo violência trás em seu âmago a negatividade, isto se deve ao fato da violência opor-se aos valores socioculturais, ao ameaçá-los e ao atentar contra a vida, a dignidade humana e os contextos relacionais, inclusive comunitários.

A disseminação e ampliação de comportamentos violentos nos âmbitos relacionais nucleares pode desencadear a aquisição e recorrência no repertório subjetivo de posturas agressivas como mediadoras ou solucionadoras diante de escolhas corriqueiras e enfrentamento de problemas. Constata-se, assim, uma carência de habilidades pessoais, as quais deveriam ser adquiridas através da maturação subjetiva a fim de auxiliarem na escolha de atitudes diante das situações cotidianas (Cifuentes, 2003). Com isso a exposição a atos violentos, a insegurança,

os imperativos midiáticos, dentre outros fatos contribuem para a eleição de parâmetros violentos de conduta.

Para a estruturação da violência faz-se relevante considerar o desenvolvimento da afetividade como intimamente relacionada com a cognição e os pensamentos. Isso é notoriamente observado através da nomeação dos afetos, atitude primordial para a constituição subjetiva e que explicita a linguagem como possibilidade de formação e expressão das condições de vida formuladas culturalmente (Bucher-Maluschke, 2004).

Segundo Bucher-Maluschke (2004), a partir dos estudos de Vygotsky (1896-1934), a palavra torna-se percebida como detentora de significado, enquanto conjunção de relações objetivas organizadas na propagação da palavra, e de sentido, como a acepção da palavra conferida por um determinado indivíduo. Logo, é no sentido fornecido à palavra que consistem as experiências de cunho afetivo, assim, a linguagem por meio da palavra reúne as esferas afetiva e cognitiva do sujeito.

Os afetos instituem-se, pois, mediante as relações interpessoais desde a mais tenra infância quando se formam vínculos inicialmente restritos, prioritariamente no contexto familiar, e posteriormente amplificados socialmente. A etimologia da palavra vínculo exprime atar, ligar ou apertar; laço; nó; liame (o que prende uma coisa a outra); o que remete a uma associação ou agregação que persevere, pelo menos por um tempo considerável, já que denota certa durabilidade. Sendo o sujeito perpassado, ao longo de sua vida, por diversos laços ou vínculos sociais que participam de sua constituição pessoal.

Nesse âmbito, a família apresenta-se como a estrutura primeira e edificadora da organização social na sua qualidade de educadora e transmissora cultural (de valores, normas, papéis sociais) e também como o nascedouro e o meio de ponderação dos afetos. Os membros de uma família podem experimentar os mais diversos afetos, o que pode até culminar na violência como manifestação exacerbada de agressividade (Bucher-Maluschke, 2004).

Diante da presente realidade, o homem encontra-se, massivamente, perdido e desorientado, exemplos desse fato são: os jovens imersos em violências e vícios diversificados, e as famílias tomadas de rupturas, separações, desagregações e desestruturas.

Sabe-se por meio de estudos e pesquisas que os indivíduos altamente agressivos ou violentos mostram modelos de pensamento que refletem defasagens em suas habilidades, particularmente na habilidade para processar a informação social e resolver problemas. No que concerne aos processos de pensamento, estes indivíduos definem o problema e adotam uma meta hostil, buscam poucas alternativas que podem ser úteis para solucionar o problema, antecipam poucas consequências diante de uma solução agressiva e elegem soluções ineficazes (Romero, 2002).

Quanto aos pensamentos comumente encontrados em adolescentes violentos pode-se constatar, a partir de Romero (2002), que estes indivíduos mantêm crenças que aprovam o uso da violência, pois acreditam que a agressão é uma resposta legítima que incrementa a autoestima, ajuda a evitar uma imagem negativa, não ocasiona sofrimento para a vítima, bem como permite ter êxito e recompensas materiais.

Faz-se salutar pontuar que a responsabilidade diante das mais diversas escolhas deve ser assumida de acordo, principalmente, com a idade do sujeito e o grau de maturidade que o mesmo detém. Logo, não se pode esquecer que o indivíduo adolescente tem grande contribuição na manutenção e/ou modificação do espaço relacional e urbano em geral. Assim como a história da configuração adolescente, enquanto fase vital “inventada”, fornece respaldo para reflexões sobre a conjuntura social atual.

## 4. A ADOLESCÊNCIA E SUA CONFIGURAÇÃO

A adolescência, como tal, é uma invenção recente, própria do século XX, enquanto o Romantismo lhe servia de preâmbulo. Porém, eclode a partir dos anos 60, quando as classes médias ingressam nos estudos médios e universitários e quando se atestam os problemas ideológicos gerados na confrontação da Segunda Guerra Mundial (Aguirre & Rodríguez, 1997).

Nas sociedades primitivas, pode-se dizer que não existia a adolescência, passava-se da infância para a vida adulta através de um curto período marcado pela puberdade e configurado, quase sempre, pelos chamados ritos de iniciação. A iniciação como experiência decisiva na vida do adolescente era antigamente o grande momento de transição e de acesso à cultura e à comunidade adulta. Os indivíduos separavam-se de suas famílias no começo da puberdade e eram direcionados aos centros de instrução, onde através de provas eram iniciados na vida adulta (Aguirre & Rodríguez, 1997).

O fato é que a abordagem, conceituação e transcurso, inclusive no que concerne aos ritos iniciáticos e tradições sociais em torno do que se concebe hoje como a fase da adolescência sofreu variações desde a Grécia Antiga, passando por Roma até a cultura medieval e a moderna. Entretanto, constituiu-se certa consonância quanto à consideração desta fase vital como primordial para a estruturação, formação e construção do indivíduo adulto.

Segundo o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente Brasileiro (2001), o adolescente encontra-se na faixa etária entre os doze e dezoito anos, contudo estipula-se que somente em casos excepcionais este estatuto pode aplicar-se às

pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade. Aguirre e Rodríguez (1997) dizem que a adolescência começa, aproximadamente, nos doze anos e termina por volta dos vinte e dois anos, com um período pós-adolescente que pode dilatar-se até os vinte e nove anos de idade.

Assim, de quase inexistente, a adolescência passou a durar uns dezoito anos, repartida em uma protoadolescência (12-15), mesoadolescência (16-22) e pós-adolescência (22-29), onde cada fase possui uma cultura própria apresentada algumas vezes como 'contracultura'. Com efeito, dentro das quatro idades do ciclo vital (infância, adolescência, fase adulta e velhice), que desenvolvem quatro formas culturais específicas, a cultura adolescente está articulada pela 'busca da identidade' através de suas formações grupais 'de iguais' ao estabelecer distâncias com a sociedade parental, diante da infância que deixa e da vida adulta ainda não alcançada (Aguirre & Rodríguez, 1997).

#### **4.1. Os vínculos adolescentes e a constituição contemporânea**

A fim de contextualizar o surgimento propriamente dito da adolescência e demonstrar traços da conjuntura atual na qual se encontra serão destrinchados pontos acerca da Modernidade e da Contemporaneidade. Sendo a Modernidade um período em que o mundo atravessou um processo de secularização, o homem passa a ser o centro do mundo e deseja dominar a natureza através da técnica. A instauração do antropocentrismo conduziu a uma defesa acirrada do individualismo, eximido das tradições do passado e orientado para uma extremada e desconfigurada autonomia pessoal que ocasionou, em certa medida, uma postura de



libertinagem em oposição à liberdade, a qual tem como característica a responsabilidade.

Depois das duas guerras mundiais o homem conscientizou-se de que o progresso inconsequente e o excessivo individualismo tinham conduzido a grandes erros e horrores, assim as ideologias (em torno do Iluminismo – razão, progresso e história) preponderantes no período em questão e que formaram as bases da sociedade moderna, durante os anos 60, desestabilizaram-se com a descrença na razão. Essa descrença e desencanto, devido às promessas descumpridas, desembocou em um ascetismo diante do poder da racionalidade para solucionar os novos problemas mundiais (Aguirre & Rodríguez, 1997).

A complexidade crescente do mundo e as conseqüências ambivalentes da Modernidade, seus sucessos e seus fracassos, são os elementos preponderantes na análise da Pós-modernidade ou Contemporaneidade. Pois bem, no debate da nova sociedade encontram-se diferentes pontos de vista. A Pós-modernidade para a maioria dos autores supõe uma grande mudança global. No entanto, alguns situam essa mudança como sendo o fim da Modernidade (dentre eles, Baudrillard, Lipovetsky, Lyotard), enquanto isso, outros estabelecem elementos de continuidade entre Modernidade e Pós-modernidade mais que uma ruptura total (como Inglehart, Lyon). Pelo contrário, outros autores consideram que o projeto moderno ainda não se completou, sendo este, por exemplo, o caso do autor Habermas (Soto, 2005).

Dentre as primícias básicas do pós-modernismo ou fase contemporânea encontram-se o rompimento com a noção de valor absoluto e de verdade, através da perda da razão única, o que possibilita uma desvalorização e uma desorientação pois não mais prevalecem valores supremos e nem absolutos. Há uma dissolução

da ideia de história, contrapondo-se o presente ao passado e ao futuro. Na verdade, em contraposição a esta dissolução da ideia de história está o fato de que o passado deveria era ser relido e reordenado no presente e o futuro deveria ser vislumbrado como fruto de uma implicação madura nas escolhas presentes. Ao invés dessas atitudes frente ao passado e ao futuro que foram pontuadas logo acima, ocorre é que o centro será o próprio eu (hiperindividualismo) ao qual se deve compensar e proteger narcisicamente para poder inconsequentemente desfrutar de uma juventude o mais eterna possível.

Dessa forma, na atualidade observa-se que frequentemente tudo passa a valer mediante o fato das normas gerais e valores absolutos encontrarem-se obsoletos. Já no que compete à comunicação, o pós-modernismo firma-se na informação e na expressão através do rompimento de fronteiras, por meio da desarticulação das estruturas espaço-temporais estáveis (Aguirre & Rodríguez, 1997).

Atualmente existem três fenômenos típicos do início do terceiro milênio que compõem sintomas do tipo de imaturidade própria desta época: o hedonismo permissivista, o relativismo moral e a frivolidade existencial. Diante disso, dentre as características próprias da imaturidade, pode-se citar: autoafirmação individualista, predomínio dos impulsos sobre as ideias e as convicções, instabilidade emocional, carência de análise objetiva da realidade, dificuldade de definir valores e de comprometer-se com eles, deficiência de paciência e a afobação, ausência de equilíbrio para discernir quando deve ousar e agir sozinho e quando precisa recorrer a experiência dos outros, carência de ponderação para encontrar o justo meio entre dois extremos (Cifuentes, 2003).

A imaturidade gera as ilusões que são tão comuns nos adolescentes e nos adultos que a eles se assemelham, bem como as falsas expectativas que levam a estados de ânimo volúveis: ora conduzem a pessoa até uma euforia regida pelas ilusões, ora imergem na depressão quando a realidade frustra as suas falsas esperanças (Cifuentes, 2003).

A criança, ao sair do âmbito restrito à relação materna e à sua imaginação sensitiva, desperta para o mundo que a circunda e progressivamente aprende a fazer distinções e a instaurar a conexão entre causa e efeito. Contudo, por vezes, a criança expressa um certo egoísmo instintivo, o que provavelmente se deve à influência da educação recebida principalmente dos pais e /ou cuidadores; a um comodismo primário, ao desejar manter privilégios; e ao autoritarismo ditatorial, pois exige a realização de seu querer de forma imediatista. E se a externalização de seu desejo não for suficiente para alcançar o almejado recorre às artimanhas diversas, dentre elas: berros, choros, dissimulação, fingimento, e etc (Cifuentes, 2003).

Esse âmbito infantil amplia-se para o desenrolar da fase juvenil, mas, como já comentado, há jovens que por inúmeras e variadas razões não ultrapassam esse universo restrito e, assim, instauram-se posturas egoístas e comodistas bem arraigadas (Cifuentes, 2003).

Ressaltando a importância da pedagogia e da educação de qualidade, reconhece-se que quando essas não são satisfatórias certas predisposições geradas na infância podem se exacerbar através, por exemplo: da centralização das atenções para si, das invejas e ciúmes, da dominação, da valorização pessoal. E assim, estas tendências não contidas, ao chegar na fase adolescente, trazem a inclinação pela autoafirmação individualista e a desconfiança diante da opinião e

posição dos adultos, vinculadas à rebeldia que aspira por fazer vigorar e até imperar o posicionamento pessoal do adolescente, geralmente, a qualquer custo e independente de qual seja o determinado posicionamento (Cifuentes, 2003).

O adolescente, às vezes, diante do anseio de se tornar independente ou mesmo demonstrar independência aparenta, através do desenvolvimento e aprimoramento da dissimulação com o auxílio da imaginação, ter uma segurança e experiência que não possui. A partir de então, pode ser formado um abismo entre o que a pessoa imagina ser e o que verdadeiramente é. Uma real desproporção que o sujeito adolescente, e em alguns casos até o adulto, procura superar por meio do desenvolvimento de papéis que buscam camuflar as falhas, carências e incapacidades pessoais (Cifuentes, 2003).

Pode-se citar algumas dentre as características peculiares da adolescência, como: a ausência de objetividade, já que costumam imperar os impulsos sensitivos e o indivíduo percebe-se capaz de ser e de poder tudo; a experiência é escassa e a vitalidade encontra-se em demasia, pois carece de conhecimento experimental para discernir e isto gera insegurança que tenta ser encoberta com as teatralizações; em geral falta humildade, aspecto característico de imaturidade, por não ter o hábito de pedir ajuda e conselho; assim como, explícita carência de equilíbrio no discernimento, o que inclina geralmente a pensar de forma absoluta e radical, já que falta certa ponderação (Cifuentes, 2003).

Na fase da adolescência, a convivência e relacionamento grupal em meio à preferências e opções, inclusive referente ao tempo de lazer, é que estipulam o modo de ser adolescente diferenciado do adulto, “valorizando suas expressões

culturais e a construção das identidades grupais, como forma de inserção efetiva na realidade social” (Stoppa, 2007, p. 132).

Esse caráter de diferenciação e busca de construção identitária denota algumas modificações nas percepções e relacionamentos do sujeito adolescente com as dimensões espaço-temporais. Daí então pode haver uma necessidade de separação espacial ou territorial que motiva a busca de um novo território, que contenha diferenças em relação ao familiar. Aguirre e Rodríguez (1997) percebem nessa referida fase vital a conquista de um espaço próprio mediante apropriação pessoal, o que supõe um determinado distanciamento e uma formação de identidade. Atrelada à conquista do espaço está a do tempo, perceptível através de reivindicações diversas quanto a horários, claramente os adolescentes tentam levar as figuras parentais a cederem e afrouxarem suas diretrizes. Essas pretensas necessidades de conquistas espaço-temporais podem ser motivo de conflitos, no entanto é notória a imprescindibilidade paterna de leis e normas estipuladas, pois para a construção identitária é preciso haver clareza de que só existe liberdade autêntica agregada à responsabilidade.

Já que esta fase vital justamente por ser caracterizada pela busca da própria identidade, como mencionado anteriormente, comporta uma diferenciação de certos preceitos parentais, todavia isso não representa necessariamente (ou, pelo menos, não deveria representar) uma conotação de extremada rebeldia.

A relação que os pais estipulam com os filhos, principalmente no que tange aos preceitos de liberdade e responsabilidade, reflete até mesmo nas atividades de lazer empreendidas pelos adolescentes. Sendo assim, as escolhas de implicação em práticas de lazer são grandes denotadoras, dentre outras coisas, das estruturas

sociais, da localização territorial, das relações parentais, da condição financeira, da educação recebida. Essas escolhas constituem uma peça fundamental para a compreensão da realidade social e das formações grupais, pois no atual contexto brasileiro observa-se a violência como emergente prática adolescente através da organização de grupos ou gangues que, por vezes, propagam uma emancipação ilusória e de consequências prejudiciais para os indivíduos envolvidos e para a sociedade em geral.

O interesse pelos jovens, por sua educação e por seu convívio social tem preocupado a sociedade de todos os tempos. A existência de grupos adolescentes remonta desde a Antiga Grécia. Como formação grupal, a adolescência tem sua cultura diferencial expressa através das formas de entender seu território particular, história própria, suas crenças, valores e linguagens. Compreende-se, assim, as tribos ou grupos adolescentes, neste contexto individualista desagregado e fragmentado, como respondendo à necessidade de buscar com outros indivíduos semelhantes pontos de união e de agregação. Nesta fase o grupo, enquanto grupo de iguais, encontra ou estrutura sua identidade ao mesmo tempo que os indivíduos que compõem o referido grupo.

A partir disso, corre-se o risco de vigorar um relativismo social, pois cada grupo cria e vive sua realidade própria, o que estabelece uma multiplicidade de grupos ou multiculturalismo. Faz-se ainda pertinente mencionar que os indivíduos podem pertencer a vários grupos (multiculturalismo), que eles os vivenciam hierarquicamente (a partir de uma postura assimétrica em relação aos mesmos) e que podem mudar de grupo (desvinculação) ou modificar o grupo (mutação na estruturação grupal). E tudo isso ocorre no marco da dimensão grupal da

adolescência que é originariamente fundamental para a construção subjetiva dos indivíduos (Aguirre & Rodríguez, 1997).

Este panorama incerto e volúvel da Pós-modernidade se une à instabilidade da etapa juvenil. Em pleno processo de transição para a fase adulta, a juventude se vê especialmente afetada pelas transformações sociais, pelo acentuado consumismo, pela falta de expectativas prósperas de emprego, pela desintegração dos modelos familiares tradicionais, pelas relações efêmeras. Assim, a juventude de hoje é variadamente marcada (Soto, 2005).

Isso foi aqui ponderado porque a adolescência além de configuração biológica tem significação cultural. Quando se diz que a adolescência é uma invenção recente, como já foi mencionado, é no sentido de invenção cultural. E esta conotação de invenção cultural é decorrente ao fato da fase adolescente ter, mais precisamente, início no último terço do século XIX (ainda que só para os garotos da incipiente burguesia), enquanto que como fenômeno social ao afetar a todas as classes sociais tem que ser retardada aos anos sessenta e começo dos setenta, quando os garotos e garotas (incorporação da adolescência feminina) das classes médias (operários e profissionais) ascendem massivamente aos estudos médios, profissionais e superiores, com a criação da adolescência estudantil (Aguirre & Rodríguez, 1997).

Logo, a cultura adolescente, sendo esta fase identificada como etapa diferencial da vida, precisa de adequada e satisfatória coesão grupal e auxílio na resolução de problemas, sobretudo, o da busca da identidade.

## **5. O PROCESSO INVESTIGATIVO**

Com a finalidade de propiciar correspondente desenvolvimento da presente pesquisa, optou-se por um modelo metodológico qualitativo de enfoque social, realizado através de trabalho grupal com proposta de tratamento dos dados amparado nas noções da técnica da análise de conteúdo. Pesquisa esta enquadrada na abrangência das ciências humanas por ser considerada mais viável e eficaz para alcançar os objetivos aqui estabelecidos.

### **5.1. Aporte metodológico**

A pesquisa qualitativa visa entender determinada situação social, fato, papel, grupo ou interação. É, no geral, caracterizada como um processo investigativo onde o pesquisador pretende gradualmente compreender o sentido de um fenômeno social ao contrastar, comparar, reproduzir, catalogar e classificar o objeto do estudo. Este tipo de pesquisa é eminentemente interpretativo, apresenta dados emergentes descritivos e perpassados por análises constantes por parte do pesquisador, focaliza-se nas percepções e experiências dos participantes e na maneira como eles entendem sua vida (Creswell, 2007).

A fim de fortalecer teoricamente a constituição do corpo da pesquisa e favorecer o processo de análise dos dados coletados recorreu-se a subterfúgios da técnica da análise de conteúdo, a partir dos estudos de Bardin (1977) e de Bauer e Gaskell (2004).



Assim, a proposta de investigação elegida para suportar esse trabalho qualitativo foi a pesquisa social; a qual ancora-se em dados acerca do mundo social, que formam os próprios resultados almejados pelo trabalho científico, e são construídos nos processos de comunicação social (Bauer, Gaskell & Allum, 2004). “Na pesquisa social estamos interessados na maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e as dos outros” (p. 23).

Assim a comunicação, enquanto âmbito de construção da pesquisa social, constitui dado social na sua forma informal e formal. Existem três meios através dos quais podem ser detectados estes dados sociais: textos, imagens e materiais sonoros. Cabe mencionar que a comunicação informal tem raras regras explícitas, pois os sujeitos implicados em pesquisa podem falar, desenhar, cantar ou expressar demais manifestações de expressão pessoal e cultural, já que o foco da pesquisa social é “desvelar a ordem oculta do mundo informal da vida cotidiana” (Bauer, Gaskell & Allum, 2004, p. 21).

Compreende-se, pois, que as representações são particulares relações de sujeito-objeto implicadas no âmbito social, já que

o principal interesse dos pesquisadores qualitativos é na tipificação da variedade de representações das pessoas no seu mundo vivencial. As maneiras como as pessoas se relacionam com os objetos no seu mundo vivencial, sua relação sujeito-objeto, é observada através de conceitos tais como opiniões, atitudes, sentimentos, explicações,

estereótipos, crenças, identidades, ideologias, discurso, cosmovisões, hábitos e práticas. (Bauer & Aarts, 2004. p. 57).

Nesta investigação a pesquisa qualitativa referiu-se à realização de atividades grupais semi-estruturadas, até porque a própria pesquisa qualitativa utiliza-se tanto de técnicas de entrevistas com um único respondente ou com um grupo de respondentes, em esquema de intervenção grupal (Gaskell, 2004).

Sabe-se ainda que a modalidade de entrevista qualitativa, quer seja individual ou grupal, na abrangência das ciências sociais é amplamente empregada como metodologia de coleta de dados. Pois, disponibiliza dados básicos para desenvolvimento e compreensão das relações sociais em contextos específicos. Por isso as investigações feitas com entrevistas constituem processo social, uma interação ou empreendimento cooperativo, exposição de ideias e significados, em que realidades e percepções são tratadas e desenvolvidas por meio da palavra (Gaskell, 2004).

No trabalho de pesquisa grupal, o pesquisador torna-se um condutor ou moderador da interação social por meio da comunicação estabelecida durante o processo grupal. Gaskell (2004) considera que o trabalho de pesquisa grupal “é uma interação social mais autêntica do que a entrevista de profundidade, um exemplo da unidade social mínima em operação e, como tal, os sentidos ou representações que emergem são mais influenciados pela natureza social da interação do grupo” (p. 75).

Tem-se como algumas das características centrais do trabalho investigativo com grupo: a própria interação social existente, as peculiaridades do processo grupal, no qual observa-se a dinâmica das atitudes, da mudança de opinião e a

liderança de opinião, bem como o grau e variação do nível de envolvimento emocional que é construído e/ou alterado no decorrer do processo (Gaskell, 2004).

A partir dos dados coletados através do trabalho de campo da pesquisa, principiou-se a fase de análise destes materiais, neste caso específico fruto de transcrições. Segundo Gaskell (2004), a fim de analisar o conteúdo extraído dos encontros grupais, o pesquisador deve lembrar o ambiente e os temas-chave emergidos, pois tem-se conhecimento que pode haver perda de informações no material transcrito e o pesquisador deve trazer à memória aspectos significativos, como: tom emocional dos sujeitos, o porquê de certas perguntas, dentre outras coisas, visto que falas ou comentários que podem ser inicialmente consideradas sem sentido adquirem enorme valor para a construção do processo.

O objetivo amplo da análise é procurar sentidos e compreensão. O que é realmente falado constitui os dados, mas a análise deve ir além do simples valor aparente. No percurso da análise procura-se por temas emergidos e suas possíveis funções. Tendo clareza que a fase de análise e interpretação exige tempo e esforço por parte do pesquisador que emerge no material coletado, a fim de realizar leituras e releituras: marcar e realçar, tecer comentários, identificar concordâncias e discordâncias diante dos dados trazidos pelos sujeitos no contexto pesquisado. A relevância desta certa exaustão nas leituras pode fazer eclodir lembranças no pesquisador que o faz quase reviver todo o processo investigativo e isso é imprescindível para a análise realizada (Gaskell, 2004).

Gaskell (2004) pontua que durante o prosseguimento das análises e interpretações faz-se necessário ter sempre em mente os objetivos e finalidades da

pesquisa, bem como retornar com frequência ao material bruto coletado, atitude esta que pode suscitar novas perspectivas ou ratificar as análises já realizadas.

Para tanto, tendo em vista um salutar e coerente percurso de análise dos dados elegeram-se, como já foi mencionado, a técnica da análise de conteúdo enquanto “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a 'discursos' (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (Bardin, 1977, p. 9).

Assim, a análise de conteúdo constitui um conjunto de técnicas de análise das comunicações que busca obter, através da descrição do conteúdo de mensagens, indicadores que possibilitem inferir conhecimentos acerca das condições de produção e recepção das respectivas mensagens (Bardin, 1977).

Na análise qualitativa, que constitui a abordagem metodológica escolhida para esta pesquisa, segundo Bardin (1977) é a presença ou ausência de características em fragmentos das mensagens constantes no material coletado que é considerado.

Através da reconstrução de representações, os analistas de conteúdo inferem a expressão dos contextos, e o apelo através desses contextos. Se enfocarmos a fonte, o texto é um *meio de expressão*. Fonte e público são o contexto e o foco de inferência. Um *corpus* de texto é a representação e a expressão de uma comunidade que escreve. (Bauer, 2004, p. 192).

Com isso, segundo os estudos de Bardin (1977), a análise de conteúdo organiza-se nas seguintes fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação. A pré-análise é a própria fase de organização dos materiais, se for necessário faz-se: escolha de documentos a serem submetidos à análise, pode-se formular hipótese e retornar aos objetivos estipulados, elaboram-se indicadores ou norteadores que fundamentem o processo de interpretação. Para isso, realiza-se prioritariamente leitura flutuante do material de pesquisa com o intuito de fortalecer o contato com os documentos da pesquisa para, a partir de então, poder principiar análise e conhecimento em vista da apropriação dos dados. Percurso esse que permite, se for o caso, a constituição do *corpus* da pesquisa enquanto conjunto de documentos a serem submetidos aos procedimentos analíticos.

Em seguida orienta-se que se faça a exploração do material, fase que consiste em operações de codificação baseadas na classificação do material coletado. É uma construção feita mediante a teoria na qual a pesquisa fundamenta-se e o material de determinada pesquisa, desta forma os códigos são criados teoricamente e refletem o objetivo da pesquisa (Bauer, 2004).

Por fim, realiza-se o tratamento dos resultados obtidos e a devida interpretação dos mesmos com o intuito de condensar e revelar as informações fornecidas pelas análises. “O analista tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (Bardin, 1977, p. 101).

Esse passo condiz com a inferência, aquela dedução de maneira lógica, um processo que localiza-se em um patamar intermediário à descrição (enumeração das características do texto) e à interpretação (a significação concebida a estas características), vindo a representar uma fase que permitirá a passagem, explícita e controlada, de uma à outra (Bardin, 1977).

A facilitação e precisão da etapa de interpretação dos dados de pesquisa pode ser realizada por meio de categorização, que é uma operação de classificar elementos constitutivos de um conjunto de materiais coletados mediante a diferenciação e o reagrupamento por analogia, ancorando-se na codificação previamente realizada (Bardin, 1977).

Enfim, a análise de conteúdo é uma construção social que foi desenvolvida com o intuito de analisar materiais textuais, especialmente os impressos, contudo também abrange uma diversidade de materiais (textuais, sonoros, imagens), como já foi pontuado por ser uma característica da própria pesquisa social qualitativa. Na verdade, pode-se dizer que a análise de conteúdo abarca o artefato cultural. Provavelmente, a grande importância desta técnica de análise de dados esteja em manter-se desafiando e inferindo acerca da primazia do material coletado por meio de entrevistas, em suas duas modalidades (individual e grupal), na pesquisa social (Bauer, 2004).

Dessa forma, a pesquisa social aqui mencionada faz-se pertinente para subsidiar o desenvolvimento dos objetivos vislumbrados e da metodologia proposta. Pois essa investigação visou detectar sentidos atribuídos pelos sujeitos, diante do contexto social e das relações empreendidas, no que diz respeito principalmente às escolhas de práticas de lazer. Assim buscou-se, a compreensão das repercussões

que toda esta conjuntura contemporânea acarreta para a constituição subjetiva dos sujeitos adolescentes, que de forma qualitativa foram investigados. Essa investigação, com procedimento metodológico de intervenção grupal, buscou propiciar interação interpessoal entre sujeitos que vivem em contextos considerados violentos e assim com precariedade relacional. Recordando que essa mesma pesquisa foi amparada e corroborada pela teorização desenrolada sobre características da contemporaneidade, dentre elas: a vulnerabilidade e flexibilidade dos vínculos.

## **5.2. Aspectos éticos da pesquisa**

Em relação aos aspectos éticos da pesquisa com seres humanos, ambos os laboratórios, OTIUM e LABIO, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR, bem como suas pesquisas, nas quais interliga-se este trabalho de Dissertação, já se encontram devidamente com registros e aprovações no Comitê de Ética desta instituição de ensino. Sendo alertado para o imprescindível respeito e manutenção da integridade e dignidade humana, por meio do sigilo e zelo pelos dados colhidos nos trabalhos realizados, junto ao exercício e posterior divulgação da pesquisa.

Assim, os aspectos éticos considerados na pesquisa com seres humanos encontram-se em conformidade com a Resolução 196/96. Aos sujeitos participantes assegura-se o sigilo das informações, o anonimato e o livre-arbítrio na inclusão do estudo. Pesquisa essa do Mestrado em Psicologia que conta com devido registro no COÉTICA (Comitê de Ética em Pesquisa / Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-

Graduação da Universidade de Fortaleza) mediante correlação com a pesquisa “Ócio: representações, práticas e funções, na sociedade que centraliza o trabalho” com número de registro 07-042, aprovado em 26/03/07 e com número de parecer 025/2007, bem como consta-se de termo de consentimento livre-esclarecido fornecido aos participantes e autorização a ser assinada pelo indivíduo responsável pelo participante, cujos modelos encontram-se anexos.

### **5.3. Percurso da pesquisa**

Enfim, estipula-se que esta pesquisa constou de explanações teóricas principalmente ancoradas em estudos acerca: do sentido da vida (Frankl, 1990a, 1990b, 2005), bem como das temáticas de ócio, lazer e tempo livre, ao detectar suas diferenças e intercâmbios de ordem conceitual e vivencial. Por considerar a preponderância dessas averiguações diante do tema elegido para a pesquisa e com a finalidade de fornecer ancoragem e suporte às verificações e intervenções que posteriormente foram empreendidas.

Assim, em vista da construção da pesquisa, no princípio foram detectados e elegidos conteúdos teóricos pertinentes e coerentes com os aportes objetivacionais e metodológicos, ancorando-se nos preceitos das pesquisas dos Laboratórios OTIUM, do qual sou membro, e do LABIO, ambos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR; destacando a relevância da interlocução laboratorial.

Pode-se dizer que foi substancial para a construção e andamento deste trabalho investigativo a participação no Laboratório OTIUM antes mesmo do ingresso no Mestrado, já que os estudos, discussões, seminários, pesquisas de



campo e demais atividades realizadas nesse laboratório favoreceram todo o transcurso do processo. Ressaltando que, a escolha da temática e delineamento da pesquisa contou com a implicação de alguns aspectos, como: a própria relevância de atuar no Laboratório OTIUM, já que este referido laboratório subsidiou teoricamente e estruturalmente a presente investigação através de uma abrangente pesquisa intitulada “Ócio: representações, práticas e funções, na sociedade que centraliza o trabalho”, a qual tem como objetivo geral investigar as representações e as práticas de ócio na atualidade, identificando e analisando, em âmbitos diversos, os reflexos de tais processos. E ainda, apresenta objetivos específicos que tocam, assim como a outros projetos de pesquisa, a essa investigação, dentre os quais: promover uma compreensão aplicável ao contexto atual para os conceitos de ócio, tempo-livre e lazer; delinear um percurso da compreensão dos termos ócio e lazer, na sociedade brasileira; sensibilizar a partir de investigações, para a necessidade de uma educação para o ócio no contexto do tempo livre (casa, grupos, espaços públicos e privados para lazer) e do tempo de trabalho (escola, empresa, centros de treinamento para a empresa, etc.).

Conta-se também como importante para a presente pesquisa, o Estágio Curricular em Psicologia Escolar durante a Graduação em Psicologia na UNIFOR, o qual realizou-se em uma Escola Pública da cidade de Fortaleza com a demanda de lidar com questões relativas à alta incidência de comportamentos violentos apresentada pelos adolescentes alunos da referida escola, inclusive essa escola tem sede no bairro (Comunidade do Dendê) onde residem os membros integrantes do grupo desenrolado na pesquisa aqui desenvolvida e construída em colaboração com pesquisa do Laboratório LABIO.

Também foi imprescindível para a construção desta Dissertação a inserção na pesquisa do Laboratório LABIO, aqui mencionada, que denomina-se: “Violência, culpa e ato: causas e efeitos subjetivos para jovens e adolescentes”, a qual consta de aspectos, concernentes aos objetivos e metodologia, condizentes com o almejado por essa investigação. Dentre os objetivos da referida pesquisa do Laboratório LABIO constam: propiciar aos adolescentes e aos jovens a construção de novos paradigmas subjetivos frente aos impasses vivenciados no seu espaço social, evitando uma saída do mal-estar através do uso da violência e da passagem ao ato, ao mesmo tempo em que levanta o sentido dado à culpa como consequência das práticas de atos de violência.

No que concerne aos aspectos metodológicos, tendo em vista o objeto de estudo da pesquisa do Laboratório LABIO, logo acima pontuado, destaca-se a ação de levantar as causas e efeitos subjetivos da violência com grupos de adolescentes e jovens pertencentes à comunidade de baixa renda. Compreende-se que a abordagem que melhor se aplica ao cumprimento do projeto proposto por esse laboratório de pesquisa é a abordagem qualitativa. Sabendo que essa abordagem possibilita a valorização dos conteúdos, dos discursos e dos sentidos do mal-estar que os sintomas sociais representam para cada sujeito.

Para o salutar desenrolar do mencionado projeto de pesquisa do Laboratório LABIO houve à princípio uma capacitação, em vista de fornecer orientações sobre a execução da pesquisa para os pesquisadores (alunos de Pós-Graduação do Mestrado em Psicologia, extensionistas e alunos da Graduação em Psicologia) que conduziram os grupos, sendo o trabalho com grupos desenvolvido a partir do objetivo do projeto, o qual já foi citado.

O delineamento do *corpus* de uma pesquisa qualitativa requer relevância, homogeneidade e sincronicidade, por considerar que os assuntos a serem abordados pela pesquisa devem ser teoricamente relevantes e devem ser coletados a partir de apenas um ponto de vista, assim como os materiais em um *corpus* têm um foco temático (Bauer & Aarts, 2004).

Dessa forma, a presente pesquisa delimita seu *corpus* principalmente a partir da relevância do tema da violência na contemporaneidade, no tocante aos adolescentes imersos em contextos violentos e suas práticas de lazer, isso já precisa a homogeneidade e sincronicidade na coleta e trato dos dados, colhidos mediante encontros grupais lúdicos realizados com esta especificidade de sujeitos e registrados por transcrições, tendo suporte nas noções teóricas da metodologia, no tópico acima explicitada: pesquisa qualitativa, social, encontros grupais, análise de conteúdo.

A construção do *corpus* da pesquisa deu-se inicialmente por meio de divulgação, acerca da realização de grupos com adolescentes em torno da temática da violência a realizar-se no SPA localizado no NAMI – UNIFOR, feita pelos pesquisadores do Laboratório LABIO em Escolas Públicas de um dos bairros (Comunidade do Dendê) da cidade de Fortaleza com alta incidência de violência, o qual é circunvizinho à UNIFOR e atendido pela ampla e diversificada estrutura do NAMI.

Cabe mencionar que, segundo consta no projeto do Laboratório LABIO, essa Comunidade, localizada nos arredores da UNIFOR, contava com uma população estimada em 9.503 habitantes, tomando como base os dados de um senso referente ao ano de 1998, realizado pela Universidade de Fortaleza e pelo convênio PIBIC /

CNPq / UNIFOR. A existência na comunidade de 2055 famílias, sendo um terço possuidoras de 4 a 5 membros, dimensiona um espaço recortado da realidade social de Fortaleza.

A população da Comunidade do Dendê, de 6 a 15 anos de idade, se fazia presente em mais de 60% das famílias inquiridas e metade dessas crianças e adolescentes, segundo este senso de 1998, não frequentavam a escola, 50% das famílias tinham, pelo menos, uma criança menor de 5 anos de idade. A maioria das famílias possuía renda superior a 1 salário mínimo, sendo 45% com uma pessoa trabalhando, 10,3% com todos os membros desempregados e 19% apresentavam um aposentado.

Também, de acordo com este estudo científico, era grande o número de pessoas nesta referida Comunidade, principalmente jovens, que viviam na desocupação, usavam drogas lícitas e ilícitas, praticavam atos de violência e se entregavam à marginalidade. Diante desta realidade que demonstra traços de destruição dos laços sociais e a consequente desvalorização humana, o Laboratório LABIO busca intervenção terapêutica preventiva com o intuito de proporcionar, através de trabalhos de sensibilização da comunidade, aos sujeitos a ressignificação destes sintomas em uma nova perspectiva de valorização humana e social.

Com base no já exposto, o critério de inclusão dos participantes nos grupos é vivenciar e/ou ser perpassado pela violência em níveis: físico e ou psicológico. A partir desse critério várias considerações foram formadas de acordo com o material levantado no grupo, ressaltando que utilizou-se como técnicas de pesquisa oficinas lúdicas, como uso por exemplo de: recortes, colagens, recitação de contos, reportagens de revistas e jornais, relatos verbais e escritos, pinturas, desenhos, a

fim de favorecer o desenrolar do processo grupal, inclusive a nível interativo e para a emergência de conteúdos.

O perfil dos sujeitos do grupo, trabalhado nesta Dissertação, constituiu-se de quatro sujeitos do sexo feminino com faixa etária entre 14 e 16 anos de idade. Ressaltando que, a adesão ao grupo foi espontânea mediante informações fornecidas aos adolescentes na divulgação feita nas escolas públicas do bairro em questão. Quanto ao número de sujeitos e sexo dos mesmos, pode-se dizer que o grupo formou-se aleatoriamente, inclusive se for considerada a compatibilidade de horário para a realização dos encontros grupais.

Para tanto, o trabalho de campo realizou-se junto aos encontros do grupo de adolescentes com frequência semanal, duração média de uma hora e meia, ocorridos no SPA – NAMI. Com o intuito de levantar os impasses relacionados à violência, vividos pelos adolescentes em sua comunidade, se fez necessário o auxílio de instrumentos lúdicos fornecedores de estímulos desencadeadores de expressividade concernentes à realidade e subjetividade dos indivíduos em questão.

O processo de pesquisa obedeceu a certas etapas iniciais, as quais foram: reunião informativa aos participantes, a fim de precisar os objetivos do trabalho e corresponder aos protocolos éticos de pesquisa, assim como definir datas, local e demais aspectos referentes a logística, imprescindíveis ao desempenho adequado da pesquisa.

A coordenação dos encontros grupais, que foram analisados para fins desta pesquisa, contou com a participação de três pesquisadores, sendo os mesmos membros e colaboradores do Laboratório LABIO, supervisionados em reuniões do laboratório e, também, realizando reuniões extras de avaliação e planejamento dos

encontros grupais. Assim, os dados coletados por meio de transcrições, ainda no decorrer do processo grupal, foram expostos e submetidos a análises iniciais em supervisões a fim de favorecer a leitura e compreensão dos fatos em vista, até mesmo, da estruturação e condução dos encontros grupais posteriores. Já que todos os estímulos e ferramentas que foram utilizados nesse trabalho de pesquisa visavam mediar a interação e a explanação por parte dos adolescentes de questões vivenciadas e percebidas por eles em relação à violência social, inclusive no que concerne às escolhas de práticas de lazer e os sentidos conferidos às mesmas.

Fato este que corresponde à construção de tópico guia (Gaskell, 2004) para a condução salutar do processo grupal, por auxiliar na orientação e condução dos pesquisadores no desenrolar dos encontros grupais, bem como contribuir ao formar um esquema preliminar para a análise das transcrições, as quais eram feitas a partir dos conteúdos (dados) significativos que emergiam no decorrer dos encontros grupais, as quais foram posteriormente analisadas mais profundamente com o auxílio de noções da técnica da análise de conteúdo de Bardin (1977).

A preparação antecipada dos pesquisadores que corresponde, dentre outras coisas, mediante a estruturação de tópico guia (Gaskell, 2004) para os encontros grupais, recorda a necessidade de estarem familiarizados com o campo de investigação e a linguagem local, que ocorreu na aproximação da população amostral na ocasião da divulgação do trabalho desenvolvido pelo Laboratório LABIO. E, no caso da pesquisadora que vos escreve, a realização de Estágio Curricular em Psicologia Escolar neste mesmo contexto comunitário e com semelhante público-alvo. Isso, inclusive, favoreceu este processo grupal de pesquisa social qualitativa, sumamente relevante, para averiguação de atitudes, opiniões e

comportamentos através de artifícios geradores para sensibilização do grupo, referentes a assunto de interesse público e preocupação comum, como é a temática da violência social na atualidade.

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÕES ACERCA DA INVESTIGAÇÃO REALIZADA

Cabe explicitar, neste tópico da pesquisa, que foram realizados 12 encontros grupais correspondendo ao período de março a junho do ano de 2008, contando com três pesquisadores ligados ao Laboratório LABIO do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR e com a participação de quatro sujeitos adolescentes, de faixa etária entre 14 e 16 anos de idade, inseridos em contexto violento na cidade de Fortaleza – Ceará – Brasil.

Mediante leitura flutuante e, posteriormente, leitura mais seletiva foi extraído das transcrições (*corpus* da pesquisa), a partir do ocorrido nestes respectivos encontros grupais, conteúdos significativos (expressões discursivas dos sujeitos) que fossem representativos inclusive diante dos objetivos estipulados pelo delineamento desta investigação qualitativa. Cabe mencionar que, as falas dos sujeitos virão acompanhadas pela letra “F” juntamente com algarismo, a fim de identificá-las e diferenciá-las.

Assim, já com os resultados destrinchados, os dados representativos foram relidos e agrupados por semelhança a fim de obter maior precisão para a construção das análises, a qual constitui uma articulação entre os aspectos teóricos (codificação) e os observacionais colhidos no trabalho de campo (categorização) ao construir termos-chave denotadores do processo investigativo realizado. Dessa forma todo o percurso metodológico desta investigação contou com o amparo das noções da técnica denominada análise de conteúdo, da autora Bardin (1977).



Quanto aos materiais utilizados, enquanto recursos metodológicos de ludicidade com a finalidade de constituírem estímulos desencadeadores de expressividade dos sujeitos em questão no decorrer do processo de grupo, pode-se mencionar que os mesmos foram: lápis preto, lápis de cor, canetinhas, tesouras de papel, apontadores, colas, cartolinas, papel madeira, telas para pintura, tintas, revistas, jornais, folhas de papel ofício, pincéis, apagador, lousa branca. Na verdade, a própria estrutura física e o fornecimento de materiais que o SPA - NAMI dispõe foi sumamente relevante para a execução eficaz do trabalho de pesquisa proposto.

Estando assim em conformidade com a prática corrente e com o percurso metodológico proposto e executado, iniciado com a capacitação dos pesquisadores, o primeiro encontro grupal foi destinado a apresentações, esclarecimentos, clarificação das regras de funcionamento do grupo (quanto, por exemplo, a horários, presença e pontualidade, sigilo, compromisso, participação), bem como para detectar as expectativas que os membros possuíam acerca do percurso grupal. Já o encontro final foi destinado a recapitular impressões e percepções desenvolvidas ao longo do andamento do grupo, a fim de reconstruir por meio do discurso dos sujeitos o processo desenrolado e poder finalizar salutarmente a formação grupal.

Pontua-se que houve certa resistência, principalmente no princípio do processo grupal, por parte dos sujeitos adolescentes em relação à escrita. Pois, apesar dos pesquisadores que conduziam os encontros do grupo explicitarem que naquele espaço grupal não haveriam julgamentos por parte de ninguém (nem pesquisadores nem demais membros do grupo) acerca de atividades realizadas, os referidos adolescentes inibiam-se e até recusavam-se a escrever por relatarem que

apresentavam dificuldades em realizar atividades de escrita da forma ortograficamente correta.

No decorrer do processo grupal, houve a constatação de diversos aspectos da realidade contemporânea na qual estes sujeitos adolescentes encontram-se e onde experienciam o cotidiano, por vezes, desagregador e violento do âmbito sociocultural em questão.

Assim, foi percebido desde o primeiro encontro que esse grupo subdividia-se em dois subgrupos, fato este importante mesmo que aparentemente e superficialmente pudesse parecer irrelevante. Até porque posteriormente ao longo do processo detectou-se que dois membros do grupo residiam em uma área específica do bairro (Comunidade) abrangida por uma determinada gangue, enquanto que os demais integrantes habitavam em uma área diversa influenciada por outra gangue, as quais são rivais.

Ficou notório então, por meio dos relatos, que há uma ***divisão relacional intra-comunitária***, já que os indivíduos que residem em uma destas áreas da Comunidade possuem raros contatos ou interações mais próximos com os que residem na outra área do bairro, e vice-versa. Inclusive, foi explicitado que apesar de estudarem na mesma escola pública os membros do grupo não se conheciam, e ainda o que é mais intrigante é que informações que eram fornecidas através da instituição escolar, dentre elas encontravam-se informações concernentes a cursos diversos disponibilizados para a Comunidade, eram do conhecimento prioritário de membros do grupo que residiam em uma das áreas do bairro. Ainda que tenha sido explicitado pelos sujeitos adolescentes, em encontro grupal, que uma das gangues já se encontra enfraquecida devido às mortes e prisões de alguns integrantes,

porém o fato é que a Comunidade em questão ainda encontra-se repartida em função das mesmas.

“Olha, a gente até estuda na mesma escola, uma dessas meninas eu até já tinha visto por lá mas a outra nunca vi. Cada um fica com seus conhecidos, com o povo que mora mais perto e a gente acaba não se misturando”. (F 01).

“Esses cursos que as meninas falaram aí que tem aqui na comunidade eu nunca tinha ouvido falar, mesmo elas dizendo que souberam deles também pela escola”. (F 02).

Esse fato social interliga-se com as colocações de Bauman (2003) acerca das alterações vinculares que ocorrem nas relações sociais desde as transições das comunidades tradicionais para as cidades modernas, em vista da formação e funcionamento das mesmas, assim como Soczka (2005) menciona que a cidade enquanto espaço interacional requer seleção adaptativa das interações e escolhas subjetivas.

O reflexo disso foi percebido no transcurso grupal no que diz respeito principalmente à interação precária inicialmente existente entre os membros do grupo e, posteriormente, desenvolvida e ampliada mesmo que minoritariamente no interior do grupo. Ressaltando que, essa precariedade relacional influencia até mesmo o âmbito escolar também dividido interativamente de acordo com a área onde o sujeito reside, a qual é de abrangência de uma das determinadas gangues.

Ainda em relação ao ambiente escolar, relatam que há uma alta incidência de comportamentos violentos, destacando-se agressões e depredações por parte de alunos, os quais demonstram desinteresse e desrespeito. Quanto ao funcionamento escolar, relatou-se características como: precariedade estrutural (inclusive, quanto a área física que deveria ser eficazmente utilizada para práticas esportivas e lúdicas), comprometimento da qualidade do ensino, desorganização, falta de autoridade e medo por parte dos profissionais de educação quanto a posturas violentas de certos alunos. Existe até uma história contada pelos integrantes do grupo de que já houve um assassinato na escola onde estudam, mas mesmo que reforcem os comentários sobre essa história ressaltam que este ocorrido foi a muito tempo atrás.

“Os professores e a diretoria da escola tem é medo de criar confusão com os alunos. Os professores mais antigos como já tão acostumados nem tanto, mas os novos às vezes pedem é para sair da escola porque dizem que não aguentam, também tem uns meninos muito mal educados que humilham os professores, colocam apelidos”. (F 03).

“Tem um povo muito mal educado, bagunceiro, que suja tudo, as coisas na escola vivem quebradas e mal cuidadas. Se alguém for reclamar dizem que o problema é nosso porque quem usa a escola é a gente, pois que a gente cuide dela, mas acontece que não é todo mundo que faz bagunça”. (F 04).

“Os bagunceiros quando são suspensos da escola e mandados passar uns dias em casa acham é bom, quando voltam ficam tudo revoltado achando ruim”. (F 05).

“Quem não quer nada da vida nem devia ir para a escola porque só atrapalha quem quer”. (F 06).

“Na sala é a maior bagunça, o professor tem que repetir a matéria várias vezes aí a gente fica tudo atrasado”. (F 07).

“Do jeito que as coisas tão lá na escola, com o ensino ruim não me sinto preparada para o futuro, para um vestibular, tem muita coisa que a gente acaba não aprendendo”. (F 08).

Assim, algumas das expressões dos integrantes do grupo diante desta **realidade escolar deficitária** foram sentimentos de incerteza e despreparo para o vestibular, revolta pelo atraso do ensino ocasionado principalmente pelos alunos desinteressados e pela ausência de posturas enérgicas das autoridades escolares diante desse fato, sensação de que o despreparo com o qual sairão da escola fará com que percam oportunidades no futuro.

Sabe-se, então, que a vulnerabilidade social na contemporaneidade (Bauman, 1998) atinge os níveis relacionais e comunicacionais inclusive nos espaços organizacionais (Chanlat, 1996), como por exemplo é o espaço escolar,

enquanto influenciáveis e influenciadores na constituição e manutenção de identidade pessoal e social.

Confirma-se ainda que, aspectos violentos nesta Comunidade não são exclusividade do âmbito escolar já que existem condutas violentas no meio comunitário em geral. No percurso do trabalho grupal detectou-se uma certa peculiaridade presente nas brigas ocorridas nessa Comunidade, pois quando acontece alguma briga membros da Comunidade vão correndo em direção ao local da referida briga e gritam em frente as demais casas avisando que há briga ocorrendo em determinado local do bairro. Mediante este aviso geral, os moradores da Comunidade saem correndo de suas casas, juntam-se aos demais e prosseguem até o local onde há uma briga em andamento, a qual é presenciada por alguns como um verdadeiro **espetáculo violento**.

Outras questões emergidas no grupo quanto à violência no espaço público são: as diferenças entre brigas de mulheres e de homens, o fato de mulheres usarem “armas” não convencionais para defenderem-se ou atacarem, bem como as atitudes diferenciadas tomadas pelos indivíduos ao depararem-se com a violência.

No tocante às diferenças entre brigas de mulheres e homens, considera-se que as brigas de mulheres possuem, geralmente, como motivo principal os homens (disputas, ciúme, traição e etc); já as brigas entre homens são comumente em decorrência de dinheiro (dívidas, cobranças, ameaças e etc). Assim como, os tipos e severidade do golpes variam de acordo com o gênero.

E a duração do desenrolar da briga depende da gravidade que a mesma atinge e se há presente na “plateia” alguém que possui relação estreita com um dos indivíduos envolvidos na briga para buscar interromper os atos agressivos. Na

verdade, dizem que as brigas são interrompidas, prioritariamente, quando começa a alcançar um patamar mais elevado de severidade física.

O fato de haver entre as mulheres da Comunidade o uso de “armas” não convencionais foi exemplificado por meio da experiência de uma das garotas do grupo, a qual disse estar sendo ameaçada de sofrer agressões por uma outra mulher da Comunidade e, devido a isso, comentou que estava andando armada. Inclusive, a referida garota mostrou o que vem a ser sua “arma”: um prendedor de cabelo que tem como matéria-prima o ferro. Esse tipo de prendedor de cabelo é comercializado normalmente, contudo as mulheres da Comunidade chegam a comprá-lo e afiar a sua ponta em vista de utilizá-lo em situações de briga.

“O pessoal sai de casa e vai pra onde tão dizendo que tá acontecendo uma briga”. (F 09).

“Estou andando armada esses dias porque tô sendo ameaçada por uma mulher lá do bairro”. (F 10).

“A briga costuma acabar quando tá ficando pesada ou quando tem algum conhecido de uma das pessoas que tá brigando e se mete pra apartar”. (F 11).

As reações diferenciadas em relação à presenciar atos violentos, foram externadas no grupo, pois dentre os membros encontram-se quem: corre ao encontro de brigas com outros moradores da Comunidade em direção a locais onde

por ventura acontece uma briga, inclusive uma das garotas relatou que até já acordou durante a noite e saiu de casa como encontrava-se ao acordar em vista de presenciar uma briga; é indiferente, se estiver ausente a uma situação de briga não aproxima-se, mas se estiver nos arredores procura ir “assistir”; apresenta medo de sair de casa por causa da violência. Houve um relato no grupo de um integrante que só saía de casa para a escola e para nosso encontro grupal e mesmo assim procurava ir acompanhada, e tem receio pela segurança dos familiares quando estão fora de casa.

Os aspectos da violência, tida como qualquer estado, intenção ou ação destrutiva de natureza física, verbal ou psicológica de direcionalidade direta ou indireta (Romero, 2002), presentes na realidade comunitária descrita demonstram que as configurações citadinas realmente podem ser desencadeadoras de conflitos e de equilíbrio, até porque a vizinhança que possibilita vinculações e a formação de laços sociais também pode contribuir para a incrementação de conflitos (Soczka, 2005).

Comentou-se também em encontros grupais a ocorrência de assaltos e tiroteios relacionados às atuações das gangues como, por exemplo, em relação às questões concernentes ao tráfico de drogas; assim, essas questões denotam um **espaço vital ameaçado**. Relataram que tiroteios na Comunidade já ocorreram, mesmo durante o dia, algumas vezes aconteceu de integrante deste grupo pesquisado estar “na rua”, supermercado (mercadinho) ao principiar um tiroteio. Quanto aos assaltos, houveram comentários de que: presenciaram assaltos no espaço comunitário; familiares foram assaltados fora da área do bairro; a casa de integrante do grupo, quando tinha muro baixo, foi assaltada duas vezes para roubo



de bicicletas; mas também entraram nesta mesma casa membros de gangues fugindo de confrontos com gangue rival, já que próximo a essa casa morava um jovem membro de gangue.

Esse jovem morador da Comunidade e membro de gangue, o qual veio a falecer, era conhecido da família de integrante do grupo, este falecimento comoveu essa família que, inclusive, compareceu ao velório. Comentou-se, então, que velórios de pessoas que morreram assassinadas ou em algum desastre sempre contam com a presença de muita gente, porque todos querem ver o corpo do falecido e saber detalhes do ocorrido.

Novamente em relação a assaltos, foi dito que “vagabundos” moradores da Comunidade assaltam também membros da mesma Comunidade, o que denota ausência de cumplicidade e de respeito. Diante disso foi que surgiu a argumentação de que se for para roubar que roubem pelo menos quem é rico e, assim, preservem os pobres.

“Quando a minha casa ainda era de muro baixo, já aconteceu da bicicleta do meu pai ser roubada duas vezes”. (F 12).

“Eu tava um dia na mercearia quando começou um barulho de tiros, aí foi todo mundo correndo para se esconder. Peguei o que tinha comprado e fui correndo para casa”. (F 13).

“Uma vez tava tendo umas perseguições lá no bairro, quando a gente viu tinha um cara dentro da minha casa. Ele tinha pulado o muro e

era amigo de um garoto de gangue que morava perto lá de casa. Aí minha mãe falou com ele e disse pra ele ir lá pra casa do garoto”. (F 14).

“Se for mesmo pra roubar deviam pelo menos roubar quem é rico, e não o povo do bairro”. (F 15).

Cabe pontuar que os lugares, por estabelecerem relação entre a pessoa e o ambiente, comportam sentimentos sobre esses ambientes e seus significados ao permitir, inclusive, contato do indivíduo com o contexto e histórico pessoal e coletivo (Bauman, 2003), contudo o anonimato da vida urbana favorece considerável perda da identidade pessoal e comunitária (Speller, 2005).

Ainda acerca da conotação contemporânea de vulnerabilidade social (Bauman, 1998), em meio às posturas violentas que permeiam o âmbito social, constata-se que ela atinge também a estrutura familiar, a qual encontra-se vincularmente desestabilizada (Bucher-Maluschke, 2004), já que tem-se a **família como âmbito de conflito**, pois observam-se: brigas (agressões verbais) recorrentes, discussões e ausência ou precariedade quanto ao diálogo, divergências de opiniões e conflitos intrafamiliares, falta de respeito mútuo, sensação de incompreensão e desconforto na própria casa, uso de drogas e bebidas por membros da família, familiares que roubam coisas de casa a fim de venderem para compra e consumo de drogas.

“Depois de uma briga em casa saí só com a carteira de estudante e o

dinheiro da passagem, peguei um ônibus e fiquei de noite rodando de ônibus indo de terminal em terminal, sem rumo. É muito ruim não ter para onde ir!”. (F 16).

“Minha mãe até que é próxima, mas meu pai é mais estranho, distante, sei lá! Eu deixo ele lá no canto dele, só falo quando precisa”. (F 17).

“Não gosto porque a minha mãe só quer ser nova, só quer saber de usar coisas de gente da minha idade. Quando ela passa na rua meus amigos ficam tirando gracinha com ela e assoviando. Todo mundo diz que minha mãe é bonita, garotona e tudo mais. Isso me incomoda! Às vezes até discutimos por isso. Ora mais, também pego coisas dela para usar, ela fica furiosa”. (F 18).

“Às vezes não me sinto à vontade na minha própria casa. Parece que ninguém me entende, aí só dá briga, discussão”. (F 19).

“Não acho certo minha mãe ficar dando dinheiro para meu irmão porque ele só usa para droga e bebida. Ela dá porque acha melhor do que ele ir fazer coisa errada ou até tirar coisa lá de casa. Eu preciso esconder minhas coisas, porque ele já até entrou no meu quarto atrás de dinheiro para ele”. (F 20).

O sistema familiar como organização sociocultural edificadora e educadora, bem como devendo ser responsável pelo desabrochar e prudência das afeições pode suscitar a experimentação dos mais diversos afetos, o que possibilita até mesmo a ocorrência de práticas violentas (Bucher-Maluschke, 2004). Alertando para o fato de que atos violentos no âmbito familiar, como formador das relações nucleares, potencializa a recorrência de determinados atos no repertório subjetivo (Cifuentes, 2003).

A configuração contemporânea das relações encontra-se permeada pela exacerbação narcísica o que propaga a intolerância e a indiferença (Teixeira, 2004), sendo assim, a exposição a atos violentos, a influência dos imperativos midiáticos, o comprometimento da seguridade social, dentre outros fatos podem favorecer a preferência por modelos violentos de conduta (Cifuentes, 2003).

Diante das questões pontuadas quanto à violência, a qual apresenta-se no âmbito público, escolar e familiar, foi bem explicitado pelo grupo o que poderia atuar como facilitador, alternativa ou até solução para certos problemas do cotidiano. Problemas estes que desencadeiam as brigas, comumente travadas na Comunidade e nas residências, as quais diminuiriam se tivessem o diálogo como o exercício de uma comunicação eficaz que se oporia a **precariedade comunicacional** existente, já que os indivíduos violentos possuem uma certa inabilidade para processar informações sociais e resolver eficazmente problemas (Romero, 2002).

“Parece que ninguém quer saber de conversar, já vem com uma ideia na cabeça e, pronto, já parte para a discussão”. (F 21)

“Ninguém procura se entender. Cada um só fala e não escuta o outro, aí fica aquela gritaria”. (F 22).

“Acho que se as pessoas ouvissem umas às outras talvez se entendessem melhor e aí as brigas e discussões diminuiriam”. (F 23).

Contudo, membros do grupo deixaram claro que acreditam que as pessoas brigam tanto, ou seja, “vão atrás de briga”, porque “não têm nada para fazer”. Neste ponto foram detectadas **práticas diversas de lazer elegidas** pelos sujeitos que atuam de forma substancial na maneira como as pessoas relacionam-se e experienciam seu cotidiano, principalmente seu tempo dito como livre ou de “nada fazer”. No caso dos dados colhidos mediante essa pesquisa foram levantadas algumas atividades realizadas com cunho de diversão, descanso e desenvolvimento (Dumazedier, 1980) como: estudar e ler, dormir, conversar e conviver com amigos ao frequentar ruas e praças do bairro, ir a festas.

O interesse e satisfação com os estudos diz respeito a conteúdos escolares e a leitura abrange preferência por romance e suspense. Faz-se relevante esclarecer que o gosto pela leitura de histórias de suspense (policiais, criminais, de aventura) é prática comum de integrante do grupo que sentia, de forma mais exacerbada no princípio dos encontros grupais, medo de sair de casa em decorrência da violência. E essas leituras eram feitas até mesmo em ambientes conturbados e considerados chatos, como: quando está ocorrendo conflitos intrafamiliares, durante o horário do intervalo na escola que é um momento barulhento, agitado e até agressivo.

A atividade de dormir em demasia considerada como prazerosa apresenta-se atrelada à possibilidade de sonhar com coisas boas e desejadas, mas também com a morte pessoal e de pessoas tidas como caras e importantes. Fato esse que ocorre de forma recorrente e que já atemorizou um membro do grupo em questão, o qual disse já ter usado esses sonhos acerca de sua morte como chantagem junto a pessoas que lhe são próximas.

Quanto à convivência e conversas com amigos, ao considerar que aderir às identidades grupais possibilita inserção social (Stoppa, 2007), comentou-se: a existência das paqueras e de fofocas, o que às vezes gera conflitos por reportar-se à violência indireta, na qual o agressor almeja ocasionar dano a outrem, contudo sem aparentar que há determinada intenção, ao usar outros indivíduos como meios para proporcionar dito dano físico ou psíquico (Romero, 2002); a ida às festas e o consumo, por vezes exacerbado, de bebidas alcoólicas, inclusive em casa (no quarto) escondido dos pais; o fato de frequentarem ruas e praças do bairro, ao relatarem inclusive que há feirinha em uma praça que consideram agradável mesmo que não frequentem para consumir.

Faz-se importante lembrar, fato já citado anteriormente, acerca da vivência de satisfação que alguns relataram ao presenciarem ou assistirem, como a um espetáculo, o desenrolar de brigas no espaço público, da Comunidade (rua) ou da escola, e ainda essas brigas são alvo de comentários, inferências, especulações e opiniões por parte dos membros da Comunidade.

“Gosto de ler, é bom quando a gente consegue entrar na história e esquecer de todo o resto”. (F 24).

“Bom mesmo é tá com pessoal em festas, se encontrar pra conversar na rua ou na praça, falar da vida dos outros, rir muito”. (F 25).

“Por mim dormia quase o dia todo, é bom sonhar, descansar, não fazer nada. Fico furiosa quando me acordam! Só é chato quando sonho com coisa ruim”. (F 26).

“Fui comprar garrafa de bebida e levei escondido pra casa. Fiquei de noite no meu quarto bebendo sozinha e acabei adormecendo. Quando acordei ainda era de madrugada e vi que meu quarto tava um caos e com cheiro de bebida. Então corri para limpar e arrumar antes que o povo lá de casa acordasse”. (F 27).

Diante do acima exposto, em relação às práticas de lazer constata-se que: a leitura emerge como desvinculação da realidade vivida para possibilitar uma imersão na história fictícia; o ato de dormir demasiadamente surgiu como possibilidade de sonhar e, assim, talvez desviar-se parcialmente do cotidiano; a convivência com os amigos, a qual representa vinculação a um grupo de iguais, é meio de interação ou agregação na busca de uma construção identitária e, por vezes, pode sinalizar afastamento, afrontamento ou descrédito da estrutura e convívio familiar (Aguirre & Rodríguez, 1997).

Contudo, as práticas tidas como lazer também podem desembocar em práticas vazias de sentido, reforçadoras da violência ou nocivas (Cuenca, 2000),

como: apreciar assistir as brigas; disseminar fofocas, comentários inverídicos ou deturpados que, por vezes, desencadeiam desentendimentos e brigas diante da ineficácia comunicacional; o consumo de bebidas alcoólicas, capaz de gerar um “tempo de nada fazer” esvaziado e impossibilitado de propiciar desenvolvimento e crescimento pessoal e/ou social. Essas e outras práticas semelhantes são possibilitadas pela escassez ou ausência de escolhas substanciais e propiciadoras do respeito à dignidade humana.

Entretanto, em meio a tudo o que foi colocado percebeu-se junto a este grupo, mesmo que minoritariamente, **posturas de significação do vivido** através da busca de estudar em casa, procurar frequentar a biblioteca da escola, desejar terminar o ensino médio e/ou almejar uma faculdade e o engajamento em cursos profissionalizantes oferecidos na referida Comunidade. Isso demonstra o que Frankl (2005) pontua acerca de alguns indivíduos que conseguem transcender mesmo em meio à adversidade porque encontram-se firmados em um sentido claro que perseguem para a sua vida.

“Procuro estudar em casa, vou na biblioteca da escola, gosto mesmo de ler”. (F 28).

“Já fiz uns cursos oferecidos aqui na comunidade e vou agora me inscrever para outro”. (F 29).

“Queria muito me formar, ter uma faculdade, sabe!” (F 30).



“Quero ficar logo de maior para ter um trabalho e ganhar meu dinheiro, aí não ia mais depender dos meus pais e, assim, poder ter uma vida boa e comprar uma casinha para minha mãe”. (F 31).

Assim, faz-se imprescindível a existência de alternativas socioculturais que preservem a dignidade humana e possibilitem autoconhecimento das habilidades e capacidades pessoais, realização e desenvolvimento, fato este que repercute na constituição social. Cabe aqui mencionar o que foi explicitado por este grupo pesquisado acerca do trabalho grupal ter constituído um espaço favorável para externar percepções, experiências e opiniões sobre aspectos da realidade vivida que são tão pertinentes, como é o caso da ampla incidência da violência social na atualidade. Dessa forma, os integrantes do grupo em questão afirmaram que possibilidade como esta, encontrada nos encontros grupais, ainda não haviam tido.

Por isso que integrantes do grupo mencionaram a relevância das oportunidades que são ofertadas hoje, nesse referido bairro, por instituições (públicas, privadas e não-governamentais) em parcerias diversas, por exemplo: cursos variados e assistências jurídicas, sociais e de saúde; todavia cientes de que mais poderia ser feito tanto em relação a divulgação das propostas e possibilidades existentes quanto à criação de novas oportunidades sustentáveis para a sociedade com um todo.

## 7. CONSIDERAÇÕES

A configuração sociocultural contemporânea, baseada preponderantemente na lógica capitalista, estipula posturas consumistas que abrangem até mesmo as relações interpessoais, as quais tornam-se descartáveis, passageiras e fluidas. Destaca-se que o contexto familiar, o qual intervém e influencia na constituição subjetiva do sujeito, apresenta-se atualmente desagregado e esfacelado com laços, leis e papéis alterados e imprecisos. Assim, conhecimentos, crenças, valores e, até mesmo, significações e representações sociais carecem de orientação e representação, já que tornam-se susceptíveis às flutuações circunstanciais e aos regimentos exclusivamente grupais e de demais experiências e relacionamentos cotidianos, o que conduz a sociedade atual a um fluxo violento, caótico e relativista.

Com isso, o homem atual pergunta-se por que deve realizar os valores essenciais, primordiais e substanciais da vida social, já que depara-se no cotidiano com tamanha dissolução e desagregação relacional, então ele questiona-se sobre que sentido pode haver em realizá-los. Isso torna a questão do sentido prioritária na conjuntura sociocultural (Frankl, 1990a).

Diante disso, a questão central dessa pesquisa executada acerca do sentido de lazer para adolescentes em contextos violentos reflete-se nas variadas escolhas e posturas assumidas pelos sujeitos, dentre elas, em relação às práticas de lazer experienciadas pelos adolescentes em meio ao emergente consumismo contemporâneo, não só em âmbitos comerciais mas também relacionais.

Constata-se que a escassez de ofertas socioculturais de lazer acessíveis a este perfil de pessoas pode contribuir para a disseminação da violência, em seus

diversos âmbitos e facetas. Ao mesmo tempo em que as ofertas ilusórias e estrondosas seduzem, quase hipnotizam, a grande parcela da população, inclusive a população mais carente financeiramente acaba, por vezes irrefletidamente, crendo piamente que só será realizada e considerada socialmente se for capaz de consumir certos tipos e espécies de objetos mutáveis e superficiais.

Evidencia-se, a partir dos estudos de Cifuentes (2003), a existência de aspectos característicos da contemporaneidade, os quais compõem sintomas de uma imaturidade própria deste período histórico, que são: o hedonismo permissivista, o relativismo moral e a frivolidade existencial. Sendo demonstrado pela perspectiva social atual, dentre outras coisas, que muitas pessoas ascendem à vida adulta sem se tornarem psicologicamente maduras, fato corroborado pelo clima cultural da nossa sociedade de consumo permeada de potentes condicionantes que tornaram a imaturidade um fenômeno globalizado.

Em relação à duração da adolescência, apesar de existirem critérios conceituais etários, isso é uma questão de subjetividade, já que em uma pessoa que atravessa normalmente a construção e constituição de sua identidade as características ou traços principais da personalidade imatura deveriam ser ultrapassados, formando conteúdos enriquecedores para o crescimento pessoal (Cifuentes, 2003).

Assim, a infância e a adolescência, enquanto fases iniciais da vida, demonstram naturalmente alguns perfis da personalidade imatura, pois deveriam configurar etapas passageiras para a constituição de um indivíduo adulto e maduro. Contudo, a partir de Cifuentes (2003), o que se tem percebido cada vez com mais

notoriedade é a perduração ou fixação do indivíduo adulto-jovem ou até mesmo adulto em atitudes específicas da infância ou adolescência.

Além da subjetividade, contribui para esta estagnação acima citada, características e estímulos específicos suscitados pela contemporaneidade. É impressionante o que se constata quando comparam-se traços de comportamentos propriamente infantis e adolescentes com as posturas que encontram-se exacerbadas na sociedade contemporânea.

Verifica-se, pois, que as posturas adolescentes em relação aos componentes da contemporaneidade irrompem em atitudes individualistas amparadas em realidades diversas e fragmentadas, com uma multiplicidade de valores que permeiam a formação e funcionamento das tribos e grupos adolescentes.

A estrita vivência do presente em detrimento de uma clareza e conscientização acerca do passado e do futuro modula também a ação desses agrupamentos urbanos, quando a ânsia do imediatismo rompe com a infância passada e com a herança paterna. Já a carência ou desuso de normas e valores gerais norteadores faz com que a referência passe a ser o próprio eu, e por isso na atualidade a aceleração social destitui o caráter perene das coisas e das relações.

Em contrapartida encontram-se as possibilidades do ócio, autotélico segundo Cuenca (2000), relacionadas com a descoberta do sentido, já que a partir de Frankl (1990a) determinada descoberta possibilita: criação, contemplação e escolhas responsáveis. Logo, como contribuição teórica e propiciamento de estudos posteriores, inclusive em conformidade com objetivo delineado para esta investigação científica, detectou-se que o sentido de Frankl (1990b) e o conceito de

ócio autotélico de Cuenca (2004) apresentam-se como alternativas diante da imaturidade contemporânea explicitada por Cifuentes (2003).

Assim, quanto ao lazer, desvelar o sentido autêntico de vida (Frankl, 1990b) e das experiências cotidianas de lazer engrandece determinadas experiências e a própria constituição subjetiva, além de preencher a existência de valor. Quanto a constituição subjetiva do adolescente, detectou-se que é preponderante a repercussão da educação e das relações familiares nas escolhas e posturas adolescentes, contando com considerável influência dos grupos de iguais (Aguirre & Rodríguez, 1997). Sendo as práticas de lazer primordiais denotadoras dos sentidos atribuídos pelos indivíduos, pois são atividades realizáveis por livre escolha mesmo que sejam influenciáveis (Marcellino, 2007), podendo até desencadear práticas ou posturas nocivas (Cuenca, 2004).

Dessa forma, diante da pesquisa qualitativa realizada, ao relacionar os aportes teóricos investigados e as análises de campo, o lazer revelou-se como atividades consideradas satisfatórias e subjetivamente escolhidas, como uma cultura vivenciada ou exercida no tempo disponível (Marcellino, 2007), que denotam desenvolvimento, descanso e diversão (Dumazedier, 1980), mas que para serem autenticamente elegidas e vivenciadas necessitariam de um processo formativo já que, como anteriormente mencionado, pode-se constatar a presença de experiências danosas e prejudiciais para o indivíduo e a sociedade (Cuenca, 2004).

Lamentavelmente na sociedade atual observa-se uma certa banalização e naturalização de condutas violentas, as quais passam a perpassar âmbitos sociais diversos e a propagar danos à integridade física e, principalmente, psíquica dos sujeitos. Sabendo que os valores e normas encontram-se em processo de

afrouxamento e desarticulação, os sentidos originários ausentes ou enfraquecidos tornam as experiências vividas, principalmente no âmbito do lazer, irrefletidas e por vezes com ilusória aparência de inconsequência.

Essa irreflexão e aparente inconsequência das escolhas no cotidiano adolescente, principalmente no que concerne ao tempo livre, comumente é observada e inclusive comentada em trabalho científico (Sarriera, J. C.; Tatim, D. C.; Coelho, R. P. S. & Büsker, J., 2006) ao ressaltar que existe grande exposição destes sujeitos a novas e atraentes experiências que podem até afetar a saúde e segurança pessoal e social.

Essas experiências no tempo livre são capazes de promover qualidade vital e engrandecimento social ou infligir riscos (Sarriera, Silva, Biehl & Zandonai, 2008). Já que as práticas realizadas no tempo livre, especificamente as tidas como lazer, são cabíveis de funcionarem como fator de proteção ao favorecerem salutarmente crescimento pessoal, grupal ou mesmo social, bem como por outro lado podem desembocar em situações de risco ao desencadearem malefícios diversos à estrutura e funcionamento integral do sujeito, dentre os quais encontram-se as práticas violentas.

Quanto aos riscos, o trabalho científico já citado (Sarriera et al., 2006) pontua que as informações não necessariamente são efetivas para que o sujeito adolescente evite uma determinada prática ou atitude danosa. Até porque a decisão do adolescente quanto às suas condutas irá ser fortemente influenciada pelas diversas informações propagadas por variados meios (comunicação televisiva, radiofônica, mídia eletrônica, escola, “boca-a-boca”) e pelo comportamento do grupo

de iguais, o qual transmite valores por meio da participação conjunta em experiências.

Isso torna-se mais preocupante na atualidade porque o homem contemporâneo possui acesso a uma gama excessiva de informações, mas carece de capacidade ou habilidade para sintetizar e selecionar, enfim, para tomar decisões convenientes. Essa habilidade é alcançada por meio de uma maturidade vivencial que pode ser conseguida, dentre outros meios, através de uma educação para o ócio potencializadora do sujeito (Martins, 2008), experiência essa que gera, inclusive, autoconhecimento e desenvolvimento pessoal e social.

As pessoas maduras depois de enfrentarem sofrimentos e escolhas decisivas e substanciais ao longo da vida tornam-se mais prudentes, cautelosas (Cifuentes, 2003) e adquirem a habilidade para descobrir ou extrair o sentido das coisas ou das situações diante das quais defrontam-se (Frankl, 1990a). Pois, especialmente na atualidade os indivíduos necessitam constituir suas atitudes e experiências a partir de convicções pessoais, a fim de não encontrarem-se simplesmente susceptíveis às circunstâncias que lhe são apresentadas.

Também a partir dos encontros grupais desenvolvidos por esta pesquisa, de Dissertação do Mestrado em Psicologia da UNIFOR, focalizados no tema da violência e realizados com adolescentes, com faixa etária entre 14 e 16 anos, moradores de comunidade inserida em contexto violento percebeu-se, dentre outros fatos, um enfraquecimento dos vínculos familiares. Enfraquecimento esse que, por vezes, propaga-se junto aos demais relacionamentos sociais, fato que demonstra desagregação ou degradação social, com uma certa semelhança do que foi constatado pela autora Bucher-Maluschke (2004).

Essa decomposição ou deterioração vincular, segundo Bucher-Maluschke (2004), representa uma devastação ou extinção do sentido ou da confiança em que firmavam-se as relações interpessoais. Quando o sujeito encontra-se eximido de sentido, o valor e a relevância dos atos ou relações passam a se perder ou desconfigurar. Nesta ocasião de ausência de sentido os valores socioculturais essenciais e substanciais são desprivilegiados pelo fato de o indivíduo estar desconectado da preponderância de sua responsabilidade, inerente à liberdade autêntica, que o faz agir respeitosamente.

A falta de respeito (tomando por base o significado da palavra respeito: deferência, consideração, apreço, relação), como o próprio termo relata, anula a possibilidade de uma relação verdadeira com outrem. Infelizmente, algumas relações familiares atuais, inclusive em contextos considerados violentos, carecem de respeito e são pautadas na desconfiança, descrença, falta de espaço para diálogo, ausência de sentimento de proteção. Os adolescentes, integrantes do grupo em questão, relataram conflitos familiares de cunho verbal e debilidade ou instabilidade das relações afetivas.

Bucher-Maluschke (2004) pontua ainda que o processo de violência familiar pode principiar, dentre vários fatores, pela inexistência de modelos familiares adequados, pela ausência ou afrouxamento de regras ou por vivências de revolta, as quais têm como alvo os filhos a fim de descarregar emoções desagradáveis. O que indica, frequentemente, a existência de uma certa confluência entre as violências familiares e as variadas formas de violências e carestias sociais pelas quais os indivíduos passam. Claro que isso não justifica uma desorganização familiar tamanha, mas acaba por contribuir para tal fato sobretudo quando os indivíduos



carecem de uma sólida estruturação e base formativa que os capacitem para fazer escolhas e tomar atitudes munidas de sentido autêntico, originário e valorativamente positivo.

Ao unir essas colocações com a conjuntura social contemporânea, da qual já foram destrinchadas algumas características anteriormente, vê-se uma progressiva dilaceração das relações primordiais e essenciais, em que a desconfiança e a indiferença pautam uma afetividade violenta.

Essas reflexões são fruto do percurso teórico e de campo desenvolvido junto a esta pesquisa, assim corroboram com os dados colhidos e analisados. Reconhece-se que os objetivos almejados para tal investigação científica foram atingidos, a partir das explanações que constam no tópico dos resultados e discussões. Já a metodologia utilizada para a coleta dos dados, a qual abrangeu pesquisa qualitativa social e grupal, e a técnica para análise dos dados, a qual foi análise de conteúdo de Bardin (1977), constituíram-se como adequadas e satisfatórias tendo em vista a temática da violência ser delicada para ser abordada e os dados terem sido registrados por meio de transcrições dos encontros grupais, os quais foram permeados de estímulos lúdicos a fim de suscitar a discursividade e expressividade dos adolescentes.

Portanto, a relevância dessa investigação encontra-se na construção teórica e vivencial possibilitada, já que a formação grupal deu-se a partir de adesão pessoal dos adolescentes que em conjunto construíram reflexões e discussões acerca da temática da violência social e explicitaram a importância do espaço grupal para este fim destinado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguirre, Á. & Rodríguez, M. (1997). *Skins, punkis, okupas y otras tribus urbanas*. 2 Colección INFAD. Barcelona, España: Ediciones Bardenas.
- Almeida, M. A. B. de; Gutierrez, G. L. & Marques, R. (2008, Dezembro). O Lazer como Objeto das Ciências Humanas. *Licere*, Belo Horizonte, Vol. 11, número 3, 1-15.
- Bauer, M. W. (2004). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In Bauer, M. W. & Gaskell, G. (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 189-217). Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Bauer, M. W. & Aarts, B. (2004). A construção do *corpus*: um princípio para a coleta dos dados qualitativos. In Bauer, M. W. & Gaskell, G. (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 39-63). Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Bauer, M. W., Gaskell, G. & Allum, N. C. (2004). Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 17-36). Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Bauman, Z. (1998). *O mal estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama, Cláudio Martilelli. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar Editora.
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar Editora.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Berriain, J. (2008). *Aceleración y tiranía del presente: la metamorfosis en las estructuras temporales de la modernidad*. Barcelona, España: Anthropos.
- Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2004). Vínculo, afetividade e violência: Desafios para a família e a sociedade. In G. Maluschke, J. S. N. F. Bucher-Maluschke & K. Hermanns (Eds.), *Direitos humanos e violência: Desafios da ciência e da prática* (pp. 157-170). Fortaleza, Brasil: Fundação Konrad Adenauer.
- Carneiro H. F. (2006). Banalização do patrimônio cultural material e consequências perversas para a vida na cidade. In C. Martins (Org.). *Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar* (pp. 17 – 29). São Paulo, Brasil: Roca.
- Carneiro, H. F. (2008). O ócio subjetivo: aportes para uma leitura psicanalítica. In M. C. Cuenca & J. C. Martins (Orgs.). *Ócio para viver no século XXI* (pp. 271 - 284). Trad. Artur Rocha, Clerton Martins e Maurício Benevides et al. Fortaleza, Brasil: As Musas.
- Cifuentes, R. L. (2003). *A maturidade*. São Paulo, Brasil: Editora Quadrante.
- Chanlat, J. (1996). O ser humano, um ser espaço-temporal. In J. Chanlat (Ed.). *O indivíduo na organização: Dimensões esquecidas* (pp. 108-110). Trad. Ofélia de Lanna Sette Tórres. Vol. 3. São Paulo, Brasil: Editora Atlas.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Cuenca, M. C. (2000). *Ocio humanista: Dimensiones y manifestaciones actuales del ocio*. Documentos de Estudios de Ocio, número 16. Bilbao, España: Instituto de Estudios de Ocio – Universidad de Deusto.

- Cuenca, M. C. (2004). *Pedagogia del ocio: Modelos y propuestas*. Bilbao, España: Instituto de Estudios de Ocio – Universidad de Deusto.
- Cuenca, M. C. (2006). *Aproximación multidisciplinar a los estudios de ocio*. Documentos de Estudios de Ocio, número 31. Bilbao, España: Instituto de Estudios de Ocio – Universidad de Deusto.
- Cuenca, M. C. & Martins, J. C. (Orgs.) (2008). *Ócio para viver no século XXI*. Trad. Artur Rocha, Clerton Martins e Maurício Benevides et al. Fortaleza, Brasil: As Musas.
- De Masi, D. (2000). *A sociedade pós-industrial*. São Paulo, Brasil: Editora do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC.
- Dumazedier, J. (1980). *Valores e conteúdos culturais do lazer*. Biblioteca Científica - Série Lazer Vol. 3. Tradução Regina Maria Vieira. São Paulo, Brasil: Editora do Serviço Social do Comércio - SESC.
- Estatuto da criança e do adolescente (ECA) (2001). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 e Lei nº 8.242, de 12 de outubro de 1991. Brasília, Brasil: Centro de Documentação e Informação – Coordenação de Publicações da Câmara dos Deputados.
- Frankl, V. E. (1990a). *A questão do sentido em psicoterapia*. Trad. Jorge Mitre. Campinas, Brasil: Papyrus.
- Frankl, V. E. (1990b). *Psicoterapia para todos: Uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva*. Trad. Antônio Estevão Allgaver. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Frankl, V. E. (2005). *Um sentido para a vida: Psicoterapia e humanismo*. Tradução Victor Hugo Silveira Lapenta Aparecida. São Paulo, Brasil: Ideias & Letras.
- Gaelzer, L. (1979). *Lazer: Benção ou maldição?* Porto Alegre, Brasil: Sulina – Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Gomes, C. M. (2008, Abril). *Dumazedier e os estudos do lazer no Brasil: Breve trajetória histórica*. Anais do IX Seminário Lazer em Debate – Universidade de São Paulo (USP). Acessado em 05 de julho, 2008, em <http://www.uspleste.usp.br/eventos/lazer-debate/anais-cristina.pdf.pdf>
- Gómez, J. C. R. (1992). *Tiempo y ocio: Crítica de la economía del trabajo*. Bogotá, Colombia: Universidad Externado de Colombia.
- Grün, A. (2007). *No ritmo dos monges: Convivência com o tempo, um bem valioso*. Trad. Frederico Stein. São Paulo, Brasil: Paulinas.
- Gutierrez, G. L. (2001). *Lazer e prazer: Questões metodológicas e alternativas políticas*. Campinas, Brasil: Autores associados chancela editorial CBCE.
- Hall, E. T. (1977). *A dimensão oculta*. Trad. Sônia Coutinho. Rio de Janeiro, Brasil: Francisco Alves.
- Larousse. (1992). *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Brasil: Nova Cultural.
- Lopes, M. de S. (2008, Abril). *Lazer/Ócio, Teatro e Animação Sociocultural*. *Licere*, Belo Horizonte, Vol. 11, número 1, 1-17.
- Marcellino, N. C. (1987). *Lazer e Educação*. Campinas, Brasil: Papyrus.
- Marcellino, N. C. (Org.) (2007). *Lazer e cultura*. Coleção estudos do lazer. Campinas, Brasil: Editora Alínea.
- Martins, J. C. de O. (2008). *Educação para o Ócio no trabalho: potencializando sujeitos para vida*. In M. C. Cuenca & J. C. Martins (Orgs.). *Ócio para viver no*

- século XXI* (pp. 219-248). Trad. Artur Rocha, Clerton Martins, Maurício Benevides et al. Fortaleza, Brasil: As Musas.
- Marugán, A. L. & Santamaria, M. L. S. (2000). *El ocio de la sociedad apresurada: El caso Vasco*. Documentos de Estudios de Ocio, número 10. Bilbao, España: Universidad de Deusto.
- Mascarenhas, F. (2005). *Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer*. Tese Doutoral em Educação Física – Faculdade de Educação Física. Campinas, Brasil: Universidade Estadual de Campinas.
- May, T. (2004). *Pesquisa social: Questões, métodos e processos*. Trad. Carlos Alberto Silveira Netto Soares. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Melo, V. A. de & Werneck, C. L. G. (2004). Os estudos sobre o lazer no Brasil. *Revista Movimento*. Acessado em 16 de maio, 2008, em [http://www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/estado\\_arte\\_lazer\\_movimento\\_chris.pdf](http://www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/estado_arte_lazer_movimento_chris.pdf)
- Mesa, M. J. C. (2002). *Propuestas alternativas de investigación sobre ocio*. Bilbao, Espanha: Universidade de Duesto.
- Munné, F. (1980). *Psicosociologia del tiempo libre: Um enfoque crítico*. México: Trillas.
- Pires, G. de L. & Antunes, S. E. (2007). Revisitando os interesses intelectuais do lazer mediante as inovações tecnológicas de informação/comunicação. In N. C. Marcellino (Org.). *Lazer e cultura*. Coleção estudos do lazer. Campinas, Brasil: Editora Alínea.
- Porto, M. S. G. (2006, Jul/Dez). Crenças, valores e representações sociais da violência. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 8, número 16, 250-273.
- Pratta, E. M. M. & Santos, M. A. (2007, Jan-Mar). Lazer e uso de substâncias psicoativas na adolescência: Possíveis relações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Vol. 23, número 1, 45-52.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa, Portugal: Gradiva.
- Romero, M. P. T. (2002). *Adolescencia, violencia y género*. Tese Doctoral - Universidad Complutense de Madrid. Madrid, España: Departamento de Psicología Evolutiva y de la Educación.
- Sarriera, J. C.; Tatim, D. C.; Coelho, R. P. S. & Büsker, J. (2006, Dezembro). *Uso do tempo livre por adolescentes de classe popular*. Acessado em 15 de abril, 2008, em [www.scielo.br/prc](http://www.scielo.br/prc).
- Sarriera, J. C., Silva M. A., Biehl, K. & Kandonai, Z. (2008). O tempo livre e o ócio emancipatório: alternativas aos comportamentos de risco na juventude. In Dimenstein, M. (Org.). *Psicologia social comunitária: aportes teóricos e metodológicos* (pp. 117-151). Natal, Brasil: EDUFRN – Editora da UFRN.
- Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - Senac (1998). *Lazer e recreação*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Senac Nacional.
- Serviço Social do Comércio / World Leisure Recreation Association - Sesc / WLra (2000). *Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society*. São Paulo, Brasil: SESC / WLRA.
- Soczka, L. (2005). Viver (n)a Cidade. In L. Soczka (Ed.). *Contextos humanos e psicologia ambiental* (pp. 91-132). Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Soto, C. Á. (2005). *Ocio, jóvenes y posmodernidad*. Almería, España: Universidad de Almería.

- Speller, G. M. (2005). A importância da vinculação aos lugares. In L. Soczka (Ed.). *Contextos humanos e psicologia ambiental* (pp. 133-168). Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Teixeira, L. C. (2004). Sujeito e violência nas tramas da urbanidade. In G. Maluschke, J. S. N. F. Bucher-Maluschke & K. Hermanns (Eds.). *Direitos humanos e violência: Desafios da ciência e da prática* (pp. 123-132). Fortaleza, Brasil: Fundação Konrad Adenauer.
- Viana, L. D. (1995). La etnografía como actividad y discurso. In A. B. Aguirre (Ed.). *Etnografía: Metodología cualitativa em la investigación sociocultural* (pp. 260-270). Barcelona, España: Ed. Boixareu Universitaria Marcombo.

## **ANEXOS**

---

## **CRONOGRAMA UTILIZADO COMO BASE PARA A REALIZAÇÃO DESTA PESQUISA DE MESTRADO.**

Levantamento bibliográfico sobre o tema de interesse.	Setembro – Dezembro 2007
Delimitação do tema da pesquisa.	Outubro 2007
Definições teóricas, interrelações com outras produções afins.	Outubro 2007 – Agosto 2008
Revisão de literatura do material selecionado.	Outubro 2007 – Agosto 2008
Fichamentos do material teórico.	Outubro 2007 – Agosto 2008
Definições conceituais para os termos da pesquisa.	Outubro 2007 – Agosto 2008
Estruturação primeira do Projeto de Pesquisa.	Novembro 2007
Supervisões do orientador.	Quinzenais
Aprimoramentos e ajustes ao projeto.	Nov. 2007 – Setembro 2008
Elaboração de Artigo Científico.	Janeiro 2008
Reuniões do laboratório OTIUM.	Semanais.
Ajustes do projeto para qualificação.	Julho 2008
Participação em eventos científicos.	Outubro 2008
Preparação do material para qualificação	Agosto 2008
Qualificação do Projeto.	Outubro 2008
Elaboração dos instrumentos de coleta de dados.	Março 2008
Ajustes nos instrumentos de coleta de dados.	Março 2008
Coleta de dados.	Abril 2008 – Março 2009
Análises de dados.	Abril 2009
Ajustes finais e preparação para apresentação dos resultados em	Maio 2009
Seminário do laboratório OTIUM.	
Preparação do material para defesa da dissertação	Julho 2009
Defesa da Dissertação.	Setembro 2009
Elaboração do Artigo Científico da Pesquisa.	Outubro 2009
Publicações em revistas científicas e participação na elaboração de	Novembro 2009
livro do OTIUM.	



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ  
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA  
ENSINANDO E APRENDENDO

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA  
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
Comitê de Ética em Pesquisa – COÉTICA

**PARECER N.º. 025/2007**

**Projeto de Pesquisa:** Ócio: representações, práticas e funções na sociedade que centraliza o trabalho.

**Pesquisador Responsável:** José Clerton de Oliveira Martins

**Data de apresentação ao COÉTICA:** 12/03/07

**Registro no COÉTICA:** 07-042

**CAAE:** 0020.0.037.000-07

**Parecer:** APROVADO na data de 26/03/07

*Prof. Dr. Haroldo Rodrigues de Albuquerque Júnior*  
*Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFOR – COÉTICA*



NOME DO REVISOR  
NÚMERO REGISTRO DE PROFESSOR  
REVISÃO GRAMATICAL E ESTILÍSTICA DE TEXTOS

### DECLARAÇÃO

Declaro, para constituir prova junto ao(à) Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR que procedi ao trabalho de revisão estilística e gramatical do(a) Dissertação, intitulado(a) "A experiência de lazer para adolescentes inseridos em contextos violentos", da autoria de Lisieux D'Jesus Luzia de Araújo Rocha orientado(a) pelo(a) professor Dr. José Clerton de Oliveira Martins, pelo que assino a presente.

Fortaleza, 05 de agosto de 2009.

*Isabele Maria de O<sup>ca</sup> Aguiar*

Prof.(a)



## AUTORIZAÇÃO

O PROJETO NAVIA – Núcleo de Atenção a Vítima de Violência Urbana, tem como objetivo trabalhar com problemas em torno da violência no espaço público, e para isto propõe um trabalho com grupos de crianças e adolescentes a fim de se discutir estas questões cada vez mais presentes na vida cotidiana.

Os encontros do grupo de adolescentes serão semanais, às sextas-feiras de 9h30m às 11h no NAMI (Núcleo de Assistência Médica Integrada) – Serviço de Psicologia.

Autorizo meu filho(a) a participar do projeto e retornar para casa sem acompanhante.

---

Assinatura do Responsável

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a),

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa que estudará: o sentido de lazer para o adolescente, inserido em contexto violento na cidade de Fortaleza – Ceará – Brasil. A sociedade atualmente, em meio à tecnologização e as solicitações consumistas, enfrenta graves problemas devido a eclosão da violência social e os adolescentes, em fase de estruturação pessoal, são mais propícios a engajarem-se em atitudes que prejudicam a eles e aos demais indivíduos. Sendo as escolhas das atividades de lazer fundamentais para averiguar a repercussão da atribuição de sentido que os adolescentes conferem às suas experiências. Para participar deste estudo solicitamos sua colaboração em participar dos encontros grupais e disponibilizar o uso do conteúdo das sessões grupais, que serão descritos posteriormente, a fim de favorecer o bom desenvolvimento deste presente estudo. Sua participação na pesquisa será voluntária e não remunerada, mediante a sua participação e colaboração nas atividades propostas no decorrer dos encontros grupais.

Damos-lhe a garantia de que não usaremos seu nome e nada que puder lhe identificar neste trabalho. Sua identidade pessoal será mantida no mais absoluto sigilo, inclusive no resultado final do trabalho, conforme atesta a Resolução de nº. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde - Ministério da Saúde brasileiro (CNS/MS).

Concedemos-lhe a garantia de que sua participação nos encontros grupais e, conseqüentemente, nesta pesquisa não lhe trará riscos, mas caso sinta-se constrangido(a) poderá interromper sua participação. Asseguramos que o senhor(a) tem a liberdade de retirar sua autorização ou consentimento a qualquer momento, sem que isto lhe traga quaisquer prejuízo à sua integridade.

Esclarecemos que este estudo terá como pesquisadora Lisieux D'Jesus Luzia de Araújo Rocha, a qual se coloca a sua disposição para quaisquer esclarecimentos através do e-mail: [lisieuxr@hotmail.com](mailto:lisieuxr@hotmail.com).

O estudo será orientado pelo Prof. Doutor José Clerton de Oliveira Martins da Universidade de Fortaleza e autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Fortaleza – Unifor.

### **Declaração de Consentimento**

Li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

\_\_\_\_\_

Nome do participante

\_\_\_\_\_

Assinatura do participante

Obrigado pela sua colaboração e por merecer sua confiança.

\_\_\_\_\_

A Pesquisador(a)

Fortaleza \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 2008

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)